

Luiza Milano & Aline Vargas Stawinski

O rastro do som em
SAUSSURE



O rastro do som em Saussure

Direção do Instituto de Letras:

Profa. Dra. Carmem Luci da Costa Silva

Profa. Dra. Márcia Montenegro Velho

A Comissão de Publicações (COMPUB) do Instituto de Letras:

Cinara Ferreira – Let 3

Regina Zilberman – Let 1

Rafael Brunhara – Let 1

Gisele Busquesi – Let 2

Ana Bocorny – Let 2

Luiza Milano
Aline Vargas Stawinski

O rastro do som em Saussure

E-book



São Leopoldo
2024

© Luiza Milano e Aline Vargas Stawinski – 2024

Editoração: Oikos

Capa: Juliana Nascimento

Imagem da capa: Aline Vargas Stawinski

Revisão: André Dick

Diagramação e arte-final: Jair de O. Carlos

Conselho Editorial:

Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)

Danilo Streck (Universidade de Caxias do Sul)

Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)

Eunice S. Nodari (UFSC)

Haroldo Reimer (UEG)

Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)

João Biehl (Princeton University)

Luiz Inácio Gaiger (Bolsista de Produtividade CNPq)

Marluza Marques Harres (Unisinos)

Martin N. Dreher (IHSL)

Oneide Bobsin (Faculdades EST)

Raúl Fonet-Betancourt (Aachen/Alemanha)

Rosileny A. dos Santos Schwantes (Centro Universitário São Camilo)

Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.

Rua Paraná, 240 – B. Scharlau

93120-020 São Leopoldo/RS

Tel.: (51) 3568.2848

contato@oikoseditora.com.br

www.oikoseditora.com.br

R231 O rastro do som em Saussure. [E-book]. / Luiza Milano e Aline Vargas Stawinski. – São Leopoldo, RS: Oikos, 2024.

129 p.; 16 x 23 cm.

ISBN 978-65-5974-184-7

1. Linguística. 2. Fonética. 3. Fonologia. 4. Saussure, Ferdinand. I. Milano, Luiza. II. Stawinski, Aline Vargas.

CDU 81'34

Catálogo na Publicação: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

SUMÁRIO

Prefácio	7
<i>Carlos Alberto Faraco</i>	
Apresentação	9
Sobre as fontes	12
Sobre os termos	15
Capítulo 1: O rastro do som em Saussure	17
Capítulo 2: Fonético e fonológico no <i>Curso de linguística geral</i>	25
Capítulo 3: O concreto e o abstrato nos estudos do fônico	36
Capítulo 4: A questão da unidade: o caso do fonema	47
Capítulo 5: Sobre objeto e método na linguística saussuriana	56
Capítulo 6: O som como tal e o som como signo	64
Capítulo 7: Sobre o arbitrário do signo	74
Capítulo 8: O arbitrário e a escuta	79
Capítulo 9: O <i>sentimento</i> do sujeito falante	94
Capítulo 10: A escuta linguística e o ouvido saussuriano	107
Referências	122
Nota bibliográfica	129

PREFÁCIO

Ferdinand de Saussure (1857-1913) é, certamente, um dos maiores enigmas, senão o maior, da história da Linguística. Depois de ter publicado, em 1878 (com apenas 21 anos, portanto), seu *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, obra brilhante sob vários aspectos, nunca mais deu à luz qualquer texto de relevância.

Dedicou-se, sem muito alarde, ao ensino de linguística indo-europeia em Paris e, posteriormente, em Genebra, sua terra natal. Em 1906, foi designado para lecionar, em substituição ao recentemente aposentado Prof. Joseph Wertheimer (1833-1908), uma disciplina que tinha Linguística Geral em seu título.

Proferiu, então, três cursos sucessivos que, depois de sua morte em 1913, foram transformados num livro – *Curso de linguística geral* (CLG) – cuja história de escrita é bem conhecida. E foi esse livro, publicado em 1916, que deu, anos depois, notoriedade a Saussure. Paradoxalmente, ele não ficou famoso pelo que escreveu e publicou, mas pelo que escreveram por ele.

Quando virou moda ler o *Curso*, principalmente a partir da apropriação e difusão que dele fez Roman Jakobson nas décadas de 1930 e 1940, trabalhos intensivos e extensivos com as “fontes” do livro e, finalmente, a publicação da edição crítica de Tullio de Mauro (1967) deram a impressão de que o pensamento linguístico de Saussure, mesmo que nos chegando de forma indireta, já não guardava mais segredos.

No entanto, surpresas viriam à frente. Em 1993, são publicados, nos *Cahiers Ferdinand de Saussure* (n. 47), manuscritos de Saussure, reunidos sob o título de *Phonétique*. E, três anos depois, são descobertos outros manuscritos seus, organizados e publicados, em 2002, por Simon Bouquet e Rudolf Engler num livro com o título *Escritos de linguística geral*.

Se até a descoberta dos manuscritos, a única referência era o CLG, lido, quando muito, entrecruzado com as “fontes”, agora as leituras passaram a incluir, incontornavelmente, os manuscritos. Novos caminhos interpretativos foram se abrindo e os estudos saussurianos vieram ganhando novo fôlego.

Este livro, com o sugestivo título de *O rastro do som em Saussure*, é fruto desses novos tempos. Escrito por Luiza Milano, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e Aline Vargas Stawinski, professora da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, consolida um longo período de investigações sistemáticas do grupo de pesquisa a que ambas pertencem.

O tema nuclear do projeto de pesquisa desenvolvido pelo grupo foi o aspecto fônico da *langue*. E o produto aqui apresentado é exemplar. São 10 densos capítulos constituídos com base numa cuidadosa revisita ao CLG, entrecruzada por visitas, igualmente cuidadosas, aos *Escritos* e ao manuscrito *Phonétique*.

As autoras fazem o que costumo chamar, em apropriação quase livre dos termos, de um estudo filológico-fenomenológico: filologicamente, perscrutam, com extrema atenção, os textos da saga saussuriana; fenomenologicamente, tornam o aspecto fônico da *langue* objeto da *epoché* (da redução fenomenológica) e o elucidam com precisão e detalhe.

Com essa investigação, as autoras lançam luz nova sobre tópicos saussurianos muitas vezes negligenciados ou lidos muito superficialmente como as noções de fonética, fonologia e fonema; exploram a questão do concreto e do abstrato no estudo do fônico; retomam o tema da unidade linguística, tão fulcral no pensamento de Saussure; revisitam o princípio do caráter arbitrário do signo; releem o conceito de significante; dissertam sobre a dupla essência da linguagem; e, alimentadas pelo universo conceitual saussuriano, avançam por sendas como a questão da escuta nos estudos da linguagem e o tema do sujeito falante em Saussure.

Há, pois, neste livro, uma ampla costura conceitual que nasce de uma leitura extensiva e modelar dos textos e que dialoga com um conjunto expressivo de estudiosos contemporâneos do legado saussuriano. Dessa forma, o livro abre novas e instigantes perspectivas não só para os que se dedicam aos estudos saussurianos, mas para os linguistas em geral.

Carlos Alberto Faraco

APRESENTAÇÃO

Este livro é o resultado de um percurso de pesquisas, reflexões e publicações que brotaram no interior do grupo de pesquisa intitulado *O rastro do som em Saussure* no ano de 2013, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Ao longo desses últimos dez anos, portanto, na tentativa de investigar o estatuto do aspecto fônico das línguas no pensamento de Ferdinand de Saussure, percebemos que essa tarefa não seria fácil. Afinal, apesar de várias pistas nos indicarem que o mestre genebrino de fato tenha dado destaque à face significativa do signo linguístico em seus estudos, eram poucos os materiais a que tínhamos acesso, seja em português ou em língua estrangeira.

Por esse motivo, começamos pesquisando no próprio *Curso de linguística geral* e nos *Escritos de linguística geral* e, à medida em que acessamos outras fontes manuscritas, das quais já tínhamos conhecimento, mas nas quais ainda não havíamos trabalhado, percebemos o tamanho do trabalho que teríamos pela frente. Foi necessário, portanto, no decorrer de nossos estudos, realizar recortes pontuais, selecionar fontes específicas a serem consultadas e, em alguns momentos, operar deslocamentos a partir de temáticas que mobilizassem o aspecto fônico (ou material, ao considerarmos também as formas gestual e escrita) das línguas.

O percurso nesse terreno iniciou anunciando o tema que em seguida veio a batizar o grupo de pesquisa: *O rastro do som em Saussure*, título que, aliás, recebe não só o primeiro capítulo, como também que condensa as ideias e nomeia o presente livro.

Nossos estudos sobre o fônico em Saussure, em um primeiro momento, tiveram como objetivo buscar entender como as noções de fonética, fonologia e também de fonema eram mobilizadas pelo pesquisador genebrino à sua época. Para esse mergulho inicial, partimos do clássico livro *Curso de linguística geral (CLG)*, percorremos múltiplos manuscritos presentes nos *Escritos de linguística geral (ELG)* e investigamos o ainda pouco conhecido manuscrito *Phonétique*.

Na leitura desses materiais, percebemos indícios de uma relativa primazia do estudo do aspecto fônico das línguas por parte de Saussure, pois a necessidade e a preocupação recorrente de configurar seu objeto de análise parecia estar na dependência metodológica de como recortar esse objeto.

Os indícios encontrados nos primeiros tempos de pesquisa no *Curso de linguística geral* e nos *Escritos de linguística geral* foram fundamentais para, a partir de aprofundamento em fontes manuscritas e editadas, nos certificarmos de que a hipótese acerca do lugar de importância do estatuto do fônico para Saussure não estivesse equivocada. O presente livro registra alguns desses achados presentes em sua formulação inicial já em diferentes publicações de nossa autoria (cf. SURREAUX, 2013; MILANO, 2015, 2016a, 2016b, 2017; STAWINSKI, 2016), e dialogam com outras pesquisas dos integrantes do grupo nessa época (cf. FRYDRYCH, 2013; GOMES, 2016; GARAY, 2016; SORTICA, 2016; DE JORGE, 2017).

Para além do reconhecimento do interesse de Saussure pela materialidade fônica, o mergulho feito por nosso grupo de pesquisa nesses primeiros tempos trouxe também uma série de constatações não imaginadas em um primeiro momento de nossas investigações. Dentre essas constatações, listamos: a reflexão sobre o contraste entre concreto e abstrato, ao se lidar com entidades linguísticas; a profundidade da reflexão sobre o princípio do caráter arbitrário do signo linguístico; a discussão sobre a abrangência da noção de unidade linguística; as decisivas considerações sobre objeto e método no terreno da linguística sincrônica. Ou seja, conforme fomos, como grupo, avançando em nossas investigações, foram se apresentando a nós outras tantas questões no interior da própria teoria saussuriana, tal como deslocamentos a partir dela.

O aspecto fônico das línguas foi a porta de entrada que buscamos ao reler temáticas nada novas, quando se trata do campo dos estudos da linguagem. No entanto, o fônico produziu desvios e avanços inesperados. Em meio a esses movimentos, vimos surgir inquietações acerca de outras materialidades que não a fônica. Assim, tudo que se disse sobre o som precisou, então, nas pesquisas sobre materialidades não fônicas, ser deslocado e pensado sobre a grafia, no caso da escrita e sobre o gesto, no caso de línguas de sinais, como são os deslocamentos operados por Frydrych (2013, 2022) no âmbito da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Então, se, por um lado, alguns estudos de nosso grupo, amparados pela hipótese da assimetria do signo linguístico de Badir (2017), evidenciam

a proeminência da materialidade fônica (cf. STAWINSKI, 2020; GOMES, 2020; SILVEIRA, 2020; RIBEIRO, 2019; RITER, 2019, STEVANIN, 2022), outros trabalhos indicam que a gestualidade e a escrita também podem sustentar uma leitura sobre o não fônico a partir de Saussure (cf. FRYDRYCH, 2013, 2020; OLIVEIRA, 2022).

É, então, sob efeito da escuta de parceiras e parceiros de pesquisa que se envolvem com tanta dedicação e entusiasmo a temas tão instigantes que esse livro surge. É ao grupo *O rastro do som em Saussure* que dirigimos nosso maior agradecimento. Não poderia ficar de fora nosso reconhecimento à casa que nos abriga – a UFRGS – e aos colegas do *Cercle Ferdinand de Saussure* que têm sido importantes interlocutores e incentivadores de nossas pesquisas, especialmente Giuseppe D’Ottavi, Daniele Gambarara, Emanuele Fadda e Giuseppe Cosenza.

SOBRE AS FONTES

Listaremos a seguir as obras do corpus saussuriano apontadas ao longo do livro, conforme apresentado em *Salum após meio século: uma apresentação das fontes saussurianas ao leitor brasileiro* (MILANO, Luiza; STAWINSKI, Aline V.; FRYDRYCH, Laura A. K.; OTTARAN, Elisa D., 2022).

• ***Curso de linguística geral.*** Publicada originalmente em 1916, a obra póstuma de Ferdinand de Saussure foi organizada pelos colegas Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger, aluno de Saussure. Os cursos ministrados por Saussure na Universidade de Genebra aconteceram entre 1907 e 1911:

- 1º curso: de janeiro a julho de 1907;
- 2º curso: de novembro de 1908 a julho de 1909;
- 3º curso: outubro de 1910 a julho de 1911.

Para a organização da obra, Bally e Sechehaye contaram com algumas poucas notas de preparação de aulas do próprio Saussure; além disso, tiveram acesso a anotações de parte dos alunos matriculados nos cursos, como Albert Riedlinger (colaborador da edição), Louis Caille, Léopold Gautier, Paul Regard, Marguerite Sechehaye, George Dégallier e Francis Joseph. A primeira edição em língua portuguesa foi publicada em 1970 pela editora Cultrix, com tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein e prefácio de Isaac Salum. A edição que utilizaremos nas citações do presente livro são oriundas da 8ª edição, de 1977, da Cultrix. Em 2021, a editora Parábola publicou uma nova tradução empreendida por Marcos Bagno (que além da tradução, inseriu notas e um posfácio), com apresentação de Carlos Alberto Faraco.

• ***Escritos de linguística geral.*** Publicada originalmente em 2002 pela editora Gallimard e traduzida apenas dois anos depois para a língua portuguesa pela editora Cultrix (SAUSSURE, 2004), a obra (doravante ELG) foi organizada por Simon Bouquet e Rudolf Engler, com colaboração de Antoinette Weil. Fazem parte dos ELG manuscritos inéditos de Saussure, encontrados em 1996 na casa da família, além de documentos antigos, estes oriundos da edição crítica prévia de Engler (1968-1974).

• *Cours de linguistique générale* – edição com notas de Tullio De Mauro, originalmente publicada em italiano pela Laterza (SAUSSURE, 1967), essa obra é, além de uma tradução, uma edição comentada, a qual conta com 305 notas de Tullio De Mauro, além de uma introdução. As anotações do pesquisador italiano abordam desde a contextualização de debates promovidos pelo CLG, até problemas teóricos e epistemológicos. As notas foram traduzidas e incorporadas na publicação de uma nova edição francesa do CLG (SAUSSURE, 1972), a qual conta também com a introdução de Tullio De Mauro. Este texto, em específico, foi traduzido para a língua portuguesa em 2018, em inédita publicação para a *Fragmentum* (DE MAURO, 2018)¹.

• *Phonétique – Il manoscritto di Harvard Houghton Library bMS Fr 266 (8)* (SAUSSURE, 1995) – edição estabelecida por Maria Pia Marchese, Ed. Unipress – Material também referido como dossiê 8 (1881-1884), pertencente ao acervo da biblioteca de Harvard, o conjunto desses manuscritos trata dispersamente sobre temas variados: noções que levam à ideia de fonema; fonética articulatória; sílaba indo-europeia e a questão das sonantes. A edição de *Phonétique* veio a público, primeiramente, a partir da publicação de Herman Parret no *CFS* 47 (1993), que um ano depois ganhou uma tradução em italiano (1994). Em 1995, o manuscrito recebeu nova edição e foi publicado por Maria Pia Marchese, atual curadora do material. A obra conta com uma ampla introdução da pesquisadora, escrita em italiano, além de apresentar uma descrição detalhada do texto original, apontando rasuras, apagamentos, notas marginais, substituições de termos, entre outras observações.

• *Science du langage. De la double essence du langage et autres documents du ms. BGE Arch. de Saussure 372* (SAUSSURE, 2011) – edição estabelecida por René Amacker, Ed. Droz – A publicação estabelecida por Amacker é uma edição crítica dos manuscritos sobre a dupla essência da linguagem, os quais foram publicados, primeiramente, nos *Escritos de linguística geral* (SAUSSURE, 2004). A edição de Amacker propõe uma nova ordenação do material, além de contar com a transcrição de rasuras, acréscimos margi-

¹ Tradução feita por Maria Iraci Sousa Costa e Amanda Eloina Scherer, disponível em número da *Fragmentum*.

nais e comentários às omissões da primeira versão publicada, dispostos em inúmeras notas de rodapé.

• ***Cahiers Ferdinand de Saussure***. Revista fundada em 1941, sob o comando do *Cercle Ferdinand de Saussure* desde 1957, a publicação é responsável pela divulgação das pesquisas inéditas relacionadas à obra saussuriana, assim como à atualidade de pesquisas em linguística geral, semiologia e história e epistemologia da linguística. As sessenta primeiras edições podem ser acessadas gratuitamente na página oficial do *Cercle Ferdinand de Saussure*. Ao longo dos anos, os *Cahiers Ferdinand de Saussure* funcionaram como importante espaço de divulgação dos manuscritos saussurianos à medida em que foram sendo descobertos e/ou estudados.

• ***Lexique de la terminologie saussurienne*** – Rudolf Engler (1968), Ed. Spectrum / Utrecht-Anvers – Nessa obra, Engler reúne termos linguísticos utilizados por Ferdinand de Saussure (termos criados, revisados, comentados ou criticados pelo linguista, conforme anuncia o prefácio). A coleção terminológica é uma espécie de obra complementar à edição crítica de Engler (SAUSSURE, 1967; 1974) e aos *Recueil* (SAUSSURE, 1922), *corpus* do qual Engler valeu-se para realizar esse levantamento.

• ***Dalle parole ai termini. I percorsi di pensiero di Saussure*** – Giuseppe Cosenza (2016), Ed. Edizioni dell’Orso – A obra é composta por uma coleção terminológica organizada em dezesseis seções que contemplam manuscritos saussurianos, cuja proposta é traçar um caminho histórico-evolutivo de uma possível “passagem” de palavras a termos. A obra conta com uma longa introdução aos manuscritos de Saussure por um viés terminológico e faz uma análise a partir dos índices remissivos de edições publicadas dos manuscritos.

No presente livro, privilegiaremos as traduções em língua portuguesa das obras acima citadas. Para aquelas em que não há ainda tradução para o português, a tradução será de nossa responsabilidade. Exceção será feita aos trabalhos de caráter terminológico de Rudolf Engler (1968) e Giuseppe Cosenza (2016), que serão mantidos no original.

SOBRE OS TERMOS

Apresentaremos a seguir algumas considerações sobre termos oriundos do corpus saussuriano que serão veiculados neste livro.

- **Signo/significante**

Tanto no *Curso de linguística geral* (SAUSSURE, 1977) como no manuscrito “Sobre a essência dupla da linguagem” (SAUSSURE, 2004), há uma oscilação na utilização no termo “signo”. Ele é ora utilizado para apontar apenas a porção material do signo linguístico (o que depois passa a ser nomeado como “significante”) e ora ele é utilizado para a unidade em sua totalidade (conjunto de significado e significante).

- **Falante/sujeito falante**

O termo francês *sujet parlant* será traduzido por sujeito falante (em vez da tradução brasileira “falante”, presente em SAUSSURE, 1977; 2021).

- **Fonética/fonologia**

O termo fonética para Saussure, tal como se pode ler no *Curso de linguística geral* (1977, p. 43), está relacionado ao estudo da evolução histórica dos sons das línguas.

Já o termo fonologia merece um detalhamento, de acordo com a fonte estudada. No *Curso de linguística geral*, ao se anunciar que o estudo do sons da língua depende das relações entre os sons, lê-se a expressão fonologia combinatória (SAUSSURE, 1977, p. 64). Nos *Escritos de linguística geral* (Antigos Documentos – 14b Notas de fonologia), encontra-se também a proposta de uma fonologia combinatória, a qual pressupõe leis que presidem a disposição dos fonemas (SAUSSURE, 2004, p. 214). Já no manuscrito *Phonétique*, o termo que é encontrado para referir o campo de estudo dos sons das línguas é fonética semiológica (SAUSSURE, 1995, p. 120).

• Ouvido/orelha

O termo francês *oreille* será traduzido por *ouvido*, escolha distinta de publicações anteriores (cf. MILANO; STAWINSKI; GOMES, 2016; STAWINSKI, 2016), quando optamos pelo tradução *orelha*, por influência da relação estabelecida em Parret (2014) entre *oreille* e *bouche* (orelha e boca, respectivamente – que carregam um sentido mais corporal e que causou estranhamento para alguns leitores de nossos trabalhos anteriores). A opção por ouvido também nos permite aproveitarmos a ambiguidade entre o substantivo (“o ouvido”) e a forma verbal do particípio passado do português (“aquilo que foi ouvido”, “escutado”) para enfatizar o sentido de escuta linguística. Distanciamos-nos, portanto, da definição fisiológica que orelha pode acarretar ao leitor.

• Langue/parole

Optamos por utilizar o termo em francês *langue* (em vez da tradução brasileira “língua”, presente em Saussure (1977; 2004; 2021) para fazer referência ao conhecido conceito saussuriano. Nosso objetivo, ao acatarmos a sugestão de não tradução dos conceitos *langue* e *parole* presente na nota 68 de Tullio De Mauro (SAUSSURE, 2015, p. 389-391), é destacar a interpretação de *langue* como “sistema de valores”, evitando, assim, eventual confusão com a ideia de “língua como idioma” que seu equivalente em português possa ocasionar.

Quanto à *parole*, optamos, igualmente, por manter o termo em francês (em vez da tradução brasileira “fala” presente em Saussure (1977; 2004; 2021), pois, muitas vezes, percebemos uma interpretação da noção de “fala”, em português, fortemente relacionada à ideia de fonação. Em nosso entender, o conceito de *parole* é predominantemente relacionado à apropriação individual da *langue*, ou ainda, à realização da faculdade da linguagem pelos indivíduos.

Ademais, a união dos conceitos pelo traço em *langue-parole* pretende enfatizar graficamente a indissociabilidade desses conceitos.

Capítulo 1

O RASTRO DO SOM EM SAUSSURE

Neste capítulo, partimos daquilo que costuma ocupar o lugar da evidência nos estudos da linguagem: o aspecto sonoro da *langue*. Designado como fonologia², esse foi um dos principais temas abordados por Ferdinand de Saussure em seu primeiro curso de linguística geral, ministrado de 16 de janeiro a 3 de julho de 1907, na Universidade de Genebra. Esse curso foi precursor daquilo que viemos postumamente a conhecer como o CLG – *Curso de linguística geral* –, obra que funda a linguística moderna, editada postumamente por Charles Bally e Albert Sechehaye em 1916.

O percurso deste capítulo buscará nas reflexões do mestre genebrino o rastro deixado por suas considerações acerca do aspecto fônico da *langue*. Em um primeiro momento, buscaremos dar foco à discussão que ronda a materialidade do significante. Após essa reflexão, encaminharemos uma discussão acerca do lugar do estudo da materialidade fônica à luz da teoria do valor. Em nosso percurso, tomaremos como *corpus* parte do legado do mestre genebrino, partindo principalmente do clássico livro *Curso de linguística geral* e do manuscrito “Sobre a essência dupla da linguagem”, documento integrante dos *Escritos de linguística geral* (SAUSSURE, 2004).

Sabe-se que há oscilações, no CLG, quanto ao aspecto material da imagem acústica. Nesse sentido, buscaremos trazer à tona essas oscilações. Em um segundo momento, trataremos das considerações saussurianas sobre o embrião das noções de fonema, fonética e fonologia. Nesse sentido, acompanharemos os estudos de Marchese, pesquisadora curadora dos manuscritos saussurianos sobre fonética. Nossa intenção é auxiliar a contextualizar a consideração dos aspectos fônicos da *langue* a partir do legado saussuriano.

Começemos, então, dando atenção maior ao aspecto fônico da *langue*. Lembramos bem que, ao nos apresentar o signo linguístico, Saussure

² Ou fonética fisiológica (*Lautphysiologie*), conforme aponta Isaac Nicolau Salum, no excelente prefácio à edição brasileira do *Curso de linguística geral* (SAUSSURE, 1977).

propõe concebê-lo como uma entidade psíquica de duas faces. Diz isso não sem antes anunciar que o signo linguístico NÃO une uma coisa e uma palavra (ou um nome), mas um conceito e uma imagem acústica. Ao fazer essa ressalva, o mestre nos diz: “Esta [a imagem acústica] não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos” (SAUSSURE, 1977, p. 80).

Vemos aqui Saussure nos apontando que o signo linguístico não liga uma coisa a um nome, mas um conceito a uma imagem acústica. E, mais do que isso, alerta-nos que não devemos conceber a imagem acústica como o som material, mas como a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dão testemunho nossos sentidos. Uma parada importante aqui se faz necessária para pensarmos o deslocamento terminológico fundamental nesse aspecto fundante da teoria saussuriana: imagem acústica – impressão acústica – significante.

Sendo então o signo linguístico a união de um significado e um significante, e sendo o significante o foco de nossa atenção neste capítulo, cabe-nos apenas lembrar que o significado é a porção do signo que dá conta do aspecto conceitual, ou, como nos aponta o CLG, na página 133, por ser a contraparte da imagem auditiva, constitui sua (do signo) significação. Obviamente, sustentamos a interdependência recíproca entre significado e significante. Trata-se de uma consideração *sine qua non* da teoria. No entanto, estaremos aqui dedicando maior atenção para a porção de significante do signo, considerando a necessidade que ainda percebemos no campo de tomar o aspecto fônico da *langue* como “condutor” e constituinte na transformação de massas amorfas em signos de uma dada língua³.

Considerando, então, o aspecto fônico da *langue*, buscaremos discutir aquilo que temos chamado de *a dupla face do significante*⁴, tal como propomos abaixo:

1. O significante como representação no sistema;
2. O significante como porção fônica (de “natureza auditiva”).

Vejam mais de perto o que seriam cada um desses aspectos que compõem a forma de ser do significante no seio do signo linguístico.

³ Mais adiante, ao trabalharmos as noções de identidade e unidade, detalharemos essa questão.

⁴ Voltaremos a essa questão de forma mais aprofundada no Capítulo 6.

1. O significante como representação no sistema

Encontramos no CLG afirmações que indicam que o significante não é necessariamente material, que sua característica predominante é produzir diferenças no sistema. Apontaremos a seguir três passagens do CLG em que localizamos essa perspectiva.

1.1. “O essencial da língua é estranho ao caráter fônico do signo linguístico” (SAUSSURE, 1977, p. 14).

1.2. “...a fonação, vale dizer, a execução das imagens acústicas, em nada afeta o sistema em si” (SAUSSURE, 1977, p. 26).

1.3. “Em sua essência, este [o significante linguístico] não é de modo algum fônico” (SAUSSURE, 1977, p. 138).

Podemos observar, nos recortes acima destacados, a indicação, no texto do CLG, do fato de que, no que diz respeito ao significante, Saussure enfatiza sua preponderância enquanto aspecto contrastivo. Ou seja, a porção material conta muito mais pelo fato de produzir diferenças (e oposições) do que pela materialidade fônica que carrega em si. De forma resumida, a partir das passagens acima podemos dizer que, para Saussure, o significante não é o som (ou o aspecto fônico, ou impressão acústica, produzida pelos signos linguísticos).

2. O significante como porção fônica (de “natureza auditiva”)

Vejam agora recortes do CLG que nos indicam uma preocupação para com o aspecto material do significante, o que talvez tenha indicado a primeira tentativa de Saussure de nomear essa porção do signo linguístico como imagem acústica.

2.1. “O significante, sendo de natureza auditiva,...” (SAUSSURE, 1977, p. 84).

2.2. “...mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações” (SAUSSURE, 1977, p. 22).

2.3. “...transmissão fisiológica da imagem acústica” (SAUSSURE, 1977, p. 19).

Como podemos observar nos recortes acima destacados, a outra face do significante nos aponta que o significante é fônico. O preenchimento material do aspecto fônico do signo linguístico se dá a partir de um mecanismo psico-físico cuja transmissão fisiológica é de natureza auditiva. Pare-

ce não haver dúvidas de que o significante depende de seu aspecto material. Portanto, nesse ponto de vista, o significante é o som⁵.

Como, então, resolver esse impasse frente ao caráter duplo do significante? Afinal, o significante é ou não fônico?

E será no próprio CLG que buscaremos a indicação de um caminho para tentar desdobrar essa inquietante caracterização dupla do significante linguístico. Saussure nos diz:

Quando se trata de uma língua viva, o único método racional consiste em:
a) estabelecer o sistema de sons tal como é reconhecido pela observação direta;
b) observar o sistema de signos que servem para representar – imperfeitamente – os sons (SAUSSURE, 1977, p. 47).

Ainda mais uma vez, deve-se destacar uma passagem do CLG para dar voz ao mestre:

O que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam a significação (SAUSSURE, 1977, p. 137).

Vemos, então, que a garantia de existência de um signo linguístico está no fato de que ele produza diferença e oposição dentro de um sistema. No entanto, para que se possa produzir efeitos contrastivos, precisamos de uma materialidade que carregue e sustente essa diferença. Eis então a função do que estamos a chamar de aspecto fônico no âmbito do significante. É necessário que o significante seja formatado com recorte material para que entre os significantes ou entre significante e significado se possa estabelecer diferenças e oposições. Assim também, como se pode acompanhar nos capítulos introdutórios à Teoria do Valor⁶, o signo linguístico necessita ser concebido como uma entidade concreta da *langue* para que seja passível de produzir identidade: se um signo é o que os outros não são, é necessário buscar uma pista na realidade concreta desse signo para que se possa identificá-lo como pertencente a uma dada língua e opô-lo a todos os demais signos dessa língua.

Jakobson, em *Seis lições sobre o som e o sentido*⁷, destaca que foi justamente no aspecto significativo da fonologia – o som concebido como significante – que os herdeiros de Saussure tiveram razão em investir.

⁵ Isso se considerarmos as línguas orais. Quando se trata de línguas visuoespaciais, o significante será o gesto (FRYDRYCH, 2013; 2020).

⁶ Capítulo 2 (“As entidades concretas da língua”) e Capítulo 3 (“Identidades, realidades, valores”), da segunda parte do *Curso de linguística geral*.

⁷ O livro *Seis lições sobre o som e o sentido* é resultado da compilação das aulas ministradas por Roman Jakobson entre 1942-1943, na Escola Livre de Altos Estudos de Nova Iorque.

Vejamos uma boa forma de encaminhar, então, esse impasse entre o aspecto fônico (material) e o aspecto não fônico do significante:

Não vemos muito bem de que serviriam os movimentos fonatórios se a língua não existisse; eles não a constituem, porém, e explicados todos os movimentos do aparelho vocal necessários para produzir cada impressão acústica, em nada se esclareceu o problema da língua. Esta constitui um sistema baseado na oposição psíquica dessas impressões acústicas, do mesmo modo que um tapete é uma obra de arte produzida pela oposição visual de fios de cores diferentes; ora, o que importa, para a análise, é o jogo dessas oposições e não os processos pelos quais as cores foram obtidas (SAUSSURE, 1977, p. 43).

Esse recorte do CLG auxilia significativamente na reflexão acerca do papel das unidades fônicas que compõem a *langue*. Nesse sentido, começamos a dar passagem à noção de fonema, ainda que embrionária, que é proposta por Saussure.

Dentro de cada articulação, as diversas espécies de fonemas se distinguem pelas concomitâncias [...] cuja ausência será um elemento de diferenciação tanto quanto sua presença (SAUSSURE, 1977, p. 56).

No capítulo dedicado à fonologia⁸, no CLG, encontramos uma bela pista sobre como o mestre genebrino propunha pensarmos a unidade de análise em questão e suas formas de representação:

Separados de seus signos gráficos, eles [os sons da *langue*] apresentam apenas noções vagas, e prefere-se então o apoio, ainda que enganoso, da escrita. Assim, os primeiros linguistas, que nada sabiam da fisiologia dos sons articulados, caíam a todo instante nessas ciladas; desapegar-se da letra era, para eles, perder o pé; para nós, constitui o primeiro passo rumo à verdade, pois é o estudo dos sons através dos próprios sons que nos proporciona o apoio que buscamos (SAUSSURE, 1977, p. 42).

Na terminologia da época de Saussure, diferentemente da atual, distinguia-se a fonética – estudo histórico dos sons – da fonologia – estudo da fonação ou da articulação dos sons que leva em consideração as relações entre os fonemas.

Sabemos, tanto pela via do CLG como também através dos *Escritos de linguística geral*, da importância dada por Saussure à definição de objeto e método no campo da linguística para que essa viesse a se constituir como ciência de fato. Encontramos em suas reflexões no manuscrito “Sobre a essência dupla da linguagem” a seguinte afirmação:

⁸ As concepções de fonética e fonologia no CLG serão discutidas de forma mais detalhada no Capítulo 2.

Todo trabalho do linguista que pretende compreender, metodologicamente, o objeto que estuda, se reduz à operação extremamente difícil e delicada na *definição das unidades* (SAUSSURE, 2004, p. 29, grifos do autor).

Então, definir unidades faz parte do empreendimento do linguista ao analisar seu objeto. Vemos que ao mesmo tempo que se preocupava em definir as unidades com as quais trabalha o linguista, Saussure alertava para o fato de que elas jamais poderiam ser dadas de antemão. É sempre no seio do sistema que a delimitação e função de um elemento podem ser concebidas. Acompanhemos o registro sobre esta interdependência, ainda em “Sobre a essência dupla da linguagem”:

A presença de um som, numa língua, é o que se pode imaginar de mais irreduzível como elemento de sua estrutura. É fácil mostrar que a presença desse som determinado só tem valor por oposição com outros sons presentes; e é essa primeira aplicação rudimentar, mas já incontestável do princípio das OPOSIÇÕES, ou dos VALORES RECÍPROCOS, ou das QUANTIDADES NEGATIVAS e RELATIVAS que criam um estado de língua (SAUSSURE, 2004, p. 27, grifos do autor).

Marchese (2012, p. 70) realiza uma importante retomada da forma com que Saussure constrói a definição de fonema no manuscrito *Phonétique* (SAUSSURE, 1995, *cahier* 3, f. 3v):

- Fonema: fenômeno fonético oposto ao silêncio
- Fonemas individuais opostos entre si
- Fonema representando poção de tempo em oposição à espécie fonética
- Fonema em oposição à audição (em oposição à sincronia fisiológica)
- Fonema em oposição a encadeamento

A pesquisadora italiana destaca que as tentativas de definição da noção de fonema são fortemente marcadas por critérios de negatividade, visto que aí já se pode perceber importantes indícios da construção dos princípios da teoria do valor na obra saussuriana. Conforme sublinha essa autora, os conceitos de oposição, valor e diferença, enquadrados em uma perspectiva de negatividade, apontam diretamente para uma célebre passagem do CLG: “na língua só existem diferenças” (SAUSSURE, 1977, p. 139). Prova disso também encontramos ainda mais explicitada na seguinte passagem: “os fonemas são, antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas” (SAUSSURE, 1977, p. 138). Eis aí uma consideração significativa do sistema fônico como organizador da lógica pautada pela teoria do valor, o que,

como sabemos, produziu significativos efeitos nos trabalhos vanguardistas do Círculo Linguístico de Praga.⁹

De forma já um tanto mais elaborada encontraremos a construção teórica acerca dos fonemas e sua dependência recíproca, via teoria do valor, esboçada em “Sobre a Essência Dupla da Linguagem”, conforme se pode acompanhar a seguir:

Presença de um fonema = sua oposição com os outros fonemas presentes, ou seu valor com relação a eles.

Correlação de dois sons (sem “significação”) = sua oposição mútua, seu valor, um com relação ao outro.

Correlação de dois fonemas com correlação de “significações” diferentes = sempre simplesmente seu valor recíproco. É aqui que se começa a entrever a identidade da *significação* e *valor* (SAUSSURE, 2004, p. 28, grifos do autor).

Marchese (2012), ao destacar as referências nos estudos saussurianos sobre fonética, aponta que a integralidade do manuscrito de Genebra sobre a *Théorie des sonantes* se funda sobre o fato de que a fonética, ligada a uma comparação rigorosa das estruturas morfológicas, constitui um ponto central dos estudos indo-europeístas de Saussure. Nesses manuscritos, Saussure dará ênfase principalmente à questão da entonação (no lituano). A pesquisadora italiana acredita que o estudo saussuriano da relação entre o indo-europeu e o lituano foi fortemente marcada pelo peso do aspecto sonoro como pista fônica que teria levado Saussure a chegar ao conceito de sistema: sistema de sons (aspectos fônicos concretos das línguas) – sistema de relações internas (regularidades de cada sistema) – sistema da *langue* (conceito abstrato).

Segundo Marchese (2012), a partir de dados concretos de uma dada língua, Saussure faz uma equivalência matemática abstrata do coeficiente sonântico como elemento funcional de um sistema abstrato. Segundo a autora, esboços dessa lógica encontram-se já em estudos do jovem Saussure dos bancos escolares em relação ao grego (1872), e no iniciante pesquisador do *Mémoire* (1879). Ainda segundo essa pesquisadora, será nos manuscritos sobre fonética (com documentos datados de 1893-1894, época em que sabidamente Saussure estudava o Lituano) que o linguista dá mostras do quanto no estudo do aspecto fônico (no caso, a entonação no lituano) já

⁹ Foi no calor das incitantes discussões do Círculo Linguístico de Praga, nos anos finais da década de 1920, que Jakobson e Trubetzkoy, bastante influenciados pela recente publicação do CLG, traçaram as primeiras e importantes diretrizes daquilo que hoje conhecemos como a fonologia moderna.

aparecem conceitos muito próximos daqueles formulados nos cursos ditados por Saussure na Universidade de Genebra entre 1907-1911.

Bem sabemos que o legado saussuriano segue rendendo instigantes pesquisas e debates que certamente ainda produzirão efeitos em gerações de linguistas e demais estudiosos da linguagem. Por ora, acreditamos ter contribuído com nossas reflexões acerca da importância – ou do estatuto – do estudo do som no percurso do mestre genebrino Ferdinand de Saussure. Pretendemos futuramente estender essa reflexão para os estudos sobre os anagramas¹⁰, registros nos quais sabemos que o mestre permitiu-se, ainda que secretamente, levar-se pelo rastro do som. Mas esta será tarefa para outra empreitada.

¹⁰ Para saber mais sobre os estudos contemporâneos sobre os anagramas em Ferdinand de Saussure, além de Starobinski (1974), ver Testenoire (2014; 2015), Souza (2018), Silveira (2020).

Capítulo 2

FONÉTICO E FONOLÓGICO NO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL

O presente capítulo faz parte do percurso de investigações ao qual temos nos dedicado com o objetivo de tentar responder o quanto o mestre genebrino Ferdinand de Saussure interessou-se pelo aspecto fônico das línguas. Obviamente, ao imprimir um mergulho no conjunto de textos que envolvem o legado do autor, há a necessidade de sustentarmos nossa busca em uma rede conceitual que extrapola o olhar para a primazia do fônico. Queremos com isso sublinhar que a procura pela relevância dos sons das línguas nos estudos de Saussure não se limita a uma caça obstinada a referências ao aspecto acústico e/ou articulatório delas.

É importante dizer que as questões acerca do lugar do fônico no conjunto de reflexões saussurianas ecoam em vários documentos: encontramos rastros de interesse sobre o som das línguas já no inaugural *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indoeuropéennes* (SAUSSURE, 1984), mas também no conjunto de manuscritos reunidos nos *Escritos de linguística geral* (SAUSSURE, 2004), no manuscrito *Phonétique* (SAUSSURE, 1995), no manuscrito *Théorie des sonantes* (SAUSSURE, 2002), no manuscrito *Notes sur l'accentuation lituanienne* (SAUSSURE, 2003), nos estudos sobre os *Anagramas* (STAROBINSKI, 1974). No entanto, sempre é bom lembrar, os estudos linguísticos realizados a partir do legado saussuriano foram alavancados com a publicação da obra póstuma *Curso de linguística geral*. Mesmo passados mais de cem anos de publicação dessa decisiva contribuição para o campo dos estudos da linguagem, causa surpresa ainda ser necessário justificar sua importância.

De nossa parte, gostamos de pensar que o CLG indica-nos *um* – e não *o* – caminho. Como já apontado pelos editores no prefácio à primeira edição (SAUSSURE, 1977, p. 3), tratou-se de um trabalho de assimilação, reconstituição e recriação dos ensinamentos de Ferdinand de Saussure. De forma absolutamente respeitosa para com o legado do genebrino, acompa-

nhamos a posição de Normand (2009) e de Gadet (1987) ao reconhecerem o gesto inaugural de Bally e Sechehaye com a publicação do CLG.

Este capítulo, portanto, dará destaque ao lugar que o aspecto fônico da *langue* ocupa nas reflexões saussurianas presentes no CLG. Aliamo-nos, portanto, aos que consideram o documento editado por Bally e Sechehaye base de um pensamento que apontou caminhos férteis não só para a linguística, como também para demais campos que nutrem seus questionamentos na escuta dos sons.

No percurso deste capítulo, partiremos do CLG e eventualmente visitaremos outros documentos os quais nos auxiliarão na investigação acerca do aspecto fônico no legado do mestre genebrino (pontualmente, em trechos de manuscritos presentes nos *Escritos de linguística de geral* e no manuscrito *Phonétique*).

Ouvindo vozes... no CLG

Conforme anunciado acima, neste capítulo revisitaremos importantes passagens geralmente minimizadas nas principais leituras do clássico livro *Curso de linguística geral*.

Ao lançarmos uma primeira visada ao índice do CLG, já na “Introdução”, Capítulo VII, deparamo-nos com o título “A Fonologia”. Chama-nos a atenção o fato de os editores agregarem o campo do fônico aos demais elementos basilares da reflexão de Saussure. Perguntamo-nos: por qual razão, logo após apresentarem noções como matéria, tarefa e objeto da linguística, os editores elencam questões relativas à escrita (Capítulo VI) e ao aspecto fônico (Capítulo VII) nos pontos introdutórios do pensamento do mestre? Ainda mais: por qual razão seria anexado à “Introdução” um apêndice intitulado “Princípios de Fonologia” contendo dois longos capítulos, um buscando a definição da unidade fonema e outro apontando a função dessa unidade na cadeia falada?

Acreditamos que haja aí uma pista significativa sobre o lugar do fônico na herança saussuriana. Por esse motivo, a seguir, visitaremos detalhadamente o Capítulo VII da “Introdução” – “A Fonologia” – e o “Apêndice de Fonologia”.

Uma primeira observação que merece ser feita é que, em algumas passagens do CLG, é possível interpretar o uso do termo *fonologia* como “fonética fisiológica”, conforme se pode acompanhar nas primeiras páginas do capítulo “A Fonologia”:

A fisiologia dos sons (em alemão *Lauthphysiologie* ou *Sprachphysiologie*) é frequentemente chamada de “Fonética” (em alemão *Phonetik*, inglês *phonetics*, francês *phonétique*). Esse termo nos parece impróprio; substituímo-lo por *Fonologia*. Pois *Fonética* designou a princípio, e deve continuar a designar, o estudo das evoluções dos sons; não se deveriam confundir no mesmo título dois estudos absolutamente distintos. A Fonética é uma ciência histórica; analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo. A Fonologia se coloca fora do tempo, já que o mecanismo da articulação permanece sempre igual a si mesmo (SAUSSURE, 1977, p. 42-43, grifos do autor).

A partir da passagem acima, uma série de esclarecimentos se faz necessária. Em primeiro lugar, porque muitos entenderam que o termo *fonologia*, para Saussure, deveria ser sempre relacionado exclusivamente ao estudo da fisiologia dos sons (algo próximo ao que hoje conhecemos como terreno da fonética articulatória). Da mesma forma, passou-se a depreender que a fonética saussuriana estaria ligada à evolução dos sons. Quanto ao segundo caso, estamos de acordo e não parece que caiba qualquer ajuste. *Fonética*, para Saussure, é o estudo diacrônico dos sons das línguas. No entanto, no que diz respeito à interpretação corriqueira de que a *fonologia* saussuriana seja correspondente à *fonética* dos tempos atuais, cabem ressalvas. Ressalvas essas justificadas após reiteradas leituras que fizemos do próprio CLG. Chamamos a atenção, já de início, para a seguinte passagem presente no “Apêndice de Fonologia”:

Por aí se vê a importância que a fonologia dos grupos deve ter para a Linguística Geral. Enquanto os fonólogos se limitam geralmente a dar regras para articular todos os sons, elementos variáveis e acidentais das línguas, essa Fonologia combinatória circunscreve as possibilidades e fixa as relações constantes dos fonemas interdependentes (SAUSSURE, 1977, p. 64).

Como se pode observar, uma leitura atenta permite constatar que se trata de uma fonologia *combinatória* que leva em consideração as *relações* entre os fonemas. Ao destacarmos os termos *combinatória* e *relações*, estamos manifestando nossa total divergência com a afirmação corriqueira, provavelmente fruto de uma leitura apressada, que considera a fonologia saussuriana correspondente à fonética contemporânea. Definitivamente, afastamo-nos dessa interpretação.

Aliás, ao leitor atento, é extremamente significativo o trecho que reproduzimos de início, no Capítulo VII da “Introdução” (“A Fonologia”): “A Fonologia se coloca fora do tempo, já que o mecanismo da articulação permanece sempre igual a si mesmo” (SAUSSURE, 1977, p. 43). Reconhecemos nesse gesto uma divisão metodológica extremamente produtiva do

mestre suíço, visto que a separação entre abordagem sincrônica e diacrônica das línguas gera mudança sensível no ponto de vista desde o qual se interpreta o material linguístico. Reconhecemos aí um indício de que a consideração do aspecto fônico do material de análise – e, pelo que tudo indica, já desde sua monografia inaugural *Mémoire*, de 1879 – foi decisiva para a mudança de orientação epistemológica. Em outras palavras, a instigante função que o aspecto fônico da *langue* cumpre sobre as noções de sistema e de valor parecem ter alavancado a instauração do corte metodológico que instaura a abordagem sincrônica.

Ao instituir um olhar sincrônico sobre o sistema de sons das línguas, Saussure transpõe a visão corrente entre os comparatistas de sua época, em que primava a consideração da importância do gesto motor e das mudanças fonéticas na evolução das línguas. Encontramos nas páginas do CLG indícios dessa mudança de ponto de vista na célebre metáfora do tapete que produz impressões visuais distintas a partir do jogo de oposições entre as cores que o compõem (cf. SAUSSURE, 1977, p. 43). Também nessa passagem do CLG, é apontado que os ajustes do aparelho vocal deixam de ser os elementos principais no estudo das línguas, pois a abordagem do fônico demanda um certo grau de abstração. É por esse motivo que, ainda no Capítulo VII da “Introdução”, deparamo-nos com a inevitável discussão acerca da unidade de análise em questão – o fonema. Finalmente, merece igual destaque nessa passagem o conceito de *langue* (portanto, de sistema), ao evocar a questão do fônico: a principal questão reside na oposição dos elementos que a compõem e não na fisiologia do ato articulatório. Considerar a trama dos sons das línguas (ou idiomas) parece-nos, portanto, uma via importante para problematizarmos a *langue* (sistema).

Antes de passarmos à questão da unidade fônica, é importante fazermos uma parada e lançarmos luzes para essa primeira constatação: encontramos, na leitura do CLG, a proposta de uma fonologia combinatória¹¹ na qual Saussure anuncia o estudo dos sons da *langue* a partir das relações travadas entre eles. Ou seja, trata-se de uma abordagem não isolada das porções fônicas. A menção às relações entre os elementos sonoros e à sua interdependência demonstra o caráter sistêmico do estudo da *langue*.

É no início do “Apêndice de fonologia” que encontraremos a definição da unidade fonema, à qual nos dedicaremos em seguida. Antes é

¹¹ Expressão presente já no CLG (SAUSSURE, 1977, p. 64), conforme destacamos acima.

necessário lembrar que o referido “Apêndice” se encontra logo após o Capítulo VII da “Introdução” (“A fonologia”) e é composto por dois capítulos: “As espécies fonológicas” (Capítulo I) e “O fonema na cadeia falada” (Capítulo II).

Fato raro no corpo do texto do CLG, encontramos no começo do “Apêndice” uma nota dos organizadores da obra, Charles Bally e Albert Sechehaye. Nessa manifestação registrada entre colchetes, há a importante informação de que, para a organização desses capítulos, foram utilizadas as anotações preparatórias de Saussure para três conferências sobre A Teoria da Sílabas proferidas em 1897 (ou seja, dez anos antes das aulas de Linguística Geral na Universidade de Genebra). Os editores avisam ainda que essas informações complementam os dados ministrados nas aulas dos Cursos I e II.

É, então, após esse aviso aos leitores que somos apresentados à definição de fonema:

O fonema é a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da unidade falada, das quais uma condiciona a outra; portanto, trata-se já de uma unidade complexa, que tem um pé em cada cadeia (SAUSSURE, 1977, p. 51).

Essa questão merece ser complementada com um ilustrativo recorte presente nos Antigos Documentos (14b) (SAUSSURE, 2004), em material já documentado anteriormente por Engler (1968-1974). Trata-se de uma passagem rodeada de lacunas (cabe aqui louvar a coragem dos editores de preservar os brancos dos manuscritos) e comentários irônicos do inquieto pesquisador genebrino. Em meio a anotações incompletas acerca da forma de registro dos sons das línguas, encontramos uma preciosa reflexão:

Assim é na fonologia, assim como na linguística e em qualquer disciplina que tenha a infelicidade de correr sobre duas ordens de fatos separadas, onde só a correlação já criou o *fato a ser considerado*. Assim como afirmaremos adiante, é grandemente ilusório supor que se pode discernir, em linguística, uma primeira ordem: SONS, e uma segunda ordem: SIGNIFICAÇÕES, pela simples razão de que o fato linguístico é fundamentalmente incapaz de se compor de uma só dessas coisas e nunca pede, para existir, uma SUBSTÂNCIA, NEM DUAS substâncias, assim como constatamos que nem o fato mecânico nem o fato acústico, situados cada um em sua esfera, representam o fato fonológico, de que é preciso partir e para o qual é preciso retornar; mas é a forma contínua de sua *correlação* que chamamos de fato fonológico (SAUSSURE, 2004, p. 204, grifos do autor).

Pelo que podemos constatar, o fato fonológico para Saussure é sustentado pela consideração simultânea da produção do som e do efeito que

ele produz. Para tanto, o mestre enlaça na unidade fonema a relação entre o som e a significação. Mas retornemos ao CLG.

Na realidade, as três primeiras páginas do “Apêndice de fonologia”, essas que são dedicadas à definição de fonema, trazem um conjunto de preciosidades que merecem ser detalhadamente exploradas. Tentaremos destacar alguns bons motivos para nos determos nessas ricas páginas.

Em primeiro lugar, encontramos naquelas linhas inaugurais do “Apêndice” um alerta importante. Saussure destacava o risco que seria o estudo da linguagem preocupar-se somente com a produção articulatória e negligenciar o fator acústico. O mestre é bastante claro ao dizer que a impressão causada no ouvido é a base de “toda teoria”. Ou seja, o laço entre a realização articulatória e o efeito causado no ouvido pela produção sonora vem a resultar na noção de impressão acústica, elemento integrante da definição de signo linguístico. É possível depreendermos dessa constatação o fato de que Saussure, ao definir a unidade com a qual trabalha o linguista, considere simultaneamente os aspectos concretos e abstratos da porção significante do signo linguístico. Fatores articulatórios, acústicos e semânticos são amarrados pelo ouvido dos falantes, pois “pelo ouvido, sabemos o que é um *p*, um *t* etc” (SAUSSURE, 1977, p. 49, grifos do autor).

Eis aqui um segundo e importante achado desse capítulo do CLG: há, na proposta saussuriana, a consideração de um falante-ouvinte que está sob efeito das unidades significativas da *langue*:

É na cadeia da fala ouvida que se pode perceber imediatamente se um som permanece ou não igual a si próprio; enquanto se tenha a impressão de algo homogêneo, este som é único (SAUSSURE, 1977, p. 50).

Para aqueles que não se apressaram na leitura do CLG, não é difícil atrelar essa passagem ao significativo capítulo que precede o do “O valor linguístico”, qual seja, “Identidades, realidades, valores” (Capítulo III da “Segunda Parte” do CLG). É preciosa a reflexão no que diz respeito à construção metodológica no terreno da linguística: particularmente para o estudo do fônico, esse capítulo ensina que a noção de unidade em linguística é totalmente dependente da identidade que cada elemento carrega. No entanto, equivoca-se aquele que pensa que a identidade é pura materialidade. A realidade sincrônica de uma língua é simultaneamente concreta e abstrata.¹²

¹² A respeito das noções de concreto e abstrato em fonética e fonologia saussurianas, ver Badir (2012).

Saussure chega a comparar a *langue* a uma rua reconstruída após um bombardeiro, que apesar de não ser materialmente idêntica, segue sendo a mesma rua. Ou seja, mesmo que sempre que se realizem as mesmas condições e obtenha-se as mesmas entidades, “a entidade que constitui não é puramente material” (SAUSSURE, 1977, p. 126).

Assim, apesar de nossa ilusão de apreensão da *langue* como objeto sincrônico (por meio de uma transcrição, por exemplo), “as entidades concretas da língua não se apresentam por si mesmas à nossa observação” (SAUSSURE, 1977, p. 127). Não deve ser detalhe que esse capítulo termine com uma indicação metodológica:

Do ponto de vista prático, seria interessante começar pelas unidades, determiná-las e dar-se conta de sua diversidade classificando-as (SAUSSURE, 1977, p. 128).

É por isso que encontramos total ligação entre “Identidades, realidades, valores” e o “Apêndice de fonologia”. Ao falar sobre a necessidade de o linguista recortar e operar com unidades consideradas simultaneamente como concretas e abstratas, Saussure indica caminhos metodológicos que incidem sobre o aspecto fônico da *langue*. Em nosso movimento pendular entre esses dois capítulos, retornamos ao “Apêndice” para destacar a seguinte passagem:

Depois de ter analisado um número suficiente de cadeias faladas pertencentes a diversas línguas, chega-se a conhecer e a classificar os elementos com os quais elas operam (SAUSSURE, 1977, p. 51).

No nosso ponto de vista, essa dupla necessidade de considerar os sons da *langue* como concretos e abstratos é um caminho instigante que nos recoloca frente aos impasses com os quais o genebrino teve de lidar. Dessa forma, concordamos com a interpretação feita por De Mauro (2005), na edição crítica do CLG, de que o fonema é a expressão que representa bem essa dualidade concreto-abstrato na proposta saussuriana. Se para a formulação do conceito de *langue* é possível lidar com unidades puramente diferenciais e formais, abstratas, portanto, na realidade da *parole*, urge que concreto e abstrato convivam. Afinal, é na cadeia falada que o fonema pode ser percebido. O linguista, assim como o sujeito falante, parte da constatação da identidade do som na cadeia falada para a consideração da entidade diferencial e formal no sistema. Parece-nos que há aí um excelente indicador, metodológico inclusive, de como lidar com a dupla vida dos sons de uma dada língua. A identidade de um som demanda sua concretude; consi-

derá-la como entidade é já uma operação de ordem abstrata. Em nossa opinião, concretude e abstração sustentam a tese saussuriana de fonema enquanto signo linguístico¹³.

Mas os críticos de Bally e Sechehaye resistem à inclusão de aspectos articulatórios no “Apêndice”. Não nos furtaremos de enfrentar essa questão. Nesse caso, resta-nos ainda dizer algo sobre o porquê precisamos nos justificar em relação ao fato de a fonética interessar ou não aos estudos linguísticos. Ao explorar detalhadamente, no “Apêndice de Fonologia”, o aparelho vocal, a realização de cada grupo de fonemas e sua respectiva classificação, o CLG nos mostra a incontornável presença do sujeito falante e de seu aparelho fonador ao mobilizar a *langue*. Somos seres falantes, somos seres em contato com outros sujeitos falantes. Somos, portanto, seres sob o efeito da *parole*, nossa e dos outros. E é por ter percebido o duplo aspecto concreto-abstrato da linguagem humana que o mestre não fugiu dessa aparente contradição. A dupla face significante-significado do signo linguístico, o caráter simultaneamente social-individual da linguagem, a interdependência *langue-parole* são todos indícios do lugar das dualidades constitutivas da linguagem no pensamento saussuriano¹⁴.

E, se até aqui ainda não foram suficientes os argumentos de nosso movimento pendular, parece pertinente conferir o alerta registrado no Capítulo II do “Apêndice”: “Foi um grande erro da Fonologia considerar como unidades reais essas abstrações, sem examinar mais de perto a definição de unidade” (SAUSSURE, 1977, p. 66). Tudo indica que o caminho foi apontado claramente pelo mestre:

Pela primeira vez saímos da abstração; pela primeira vez, aparecem elementos concretos, indecomponíveis, ocupando um lugar e representando um tempo na cadeia falada (SAUSSURE, 1977, p. 66).

É, portanto, buscando uma definição de unidade, de identidade e de valor dessa unidade dentro do sistema que Saussure, mesmo que ainda sem a formulação teórica que vai ganhar corpo só no decorrer do terceiro curso ministrado na Universidade de Genebra, aproxima-se de um conceito de fonema como representante abstrato da unidade e de fonologia como um

¹³ Obviamente, é importante considerar aqui a radicalidade do conceito de arbitrário na proposta saussuriana, conforme veremos no Capítulo 7.

¹⁴ Esse aspecto dual parece ter dado margem a uma leitura extremista de ordem binária do legado de Saussure, segundo o paradigma estruturalista pós-saussuriano. Nesse sentido, ver Dufour (2000).

campo da linguística que lida com o valor dos sons no interior de um sistema linguístico.

Aos críticos apressados em classificar a fonologia saussuriana como uma fonética dos tempos atuais, destacamos mais uma significativa passagem do “Apêndice”:

Mas enumerar esses fatores de produção do som não é ainda determinar os elementos diferenciais dos fonemas. Para classificar estes últimos, importa menos saber em que consistem que saber o que os distingue uns dos outros. Ora, um fator negativo pode ter maior importância para a classificação que um fator positivo (SAUSSURE, 1977, p. 54).

É inevitável destacar a surpreendente ligação entre a passagem acima, proveniente do “Apêndice de fonologia”, com o trecho de “O valor linguístico”: “O que haja de ideia ou de matéria fônica num signo importa menos que o que existe ao redor dele em outros signos” (SAUSSURE, 1977, p. 139). Frente a essa aproximação, parece-nos procedente a leitura que Jakobson realiza, ao propor, no seio do Círculo Linguístico de Praga, as teses basilares¹⁵ do que vem a se tornar a Fonologia moderna, a partir do legado de Genebra. Olharemos para isso a seguir.

No CLG e para além dele: os vários caminhos do fônico

Ao que tudo indica, o aspecto fônico da *langue* era recorrente nas preocupações de Saussure. Não são poucos os estudos pós-saussurianos que testemunham isso; Roman Jakobson talvez tenha sido o primeiro a reconhecer:

Saussure ensina-nos que aquilo que interessa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir esta das demais palavras, pois são estas diferenças que comportam a significação. O *Curso* lança a fórmula que mais tarde viria a ficar célebre: “Os fonemas são antes do mais entidades opositivas, relativas e negativas”. Saussure chega a afirmar que o sistema destes fonemas claramente diferenciado, o *sistema fonológico*, como ele o designa, é a única realidade que interessa ao linguista no domínio fônico (JAKOBSON, 1977, p. 44).

Pelo fio da trama sonora, Jakobson percebeu na Escola de Genebra bases para tecer o tapete da relação dos sons das línguas. É provável que sua sensibilidade sempre muito arejada pela escuta da literatura, da tradu-

¹⁵ A esse respeito, consultar as Teses de 1929 redigidas por Roman Jakobson e apresentadas por Toledo, 1978.

ção, da aquisição e dos distúrbios de linguagem tenha ajudado a perceber a originalidade da proposta de Saussure. Igualmente Barthes, Lacan e Merleau-Ponty, entre tantos outros, inspiraram-se no arejamento das relações entre som e sentido à luz da herança saussuriana.

O que Jakobson encontrou no CLG pode também ser flagrado em “Sobre a essência dupla da linguagem”, junto ao material que (provavelmente) fizesse parte do esboço de um livro que o genebrino temia publicar¹⁶. Eis mais uma prova de o quanto o aspecto fônico serviu de alavanca para as teses reconhecidamente basilares do pensamento saussuriano. Podemos perceber que o importante conceito de valor linguístico é ilustrado a partir das tramas das unidades sonoras.

Ainda mais impressionante é nos depararmos com outro importante manuscrito saussuriano e encontrarmos ecos muito semelhantes. No manuscrito *Phonétique*, depositado na biblioteca de Harvard, lê-se inúmeras vezes os termos “unidade”, “papel/função”, “efeito”, “cadeia” e “sistema” nos registros do mestre acerca do comportamento fônico das línguas. O linguista belga Herman Parret (2002; 2014) realiza uma interpretação pontual desse material, destacando a interdependência entre a voz e o ouvido apontada por Saussure em diversas passagens desse manuscrito.

Igualmente, a linguista italiana Maria Pia Marchese (2009) reconhece e sublinha o peso que tem o aspecto sonoro das línguas nos estudos de Saussure. Segundo a autora, desde o *Mémoire* (de 1879) até os cursos ditados entre 1907-1911 na Universidade de Genebra, as relações do fônico no interior do sistema era importante elemento organizador.

Acreditamos que a partir da incursão que fizemos nos capítulos do CLG dedicados ao fônico e com o cotejamento de outras fontes manuscritas do linguista suíço foi possível apontar aquilo que nossos estudos têm evidenciado: há, no legado de Ferdinand de Saussure, lugar importante na consideração do aspecto fônico da *langue*. Por esse motivo, acreditamos que não se pode seguir negligenciando os capítulos acerca da *Fonologia* no CLG, assim como seguirmos ensurdecidos para os manuscritos *Phonétique*,

¹⁶ “A presença de um som, numa língua, é o que se pode imaginar de mais irreduzível como elemento de sua estrutura. É fácil mostrar que a presença desse som determinado só tem valor por oposição com outros sons presentes; e é essa primeira aplicação rudimentar, mas já incontestável do princípio das OPOSIÇÕES, ou dos VALORES RECÍPROCOS, ou das QUANTIDADES NEGATIVAS e RELATIVAS que criam um estado de língua” (SAUSSURE, 2004, p. 27).

Théorie des Sonantes, Notes sur l'accentuation lituanienne e os numerosos estudos sobre os anagramas.

De nossa parte, reconhecemos no texto do CLG a fundação de uma forma de olhar para o funcionamento do sistema de sons de uma língua em bases assentadas no princípio do valor linguístico. Conforme encontramos no Capítulo II do “Apêndice”, “...essa Fonologia combinatória circunscreve as possibilidades e fixa as relações constantes dos fonemas interdependentes” (SAUSSURE, 1977, p. 64).

Escutar ou não o som que pulsa sob o texto do CLG é uma escolha muito particular. Na trama complicada das filiações teóricas, talvez alguns prefiram o burburinho...

Capítulo 3

O CONCRETO E O ABSTRATO NOS ESTUDOS DO FÔNICO

A reflexão acerca do aspecto fônico da *langue* a partir do legado de Ferdinand de Saussure, embora não muito difundida, não é nova. Aqueles que começaram a leitura do clássico livro *Curso de linguística geral* pelo excelente prefácio de Isaac Nicolau Salum à edição brasileira da Cultrix (SAUSSURE, 1977, p. XVI), foram alertados de que esse foi um dos principais temas abordados por Saussure em seu primeiro Curso de linguística geral, ministrado de 16 de janeiro a 3 de julho de 1907, na Universidade de Genebra.

De uma maneira geral, quando se inicia os estudos sobre o fônico em Saussure, costuma-se apontar dois caminhos relevantes. O primeiro diz respeito ao fato de que Saussure, já na primeira edição das aulas de seu *Curso de linguística geral*, conforme apontamos acima, ter dado, ao estudo dos sons das línguas, lugar de destaque. Ainda hoje causa surpresa entre os estudiosos da linguagem a presença dos capítulos dedicados ao tema¹⁷ na edição apresentada por Bally e Sechehaye em 1916. O segundo viés apontado no estudo do fônico em Saussure está ligado à noção de *significante* – ou imagem acústica – desenvolvida pelo linguista genebrino. Mesmo que inseparável da porção de *significado* para que se conceba a unidade *signo*, o estudo do *significante* ocupa uma parte importante¹⁸ das aulas de Saussure.

No percurso deste capítulo, dando ênfase ao aspecto fônico da *langue*, discutiremos o estatuto da materialidade sonora com objetivo de revisitar as noções de fonema, fonética e fonologia a partir do legado do mestre genebrino. Do *corpus* saussuriano, tomaremos como ponto de partida o *Curso de linguística geral* (1977), mas apontaremos também comparativamente passagens dos *Escritos de linguística geral* (2004) e do manuscrito *Phonétique* (1995). A escolha dessas fontes é determinada por duas variáveis: a primeira diz

¹⁷ Conforme já sublinhamos no Capítulo 2.

¹⁸ Conforme apontamos no Capítulo 1.

respeito ao fato de o *Curso de linguística geral* e os *Escritos de linguística geral* serem as obras de maior circulação e divulgação do pensamento desse autor no Brasil. O segundo motivo diz respeito à especificidade de uma fonte (o manuscrito *Phonétique*) que, embora tenha ainda pouca circulação, aborda especificamente o tema do aspecto fônico da *langue*.

Vale ainda destacar que iniciaremos sublinhando importantes constatações da reflexão do linguista belga Sémir Badir (2012) acerca das noções de concreto e abstrato na fonologia e na fonética saussurianas. Na leitura que fazemos do legado do genebrino, a circunscrição da unidade de análise linguística não só depende da dupla existência concreta-abstrata do signo linguístico, como também determina epistemologicamente a concepção sincrônica de sistema. Ou seja, partir das noções de concreto e de abstrato na abordagem do aspecto fônico da *langue* é decisivo para operar metodologicamente em uma visão saussuriana do tema.

Badir (2012, p. 13), ao investigar o estatuto dos termos concreto e abstrato na obra saussuriana, busca as configurações semânticas e sintáticas nas quais esses termos são (ou não) utilizados. Já em um primeiro esclarecimento, o linguista anuncia que concreto, em Saussure, não é sinônimo de “objeto da linguística”. Feita essa ressalva, o autor mostrará, através de quatro diferentes vias¹⁹, que concreto e abstrato em fonética e em fonologia tomam caminhos diferentes.

Concordamos inteiramente com o autor ao afirmar que a pista fônica (concreta) não garante *per se* a abstração. De acordo com esse pesquisador, embora os estudos linguísticos tendam a ter como ponto de partida o dado concreto, não há um objeto primeiro “mais tangível” do que o objeto abstrato. Essa observação terá efeito evidente na forma com que, alinhadas com esse autor, propomos uma abordagem saussuriana do aspecto fônico da *langue*: os sons que a fonologia estuda ainda não foram realizados; são ideias de sons tomados como valores absolutos (BADIR, 2012, p. 19).

Poder-se-ia perguntar por que o impasse entre concretude e abstração é ponto de partida para o estudo do fônico. O próprio texto do *Curso de linguística geral* anuncia: “Esta [a imagem acústica] não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a

¹⁹ Os quatro caminhos apontados por Badir são: 1. Do abstrato ao concreto em fonética; 2. Do concreto ao abstrato em fonética; 3. Do concreto ao abstrato em fonologia; 4. Do abstrato ao concreto em fonologia.

representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos” (SAUSSURE, 1977, p. 80).

Tudo indica que definir a unidade de análise da qual o linguista se ocupa parece ter sido uma decisão importante para o mestre genebrino. Encontram-se também ecos desse impasse conferido à abordagem do aspecto sonoro da *langue* em Saussure nos *Escritos de linguística geral*. Em determinada passagem anotada como “Prefácio”²⁰, Saussure alerta: “É errado (e impraticável) opor a *forma* e o *sentido*. O que é certo, em troca, é opor a *figura vocal*, de um lado, e a *forma-sentido* de outro” (SAUSSURE, 2004, p. 21). Ou seja, pode-se perceber que Saussure parte do princípio de que o aspecto fônico da *langue* é, ao mesmo tempo, a prova da realização concreta da mesma e a necessária abstração que ela (a *langue*) impõe.

É também nessa fonte manuscrita (no caso específico, estamos nos referindo ao manuscrito “A essência dupla da linguagem”), que, algumas páginas adiante, o leitor depara-se com a inquietante discussão de Saussure acerca do estatuto dos aspectos concretos (sejam eles acústicos ou articulatórios) e dos aspectos abstratos na reflexão sobre o funcionamento do sistema de sons da *langue*:

Não se pode definir o que é uma *forma* com a ajuda da figura vocal que ela representa – e também não com a ajuda do sentido que contém essa figura vocal. Fica-se obrigado a colocar, como fato primordial, o fato GERAL, COMPLEXO e composto de DOIS FATOS NEGATIVOS: da *diferença* geral das figuras vocais associada à *diferença* geral dos sentidos que se pode atribuir a elas (SAUSSURE, 2004, p. 31).

Eis, portanto, um alerta: tomar a porção significativa do signo linguístico como pura concretude é absolutamente equivocado. Ao contrário, lidar com a forma-sentido é supor na materialidade fônica o estatuto da representação. Tudo indica que, antes da virada epistemológica produzida pela inovação saussuriana, ficou-se por muito tempo atado ao fato de que há, no estudo das línguas, a divisão radical entre um lado físico e um lado psíquico. Em “Sobre a dupla essência da linguagem”, o mestre já alertava que o erro “foi acreditar que o lado psíquico é a ideia enquanto o lado físico é o som, a forma, a palavra” (SAUSSURE, 2004, p. 60). Isso porque o elemento sonoro concreto não aparece nunca sozinho, isolado. Ele está preso na cadeia sonora que constitui a *parole*. Ou seja, ele, dela faz parte e é depen-

²⁰ Conforme Bouquet e Engler (SAUSSURE, 2004, p. 15), editores dos *ELG*, esse registro de “Prefácio” é uma anotação do próprio Saussure, quiçá para um livro sobre linguística geral.

dente. É, portanto, em sua existência dupla que o elemento sonoro concreto produz relação de diferença e oposição em relação a todos os outros elementos.

É surpreendente acompanhar o raciocínio do linguista genebrino, ao apontar a necessidade de considerar essa potência representacional da unidade de análise da *langue* via reconhecimento da categoria “entidade” como abstração:

É imediatamente visível que as *entidades* da ordem vocal ou consistem na identidade que acabamos de considerar, por conseguinte num fato perfeitamente abstrato, ou em nada consistem e não estão em parte alguma.

Os fatos, tomados em si mesmos, que por si sós certamente são *concretos*, se vêm condenados a não significar absolutamente nada, a não ser por sua identidade ou não-identidade. O fato, por exemplo, de *aka* ser pronunciada por uma pessoa, num certo lugar e num certo momento, ou o fato de mil pessoas, em mil lugares e em mil momentos, emitirem a sucessão de sons *aka*, é, absolutamente, o único fato dado: mas não é menos verdade que só o fato ABSTRATO, a *identidade acústica desses aka*, forma sozinho a *entidade acústica aka*: e que não há um objeto primeiro a ser procurado, mais tangível do que esse primeiro objeto abstrato (SAUSSURE, 2004, p. 33, grifos do autor).

No entanto, no próprio *Curso de linguística geral*, encontram-se flutuações quanto à forma de abordar o estudo do aspecto fônico da *langue*. Nos recortes abaixo, resgatamos duas ocorrências (já apresentados no Capítulo 1) representativas dessas posições discrepantes podem ser evidenciadas:

- De um lado, percebe-se o destaque do aspecto concreto do signo: “O significante, sendo de natureza auditiva,...” (SAUSSURE, 1977, p. 84);

- Por outro lado, observa-se a abordagem abstrata do signo: “O essencial da língua é estranho ao caráter fônico do signo linguístico” (SAUSSURE, 1977, p. 14).

Essas oscilações quanto ao aspecto material do signo linguístico presentes no CLG merecem ser tratadas em conjunto. Isso porque o amparo no fônico não deve ser um fim em si mesmo, mas uma sustentação na qual se ancora a representação. Não será na realização fônica em si que a significação e o valor linguísticos se constituirão, mas através do fato de eles serem materialidades desde as quais evidencia-se um jogo de diferenças e oposições.

Contrastando com o que apontamos em “A essência dupla da linguagem”, encontra-se a afirmação de que a *langue* precisa de suporte fônico (os adjetivos, advérbios etc que estão na língua enquanto tal), mas que isso não

está garantido antecipadamente através da realização vocal (SAUSSURE, 2004, p. 106). Ou seja, pode-se daí depreender que a *parole* necessita da realização vocal, embora o valor linguístico não dependa dessa forma vocal propriamente dita, mas apenas da diferença entre as formas. Afinal, nunca se sabe de antemão o valor que cada elemento vai ganhar na cadeia falada (um adjetivo pode virar substantivo, um alongamento vocálico pode gerar efeito irônico, por exemplo).

Não parece detalhe lembrar ainda que, no “Apêndice de Fonologia” do CLG, Saussure anuncia a *dependência* recíproca dos fonemas (SAUSSURE, 1977, p. 62) e destaca o *efeito* produzido pelos fonemas ao ouvido (SAUSSURE, 1977, p. 63). Nesse contexto, o mestre aponta: “Pela primeira vez, saímos da abstração; pela primeira vez, aparecem elementos concretos, indecomponíveis, ocupando um lugar na cadeia falada” (SAUSSURE, 1977, p. 66). E, em seguida, encontra-se: “Foi um grande erro da Fonologia considerar como unidades reais essas abstrações, sem examinar mais de perto a definição de unidade” (SAUSSURE, 1977, p. 66).

Começa a ficar mais claro qual o empreendimento metodológico em questão. Saussure fornece duas importantes pistas: por um lado, a necessidade de o linguista circunscrever a noção de unidade; por outro lado, a importância de o pesquisador atentar para o efeito acústico produzido pela diferença entre as unidades no seio da cadeia falada. É exatamente isso que se encontra no legado do genebrino, conforme documentado no CLG: “No ato fonatório que vamos analisar, levamos em conta apenas os elementos diferenciais, destacados para o ouvido e capazes de servir para uma delimitação das unidades acústicas na cadeia falada” (SAUSSURE, 1977, p. 67).

Será sob efeito dessa observação que cabe sublinhar a noção de unidade, tão cara a Saussure. A consideração acerca da relação entre concreto e abstrato, quando se investe em um estudo do aspecto fônico da *langue*, merece, portanto, um detalhamento. Esse detalhamento, conforme apontado acima, pode (e deve) ser realizado a partir das pistas deixadas pelo próprio linguista genebrino em suas produções, tanto as mais como as menos conhecidas.

A seguir, empreenderemos um percurso em busca da noção de unidade e campo, a fim de espreitarmos a construção de uma forma de compreender o funcionamento fônico das línguas. Circunscrita a unidade, poderemos tangenciar leituras possíveis da abordagem das noções de fonética e de fonologia no legado do mestre.

A unidade e o campo: o fonema, a fonética e a fonologia

Definir unidades faz parte do empreendimento do linguista ao analisar o seu objeto. Vemos que, ao mesmo tempo que se preocupava em definir as unidades com as quais trabalha o linguista, Saussure alertava para o fato de que elas jamais poderiam ser dadas de antemão. É sempre no seio do sistema que a delimitação e a função de um elemento podem ser concebidas. Retomamos o se pode ler no CLG: “os fonemas são, antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas” (SAUSSURE, 1977, p. 138). Sem dúvida, trata-se de uma consideração relevante acerca do sistema fônico como organizador da lógica pautada pela teoria do valor (conforme já destacamos nos primeiros dois capítulos deste livro).

Resumindo: a partir do legado saussuriano, entende-se que a garantia de existência de um signo linguístico é evidenciada pelo fato de que ele produza diferença e oposição dentro do sistema. No entanto, para que se possa proporcionar efeitos contrastivos, precisamos de uma materialidade que carregue e sustente essa(s) diferença(s). Se um signo é o que os outros não são, é necessário buscar uma pista na realidade concreta desse signo para que se possa identificá-lo como pertencente a uma dada língua e opô-lo a todos os demais signos dessa língua. É nesse contexto que se buscará contribuir para a discussão das noções de fonema, fonética e fonologia no âmbito das pesquisas saussurianas contemporâneas.

O fonema

A definição de fonema nas fontes saussurianas não é unívoca. Percebe-se, nos diferentes materiais consultados, apontamentos que mostram momentos distintos na construção da concepção dessa unidade linguística para Saussure. A seguir, serão destacados alguns aspectos dessa diversidade.

No CLG, particularmente no apêndice “Princípios de fonologia”, dois aspectos chamam a atenção no que diz respeito à noção de fonema. Em primeiro lugar, merece destaque a preocupação em relação ao aspecto perceptivo. Expressões como “caráter distintivo”, “ouvido(a)” e “acústico(a)” são recorrentes, ao apresentar a definição de fonema. Saussure destaca que o ato articulatório está absolutamente apoiado na impressão acústica produzida no ouvido dos falantes, criando, assim, uma interdependência (SAUSSURE, 1977, p. 51).

Em segundo lugar, é importante destacar que a análise das unidades fonológicas, no CLG, é apresentada a partir da perspectiva da cadeia falada, conforme já foi comentado anteriormente. O linguista fala da importância dos “elos” da cadeia (SAUSSURE, 1977, p. 51), destacando a relação de “dependência interna” (SAUSSURE, 1977, p. 62) entre esses elementos. Esse apontamento parece fundamental, pois repercute na proposta saussuriana de uma “fonologia combinatória” (SAUSSURE, 1977, p. 64).

Nos ELG (“Antigos Documentos”, 1) Saussure registra que, para os fonologistas de sua época, havia duas perspectivas de fonema:

Uma (a respeito da qual eles evitam se explicar) em que o fonema vive, à parte, uma vida sem dúvida difícil de definir e captar, mas dada como de tal modo evidente que não precisa ser explicada nem justificada. Depois, a outra, em que o fonema até aí solitário e flutuando no espaço, entra em combinação com os outros (SAUSSURE, 2004, p. 125).

Para Saussure, essa segunda forma, quando era (raramente) levada em consideração, era vista como secundária. Frente a essa tendência de se considerar o fonema isoladamente, Saussure se contrapõe explicitamente:

Contra essa concepção, o protesto que levanto consiste simplesmente nisto: é preciso definir a unidade fonatória e, definida essa unidade, ver-se-á a ausência de qualquer diferença entre a unidade no encadeamento. Não mais se imaginará que, por um lado, os fonemas planam no céu e que, por outro lado, caem às vezes na cadeia falada. O maior erro dos fonologistas que eu ataco não é ter imaginado que os fonemas, “ao entrar no encadeamento”, estão sujeitos a um regime especial, ainda que essa ideia seja extraordinária, mas ter aceito a ideia de que existiria outro avatar qualquer dos fonemas além do que se vê no encadeamento e ter propagado a ideia de que B ou Z ou L representam unidades, ou até mesmo “unidades imediatamente dadas”, sem nenhuma tentativa de mostrar a que corresponde uma tal afirmação (SAUSSURE, 2004, p. 126).

Mais do que pensar uma proposta didática para a leitura da noção de fonema em Saussure, o que se pode reconhecer nessas anotações é uma preocupação em delimitar unidades passíveis de análise linguística que não incorram no erro/risco de serem concebidas desde seu aspecto puramente fônico. Mais uma vez, merece ser sublinhado que a noção de fonema em Saussure passa necessariamente pela consideração dos sons da *langue* em contexto de relação, ou seja, respaldados pelo valor que as relações entre os sons de uma dada língua estabelecem entre si.

É isso que confirma o manuscrito *Phonétique*. Nesse documento, além da afirmação de que o fonema condensa um conjunto simultâneo de carac-

terísticas distintivas (SAUSSURE, 1995, p. 26), lemos também que ele repousa em uma cadeia combinatória (SAUSSURE, 1995, p. 28).

Importante destacar que, nesse manuscrito, Saussure aponta claramente que a noção de fonema pressupõe que um efeito seja produzido. Essa afirmação vem acompanhada da ressalva feita em relação ao ato de fonação. Ou seja, o mestre não descarta a necessidade de se considerar os fatores de produção (“*mettant à part l’émission, toujours nécessaire,...*” (SAUSSURE, 1995, p. 76). No entanto, é surpreendente perceber que é no ouvido do sujeito falante que ele ancora sua definição de fonema (“*phonème suppose que l’effet est produit*” (SAUSSURE, 1995, p. 82).

O lugar de destaque do ouvinte e do ouvido no legado saussuriano foi, conforme já apontamos, destacado nos estudos de Herman Parret (2002, 2014). O linguista e semioticista belga aponta que Saussure subordina o fenômeno fonético ao fenômeno acústico (PARRET, 2002, p. 54). Vê-se que a noção de unidade é questionada pelo autor, ao levantar uma indagação acerca da percepção obtida através do ouvido (“A impressão acústica é definível?” (PARRET, 2002, p. 56). É por esse motivo, no entender de Parret, que metodologicamente foi necessário a Saussure suspender as qualidades naturalizantes do sistema linguístico (mecânica, fisiológica, articulatória) para considerar o ato fônico como condicionado à impressão acústica.

Assim, tudo indica que uma saída possível para os impasses dualistas (concreto/abstrato, articulatório/acústico) seja pensar que a injunção concreto-abstrato proposta para o fonema é absolutamente contingente quando se refere à *parole*. Aliás, contingente e necessária, parafraseando Émile Benveniste. Diferentemente, quando se está no terreno da *langue*, é sempre de abstração que se trata. Afinal, para a *langue*, os fonemas, enquanto entidades diferenciais e formais, são apenas abstrações²¹.

Isso indica que, do ponto de vista da *langue*, para que se reconheça a unidade fonema, é suficiente que se conte com elementos que carreguem registros abstratos de diferença. Já desde o ponto de vista da *parole*, para que se reconheça o fonema como unidade, precisaremos contar com o efeito perceptivo que ele produz. Ou seja, para que um som seja alçado à ins-

²¹ Tullio De Mauro, na nota 111 de sua edição crítica do *CLG*, anuncia sua contrariedade em relação a essa dupla interpretação do conceito de fonema na obra saussuriana. Para De Mauro (SAUSSURE, 2005, p. 434), por sua natureza concreta, o fonema pertence exclusivamente à ordem da cadeia falada.

tância de signo, por exemplo, no caso do fonema, é necessário que ele seja reconhecido como passível de evocar simultaneamente, através de sua materialidade fônica, impressão acústica e registro de diferença(s). Isso confirma sua dupla natureza concreta e abstrata.

A fonética e a fonologia

Após ter-se discutido o duplo caráter (concreto e abstrato) da abordagem saussuriana do aspecto fônico da *langue* e detido-se na noção de unidade, cabe, a seguir, voltar o olhar para a forma como esse campo de estudos foi constituído. O que se pode chamar de *fonética* e de *fonologia* na contemporaneidade de Saussure? Todo cuidado será pouco para que não se incorra no risco de propor apressadas simplificações. Em algumas passagens do *Curso de linguística geral*, é possível e pertinente interpretar o uso do termo fonologia como “fonética fisiológica”, conforme já apontado no Capítulo 2 deste livro.²²

Ao falar de uma fonologia combinatória (SAUSSURE, 1977, p. 64), Saussure anuncia um estudo do sons da *langue* dependente de relações. Ou seja, trata-se de uma abordagem não isolada dos elementos. Pelo contrário, a menção às relações entre os elementos e à sua interdependência demonstra o caráter sistêmico de sua abordagem.

Em uma investigação igualmente meticulosa, em “Sobre a essência dupla da linguagem”, pode-se acompanhar os impasses de Saussure em relação à nomeação do campo dos estudos do aspecto fônico da *langue*:

ONOLOGIA (ou *estudo da fonação*). – Estudo que recebe o nome que for, é absolutamente independente e distinto, não apenas da *fonética* das diferentes línguas mas, em geral, da linguística (SAUSSURE, 2004, p. 75).

Se, como se pode ver acima, a fonética parte do concreto para chegar ao abstrato, sabe-se que a fonologia realiza o caminho inverso. A fonologia parte do abstrato, mesmo que precise em algum momento contar com a sustentação em aspectos concretos dos sons da *langue*. Por esse motivo

²² “A fisiologia dos sons (em alemão *Lauthphysiologie* ou *Sprachphysiologie*) é frequentemente chamada de ‘Fonética’ (em alemão *Phonetik*, inglês *phonetics*, francês *phonétique*). Esse termo nos parece impróprio; substituímo-lo por *Fonologia*. Pois *Fonética* designou a princípio, e deve continuar a designar, o estudo das evoluções dos sons; não se deveriam confundir no mesmo título dois estudos absolutamente distintos. A *Fonética* é uma ciência histórica; analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo. A *Fonologia* se coloca fora do tempo, já que o mecanismo da articulação permanece sempre igual a si mesmo” (SAUSSURE, 1977, p. 43).

pode-se dizer que o estatuto do fônico em Saussure é simultaneamente concreto e abstrato: é concreto porque depende de uma materialidade e é abstrato porque depende do valor. Nesse sentido, concordamos com Badir (2012, p. 22), ao afirmar que definir um conceito de fonema a partir do legado saussuriano é ir em direção à coincidência entre o movimento articulatório e a impressão acústica.

É também nos ELG (“Antigos Documentos”, 14c) que é possível encontrar uma concepção, pode-se dizer bastante visionária, de fato fonológico. Percebe-se, na passagem a seguir, o quanto a implicação entre concreto e abstrato repercute na definição do objeto da linguística e, conseqüentemente, no fazer do linguista:

nem o fato mecânico nem o fato acústico, situados cada um em sua esfera, representam o fato fonológico, de que é preciso partir e para o qual é preciso retornar; mas que é a forma contínua de sua *correlação* que chamamos de fato fonológico (SAUSSURE, 2004, p. 204).

Frente a essa constatação do fato fonológico, ou seja, da consideração concomitante do som e da significação, ou do efeito acústico e do efeito de sentido que um signo é capaz de produzir, o mestre desabafa:

Nós não temos nenhum gosto pela fonologia e rogamos ao leitor que acredite que a espécie de sistema que, para nosso uso pessoal, empregamos há quinze anos, tem, como única pretensão, substituir os ensinamentos dos fonologistas até que os fonologistas queiram, eles mesmos, se ocupar da silabação e ensiná-la a nós. Não pode caber ao linguista reparar as omissões da fonologia. Essas omissões são, infelizmente, tais que não resta outra alternativa a este último além de construir, assim, sua própria fonologia (SAUSSURE, 2004, p. 209).

Nesse sentido, acompanhando o raciocínio saussuriano, encontra-se aquilo que parece ser o embrião de seus estudos sobre o aspecto fônico da *langue*: “Seria ingenuidade querer edificar uma fonologia sobre a suposição de que o fato fonológico é a causa da qual as figuras acústicas são o efeito” (SAUSSURE, 2004, p. 211).

É por esse motivo que, a partir dos ELG, pode-se pensar nos estudos do fônico na *langue* como uma “teoria dos efeitos” (SAUSSURE, 2004, p. 213). Trata-se de considerar que o som provoca a ideia, ou inversa e reciprocamente. Conforme alerta Saussure, se a fisiologia da fala é regida por leis físicas, no estudo linguístico dos sons, o que deve valer é a consideração de uma relação arbitrária na origem. Por esse motivo, parece conseqüente reconhecer em seus registros a proposta de uma fonologia combinatória. Uma

fonologia combinatória que pressupõe leis que presidem a disposição dos fonemas (SAUSSURE, 2004, p. 214). Essa fonologia combinatória é consequência da necessidade de uma abordagem que busque “uma explicação clara sobre a nova situação do *fonema*” (SAUSSURE, 2004, p. 125). Para o genebrino, a constatação da diferença de abordagem isolada ou relacional dos fonemas

[...] incita apenas observações sobre o fato da combinação e sobre o fato de que, na combinação, não se pode esperar que seja tudo semelhante ao que tinha sido dito sobre o fonema “isolado”. A primeira maneira de considerar o fonema ocupa a primeira parte dos tratados. A segunda, quando não está ausente, constitui um capítulo final, [...].” (SAUSSURE, 2004, p. 125-126).

Como se pôde notar pela quantidade de material produzido por Ferdinand de Saussure sobre o aspecto fônico da *langue*, cabe dizer que há claros indícios de uma proposta de um campo de estudos do fônico a partir da noção de fonologia combinatória.

No manuscrito *Phonétique*, há passagens em que Saussure propõe claramente o estudo do fonema na “*chaîne phonétique*” (SAUSSURE, 1995, p. 28). Sem descartar a importância do estudo acerca da produção fisiológica dos sons “*des termes de classification physiologique des sons*” (SAUSSURE, 1995, p. 28-29), Saussure sublinha a necessidade de se implementar um estudo do som como elemento de uma cadeia. Nas folhas do manuscrito de Harvard, percebe-se um inquieto linguista indagando: “*Dans quelle mesure le fait de la continuité d’articulation du phonème joue-t-il un rôle dans la chaîne phonétique?*” (SAUSSURE, 1995, p. 19).

Não faltam exemplos de termos espalhados pelo manuscrito *Phonétique* que demonstram a preocupação de Saussure com uma abordagem sistêmica dos sons da *langue*. Expressões como “*le rapport*” (1995, p. 21), “*le système*” (1995, p. 23), “*valeur*” (1995, p. 87), “*rôle*” (1995, p. 79), “*effets acoustiques*” (1995, p. 9), “*la chaîne phonétique*” (1995, p. 19), “*caractère distinctif*” (1995, p. 26), “*combinaisons possibles*” (1995, p. 27) são abundantes. Esses indícios apontam para a presença significativa do aspecto fônico da *langue* na reflexão linguística de Ferdinand de Saussure, conforme temos destacado.

Além disso, acompanha a reflexão realizada no decorrer deste capítulo a ideia de uma releitura do lugar do fônico no legado saussuriano. Acreditamos que é possível e pertinente pensar na unidade fonema e no campo da fonologia ancorados nos princípios saussurianos de sistema e de valor. Assim, vislumbra-se uma perspectiva de estudos de uma fonologia combinatória, para utilizar precisamente o termo presente no CLG.

Capítulo 4

A QUESTÃO DA UNIDADE: O CASO DO FONEMA

A questão que move o presente capítulo surgiu em decorrência de uma insistente interrogação que acompanha os estudos sobre a definição de unidade no legado saussuriano, que na abordagem do aspecto fônico da *langue*, não se reduz ao puro som. Retomaremos, portanto, a consideração do elemento sonoro como pista material capaz de produzir diferença e oposição dentro do sistema.

A delimitação da unidade de análise linguística é polêmica. Não raras vezes, mesmo para quem sustenta que a noção de arbitrariedade do signo justifica o enlace entre quaisquer massas amorfas de sons e de sentidos, resta sempre uma inquietação em relação a como pensar a delimitação dessas unidades. Porém, propor a consideração do fonema como signo linguístico não seria demasiada ousadia? O próprio Saussure não recorre frequente e prioritariamente à unidade palavra ou morfema?

Acompanhadas dessas indagações, decidimos buscar em diferentes documentos do mestre genebrino aportes para sustentar o estatuto do fonema como signo linguístico. Para esse percurso, recolhemos dados em fontes de diferentes naturezas. Partimos da obra póstuma *Curso de linguística geral*, tanto em sua tradução brasileira da Cultrix como em sua edição francesa comentada por Tullio De Mauro. Visitamos alguns documentos dos *Escritos de linguística geral* e dedicamos especial atenção ao manuscrito *Phonétique*, em que há nesses textos indícios (ou constatações) acerca da noção de fonema, daremos destaque a eles. O manuscrito *Phonétique* toma lugar de destaque nessa busca em função da especificidade da reflexão sobre o fônico ali proposto.

O fonema nos tempos do jovem Saussure

O termo fonema aparece pela primeira vez nos trabalhos de Ferdinand de Saussure no *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européenne* (1879). Hoje, sabe-se que os artigos do linguista polo-

nês Baudouin de Courtenay acerca do fonema e da fonologia foram publicados nesse mesmo ano²³. É também dessa época (1891) a definição de fonema de Kruszewski, aluno de Courtenay.

A definição do fonema como unidade de análise no campo da linguística é, portanto, um fato relativamente recente. O leitor poderia se perguntar como era feito, então, o estudo dos sons das línguas em período anterior à definição das unidades fônicas. Obviamente, tanto os falantes como os estudiosos das línguas percebiam essas unidades. Os gramáticos hindus, por exemplo, destacavam a unidade sonora – o akṣara (ou “sílabas indivisíveis”) –, ainda que sua consideração da mesma fosse transmitida de forma essencialmente oral. O conhecimento e a transmissão dos hinos védicos eram garantidos pelo registro passado de ouvido dos ritmos marcados pelo contorno da sílaba. Ou seja, o aparato analítico dos gramáticos hindus era fortemente marcado pela impressão acústica. Para os sanscritistas, a diferença entre sílaba e fonema era tão sutil que se tornava secundário definir se a unidade mínima era o som isolado ou a união de dois sons (sílabas). Sem dúvida, essa questão do recorte de frações mínimas teve importantes repercussões para a concepção saussuriana de unidade.

Houve uma mudança importante na forma com que os gregos lidaram com a questão da unidade sonora. A inovação advinda do alfabeto grego é fortemente marcada pela natureza vocal da letra. A possibilidade de relacionar aquilo que se ouve a uma representação gráfica segmentada passa a ser determinante da noção que se tem hoje de unidade mínima de som. O compromisso com a marca da voz não deve ser minimizado: diferentemente de como se registrava nas línguas semíticas (que só evidenciavam a escrita das consoantes), a inovação grega foi inserir na escrita o registro das vogais. O puro som da voz humana (a vogal) passa, então, a receber representação escrita. Essa fusão entre som e letra²⁴, instituída pelos gregos, marca de forma impactante os estudos sobre as línguas a partir de então. Pode-se observar uma amostra disso registrada no CLG:

Nesse sentido, o alfabeto grego primitivo merece nossa admiração. Cada som é representado por um único signo gráfico e, reciprocamente, cada signo corresponde a um som simples, sempre o mesmo. É uma descoberta de

²³ Para maiores detalhes, sugerimos a leitura do trabalho de Garay (2016), que investiga em detalhe a formulação do conceito de fonema nos primórdios da linguística.

²⁴ A própria palavra φώνημα (*phónema*), que significa “som, som da voz humana”, já era utilizada pelos poetas e filósofos gregos.

gênio, que os latinos herdaram. Na escrita da palavra *bárbaros* (ΒΑΡΒΑΡΟΣ), cada letra corresponde a um tempo homogêneo [...] Os outros povos não perceberam esse princípio, e seus alfabetos não analisam a cadeia falada em suas fases acústicas homogêneas. Os cipriotas, por exemplo, se detiveram em unidades mais complexas do tipo *pa, ti, ko*, etc. [...] Os semitas assinalavam só as consoantes: um termo como *bárbaros* teria sido escrito BRBR (SAUSSURE, 1977, p. 50, grifos do autor).

Dando um grande salto nos estudos filológicos, chega-se aos tempos da escola de Leipzig, onde o jovem Saussure fez sua formação. A preocupação com a *Lauthphysiologie*, ou fisiologia dos sons, era central nos estudos comparativos dos neogramáticos, conforme já apontamos no Capítulo 2. Igualmente, já destacamos que no “Apêndice de Fonologia” do CLG Saussure deixa clara sua diferença em relação a seus mestres ao propor o que chama de fonologia combinatória (SAUSSURE, 1977, p. 64).

Encontramos em diferentes fontes apontamentos que mostram momentos distintos na construção da concepção de fonema como unidade linguística para Saussure. A seguir, mostraremos alguns aspectos dessa diversidade, começando por uma apresentação de recortes do texto do CLG que apontam para a noção de fonema como signo linguístico a partir dessa fonologia combinatória proposta por Saussure. Em seguida, passaremos à análise de algumas passagens dos ELGe do manuscrito *Phonétique*.

O fonema no CLG

Se o CLG propõe que “[...] na língua só existem diferenças” (SAUSSURE, 1977, p. 139), o campo das diferenças fônicas indica ser fértil terreno para se constatar essa afirmação. Não deve ter passado despercebido ao leitor do CLG que, ao explicar a lógica da teoria do valor, o professor genebrino aponta que “os fonemas são, antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas” (p. 138). Trata-se de uma consideração bastante clara e específica acerca da lógica do sistema fônico, o que está em total sintonia com a proposta de uma fonologia combinatória.

Particularmente no apêndice “Princípios de Fonologia”, dois aspectos chamam a atenção no que diz respeito à noção de fonema. As referências a essa unidade linguística estão relacionadas a: 1. uma ligação com o aspecto perceptivo das diferenças entre os sons; e 2. uma referência à ligação do som com outros sons na cadeia falada.

Para definir fonema, Saussure destaca que o ato articulatório está absolutamente apoiado na impressão acústica produzida no ouvido dos falantes²⁵. Já no que diz respeito ao encadeamento da cadeia falada, Saussure aponta para a importância dos elos²⁶ da cadeia (SAUSSURE, 1977, p. 51), destacando a relação de dependência interna (p. 62) entre esses elementos.

Essa dependência interna, fruto da noção de valor linguístico, é também abordada quando o assunto é o “Mecanismo da língua”, capítulo em que as solidariedades sintagmáticas e associativas são apresentadas. Em determinada passagem, pode-se ler:

[...] esse procedimento de fixação e de escolha governa as mínimas unidades e até mesmo os elementos fonológicos, quando estão revestidos de um valor (SAUSSURE, 1977, p. 151).

Como se vê, o fonema é apontado como um elemento linguístico submetido às mesmas leis que os demais signos que compõem a *langue*. No entanto, submetê-lo às leis do valor e do mecanismo não corresponde ainda ao conjunto de condições que o estatuto do signo demanda. Será necessário conferir se ao fonema podem também ser atribuídas as demais características inerentes a todo e qualquer signo linguístico.

Ao definir a noção de signo, o texto do CLG anuncia o efeito acústico produzido pela diferença entre as unidades (signos) dentro do sistema. Isso porque o signo linguístico, sendo composto por significado e significante, apresenta em sua porção significante um traço material (geralmente o aspecto fônico, mas não necessariamente). Como se pode acompanhar, o fônico é “invólucro material” (SAUSSURE, 1977, p. 164), que garante sua eficácia no sistema por sua função diferenciadora. No caso do fonema, o “invólucro material” está garantido pela realização fonética e pela impressão acústica que lhe conferem materialidade.

Cabe ressaltar que não se trata do “fônico pelo fônico”, mas de qualquer indício material viabilizado sob forma de uma porção significante funcionando como portador de diferença.

O princípio da arbitrariedade é também verificado na condição do fonema. De forma um tanto breve e objetiva, pode-se lembrar que há lín-

²⁵ “O fonema é a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da unidade falada, das quais uma condiciona a outra; portanto trata-se já de uma unidade complexa, que tem um pé em cada cadeia” (SAUSSURE, 1977, p. 51).

²⁶ Conforme se verá abaixo, a expressão *chaînon* (elo/ligação) é também utilizada no manuscrito *Phonétique*.

guas em que os cliques, por exemplo, são considerados fonemas. Ou seja, é absolutamente arbitrário que qualquer massa amorfa de som possa se ligar a qualquer ideia e que com isso lhe seja outorgado valor linguístico.

O leitor talvez esteja se perguntando sobre o que seria a porção de ideia, ou de significado, quando se reconhece o fonema como signo linguístico. Cabe aqui uma explicação mais detalhada, que foi explicitada por Roman Jakobson, a partir do próprio CLG. Amparado na diferenciação saussuriana entre significação e valor, o linguista russo aponta que “um fonema significa uma coisa diferente do que outro fonema significa numa mesma posição; é o seu único valor” (JAKOBSON, 1977, p. 60).

A consideração da significação como correspondente ao valor de um fonema é fato decisivo na interpretação que propomos de fonema como signo. Aliás, consideramos essa a maior prova da radicalidade do conceito de arbitrário em Saussure. Se qualquer som, por se ligar a qualquer ideia, gera valores distintos em cada língua do mundo, o fonema é realmente a maior comprovação disso. Um fonema não é, ele vale. Simplesmente isso: sua significação e, portanto, seu valor é ser o que os outros não são.

Será fundamental, para a construção desse raciocínio, retomar a noção de unidade na proposta saussuriana. A delimitação da unidade é totalmente dependente da identidade²⁷ que essa unidade carrega. Quando se trata de fonemas, será necessário operar com unidades consideradas simultaneamente como concretas e abstratas, o que leva o estudioso da linguagem a lidar inevitavelmente com o aspecto fônico das línguas. É aí que ele se depara com o fonema, pois, do ponto de vista da *langue*, os fonemas, enquanto entidades diferenciais e formais, são apenas abstrações. Segundo a interpretação de Tullio De Mauro, na nota 111 da edição crítica do CLG (SAUSSURE, 2005, p. 434), por sua natureza concreta, o fonema pertenceria exclusivamente à ordem da *parole*. Nesse quesito, discordamos de De Mauro, pois vemos tanto na instância da *langue* como na da *parole* o caráter simultaneamente concreto e abstrato incorporados ao conceito de fonema. É porque supõe no sistema um valor para cada unidade fônica que o sujeito falante delas faz uso via *parole*. De igual forma, é porque o elemento fônico engata-se com os elementos que o antecedem e o sucedem na cadeia falada que ele ganha valor na escuta que o outro oferece. Balizados pela lan-

²⁷ Cabe lembrar que a identidade depende da materialidade, mas que ela (identidade) é simultaneamente concreta e abstrata, conforme já apontamos no Capítulo 3.

gue, os indivíduos tomam lugar via *parole*, conferindo significação e valor a essas unidades acústicas que se apresentam sempre em relação umas com as outras.

Resta ainda dizer algumas palavras sobre outro importante princípio do signo linguístico: a linearidade. O caráter linear do significante talvez seja aquele mais tangível quando se opera com a unidade fonema. O fato de produzirmos e percebermos um fonema após o outro dificilmente é contestado, exceção feita ao caso dos anagramas. Voltaremos a isso em outro momento.

O fonema nos ELG

Partimos de uma passagem dos “Antigos Documentos” (14d) extraída dos ELG em que o linguista levanta a questão da unidade fônica como impressão acústica:

A impressão acústica é definível? [...] Para diferenciar as letras de seu inimitável alfabeto, vocês acham que os gregos se puseram a estudar? Não. Eles simplesmente sentiram que *l* era uma impressão acústica diferente de *r*, e *r* diferente de *s*, etc. (SAUSSURE, 2004, p. 211).

Percebe-se que a definição da unidade fônica passa não só pela realização articulatória como também pela percepção que se tem da mesma. Além disso, para Saussure, os fonemas não ocorrem isoladamente, pois “[...] *é preciso definir a unidade fonatória* [...]” para considerar que “[...] o fonema, até aí solitário e flutuando no espaço, entra em combinação com outros” (SAUSSURE, 2004, p. 125-126, grifos nossos). Ou seja, ser um fonema significa que existe um fonema que lhe precede e outro que lhe sucede, além de outros tantos que, por pertencer ao sistema, com ele se relacionam (seja em presença ou em ausência).

Mas será em outra significativa passagem dos ELG, no manuscrito “Sobre a essência dupla da linguagem”, que se pode evidenciar um verdadeiro esboço de suas elaborações acerca do fonema, ao qual já recorreremos parcialmente no Capítulo 1:

Presença de um fonema = sua oposição com os outros fonemas presentes, ou seu *valor* com relação a eles.

Correlação de dois sons (sem “significação”) = sua oposição mútua, seu *valor*, um com relação ao outro.

Correlação de dois fonemas com correlação de “significações” diferentes = sempre simplesmente seu *valor* recíproco. É aqui que se começa a entrever a identidade de *significação* e do *valor*.

Depois disso: o que fizemos? Nós partimos do elemento fonológico como de uma unidade morfológica que adquire, sucessivamente, diferentes funções, mas em nenhum momento, um som, ele mesmo, é dado como unidade morfológica (Ibid., p. 28, grifos do autor).

Vê-se aqui mais uma pista consistente para se efetuar a leitura da noção de fonema no legado de Ferdinand de Saussure.

O fonema no manuscrito *Phonétique*

No manuscrito *Phonétique*, encontra-se a afirmação de que o fonema condensa um conjunto simultâneo de características distintivas (SAUSSURE, 1995, p. 26). É igualmente nesses papéis que Saussure anota que o fonema repousa em uma cadeia combinatória (p. 28). No entanto, chama a atenção o detalhamento de sua exploração já minuciosa da definição de fonema nesse material, conforme apresentamos no Capítulo 1:

FONEMA = fenômeno fonético oposto a SILÊNCIO
FONEMAS individuais opostos entre si
FONEMA representando uma porção de tempo em oposição à ESPÉCIE FONÉTICA
FONEMA em oposição à AUDIÇÃO (por oposição à sincronia fisiológica)
FONEMA em oposição à ELO (SAUSSURE, 1995, p. 81).

Os achados deste manuscrito estão bastante próximos do que se viu no CLG e, principalmente, nos documentos presentes nos ELG. Concordamos com Marchese (SAUSSURE, 1995, p. XXIII), ao sugerir que o dualismo acústico e articulatório do fonema deva ser considerado a partir da ideia de unidade proposta por Saussure em seus manuscritos. Esse teria sido, inclusive, o embrião da decisão metodológica de Saussure ao propor o signo como unidade de análise.

Também não se pode deixar de dar destaque a outro importante aspecto já presente no CLG e que reaparece igualmente nos ELG: o fonema pressupõe que um efeito seja produzido e percebido. Ou seja, em suas formulações dos tempos do *Phonétique*, fica já claro que Saussure não descarta o fato fonatório, “sempre necessário” (SAUSSURE, 1995, p. 76). Também como constatado nas duas fontes acima elencadas, é no reconhecimento da escuta que ele ancora sua definição de fonema, quando ele afirma, nos rascunhos do manuscrito de Harvard, que o “[...] fonema supõe que o efeito é produzido” (SAUSSURE, 1995, p. 82).

Herman Parret (2002, p. 54) é ainda mais enfático ao reconhecer que Saussure subordina o fenômeno fonético ao fenômeno acústico. Isso reforça a ideia do fonema como signo, por considerar simultaneamente elementos que carregam registros abstratos e concretos. Se é do ponto de vista da cadeia falada que a produção dos sons se dá, para que se reconheça o fonema como unidade será preciso contar com o efeito perceptivo que ele produz. Queremos com isso dizer que, para que um som seja alçado à instância de signo, é necessário que ele seja reconhecido como passível de evocar simultaneamente, através de sua materialidade fônica, impressão acústica e registro de diferença(s). Eis a condição do fonema!

Por uma noção de fonema como signo linguístico

O percurso realizado até aqui buscou investigar o estatuto do fonema no pensamento saussuriano. Para tanto, foi retomada parte do contexto dos estudos da linguagem no que diz respeito ao estudo do fônico, nos tempos pré-saussurianos. O objetivo desse resgate foi situar, ainda que parcial e brevemente, o ambiente em que brotaram as formulações de Ferdinand de Saussure acerca do fonema.

Engana-se quem pensa que, para entender a noção de fonema como signo linguístico em Ferdinand de Saussure, é suficiente estudar o conhecido capítulo “Natureza do signo linguístico” do CLG. Por esse motivo, a discussão sobre a unidade de análise linguística agrega um reforço substancial. Além disso, é necessário estudar os princípios que regem o signo linguístico para imprimir um detalhado olhar sobre a noção de unidade. Dessa forma, podemos dizer que, para que o fonema – ou outra unidade qualquer – seja alçado ao estatuto de signo linguístico, é necessário que ele tenha identidade ao mesmo tempo concreta e abstrata para o sujeito falante e para o linguista.

É necessário ainda dizer que a consideração do fonema como signo pressupõe lidar com seu aspecto sistêmico e representativo. O fonema depende do fônico, mas não se resume a ele. Ele depende do som para ter percebida sua diferença em relação a todos os demais fonemas que com ele se relacionam no sistema. No entanto, o fonema não é de todo material. A materialidade é apenas uma de suas características²⁸.

²⁸ É nesse sentido que também apontam os achados de Faria (2019).

Para finalizar, retomamos as duas perguntas que apresentamos no início deste capítulo: propor a consideração do fonema como signo linguístico não seria demasiada ousadia? O próprio Saussure não recorre frequentemente e prioritariamente à unidade palavra ou morfema?

Sobre o fato de o próprio linguista genebrino recorrer prioritariamente à unidade palavra, encontramos resposta em uma sugestiva passagem do CLG:

Não podendo captar diretamente as entidades concretas ou unidades da língua, trabalharemos sobre as palavras. Estas, sem recobrir exatamente a definição da unidade linguística, dão dela uma ideia pelo menos aproximada, que tem a vantagem de ser concreta; tomá-las-emos, pois, como espécimes equivalentes aos termos reais de um sistema sincrônico, e os princípios obtidos a propósito das palavras serão válidos para as entidades em geral (SAUSSURE, 1977, p. 132).

Quanto à indagação sobre a ousadia da consideração do fonema como signo linguístico, acreditamos que não se possa dar essa resposta de conclusiva, mas aprende-se com Saussure que “[...] as entidades concretas da língua não se apresentam por si mesmas à nossa observação” (SAUSSURE, 1977, p. 127), ou ainda que “[...] a língua não se apresenta como um conjunto de signos delimitados de antemão [...]” (p. 120). Sendo assim, “a entidade linguística não está completamente determinada enquanto não esteja *delimitada*, separada de tudo o que a rodeia na cadeia fônica. São essas entidades delimitadas ou *unidades* que se opõem no mecanismo da língua” (p. 120, grifos do autor). Ou seja, frase, palavra, morfema e inclusive fonema parecem caber, sim, em um signo linguístico.

Capítulo 5

SOBRE OBJETO E MÉTODO NA LINGUÍSTICA SAUSSURIANA

Ferdinand de Saussure é conhecido principalmente pelas reflexões em torno da definição de objeto e método no campo dos estudos linguísticos. No entanto, no percurso das tentativas de definição de signo e de *langue*, fica uma lacuna no que diz respeito ao estatuto das unidades que integram o sistema. Nesse sentido, o presente capítulo visa a apontar o quanto o aspecto fônico da *langue* foi organizador da construção de um ponto de vista epistemológico importante.

Para isso, partiremos do próprio CLG para apoiar nossa interpretação do manuscrito *Phonétique*, que veio a público integralmente pela primeira vez após oitenta anos da publicação do CLG (SAUSSURE, 1995). Esta edição semidiplomática possibilitou-nos o acesso aos manuscritos de Saussure com um detalhamento significativo, tornando possível compreendermos um material que, apesar da distante data de escritura, presenteia o leitor com uma nova perspectiva com relação à obra saussuriana, particularmente com relação ao ponto de vista sobre o aspecto fônico da *langue*.

Como sabemos, os estudos comparatistas predominavam durante a época em que Saussure fazia sua formação em Leipzig. A fonética e a fonologia ainda estavam bem distantes do conhecimento construído por estas áreas na atualidade, conforme destacamos no Capítulo 2. A fim de compreendermos bem algumas aproximações, distanciamentos e perspectivas, retomaremos algumas considerações acerca do CLG apresentados nos capítulos anteriores. Esta releitura será breve e servirá como um contraponto à leitura do manuscrito *Phonétique*. Acreditamos que este manuscrito, pelo teor das suas análises e pela originalidade com relação aos estudos que eram realizados em sua contemporaneidade merecem uma maior divulgação para que seja possível enriquecermos a nossa perspectiva sobre as implicações entre os fatos concreto e abstrato, entre a materialidade do significante e o seu valor no seio do sistema linguístico. Estes destaques acabarão por levar-nos à reflexão sobre objeto e método no campo dos estudos da linguagem.

A fonologia a partir do *Curso de linguística geral*

O capítulo intitulado “A fonologia” e seu respectivo apêndice podem passar despercebidos pelo leitor do CLG, levando em consideração que esta parece ser uma área de menor importância nos cursos ministrados pelo genebrino. Vale destacar, porém, uma passagem do prefácio à primeira edição do CLG, escrita pelos editores:

o capítulo acerca das mudanças fonéticas encerra coisas já ditas, e quiçá de maneira mais definitiva; todavia, além do fato de que essa parte oculta numerosos pormenores originais e preciosos, uma leitura mesmo superficial mostrará o que a sua supressão acarretaria, por contraste, para a compreensão dos princípios sobre os quais F. de Saussure assenta seu sistema de Linguística Estática (SAUSSURE, 1977, p. 4).

Bally e Sechehaye destacam a importância de se direcionar um olhar atento para o capítulo sobre Fonologia. Que “pormenores originais e preciosos” são estes? Quais princípios são fundamentais para toda a concepção sobre o ponto de vista estático / sincrônico? No início do Apêndice, Bally e Sechehaye reiteram: “[...] além disso, uma boa parte de suas notas pessoais se refere à Fonologia; em muitos pontos, esclarecem e completam os dados ministrados pelos cursos I e II” (SAUSSURE, 1977, p. 49).

Uma das primeiras problemáticas abordadas no CLG trata da diferença entre som e representação. Para Saussure, os linguistas acabaram valorizando demasiadamente a representação escrita das unidades linguísticas, visto que, na sua opinião, “desapegar-se da letra era, para eles [os primeiros linguistas] perder o pé; para nós, constitui o primeiro passo rumo à verdade, pois é o estudo dos sons através dos próprios sons que nos proporcionam o apoio que buscamos” (SAUSSURE, 1977, p. 42). Em seguida, aponta que os linguistas da sua época compreenderam isso, e “dotaram a linguística de uma ciência auxiliar que a libertou da palavra escrita” (p. 42). Notamos, assim, que Saussure está falando sobre o que hoje chamamos “fonética articulatória” (“sons pelos próprios sons”). Conforme já apontamos²⁹, há diferenças

²⁹ No Capítulo 2, mostramos que no CLG se encontra a definição de “fonética” como uma ciência histórica, ou seja, que tem como foco o ponto de vista diacrônico. A “fonologia”, por sua vez, é definida como sendo uma ciência auxiliar à linguística, visto que seu ponto de vista é acrônico, fora do tempo, já que o “mecanismo da articulação permanece sempre igual a si mesmo” (SAUSSURE, 1977, p. 43). Ora, essas definições, como podemos perceber, não condizem com a compreensão atual destes termos.

dessas definições em comparação ao que hoje compreendemos por “fonética” e “fonologia” em linguística.

Tullio De Mauro, em sua edição comentada do CLG, tece importantes observações acerca destas definições. De Mauro destaca que o termo *phonology* é utilizado nos países anglo-saxões desde o ano 1817 em Duponceau; na França, *phonologie* aparece em Dufriche-Desgenettes em 1875, sendo o termo retomado e generalizado por Saussure. No entanto, esses termos normalmente fazem referência ao estudo dos sons na cadeia falada:

refere-se mais ao estudo (articulatório, auditivo, acústico) da *parole*. O estudo funcional, sincrônico e diacrônico, dos aspectos fônicos da *langue*, é designado pelos termos como *phonemics* ou *fonemática*, ou mesmo, ao contrário do uso saussuriano seguido na França por M. Grammont, por *phonologie* e, nos escritos em alemão de Praga, *Phonologie* (DE MAURO, 2005, p. 431).

Todas essas nuances acabam por levar o leitor a ficar atento aos diferentes usos dos termos “fonética” e “fonologia” para que não caia na armadilha de acreditar que os usos e a compreensão dos termos à época de Saussure equivalem-se a nosso entendimento atual.

Destacamos outra passagem do CLG: “explicados todos os movimentos do aparelho vocal necessários para produzir cada impressão acústica, em nada se esclareceu o problema da língua” (SAUSSURE, 1977, p. 43). É por isso que Saussure atribui à “fonologia” o papel de ciência auxiliar – pois o estudo da produção articulatória dos sons não é objeto de estudos do linguista, já que a *langue* se constitui a partir da oposição das impressões acústicas (e dos conceitos) dos elementos que integram o sistema.

O que está em questão é o papel que o aspecto fônico da *langue* desempenha no sistema linguístico – não com relação à produção sonora, mas justamente no que há de mais rico e produtivo neste sistema, que são as impressões acústicas percebidas a partir da massa de sons produzida pelos sujeitos falantes de determinada comunidade linguística: “Cada língua opera com um número determinado de fonemas bem diferenciados. A única realidade que interessa ao linguista é esse sistema” (SAUSSURE, 1977, p. 44). Como linguistas, em nada adianta descrever o aparelho fonatório – esta matéria já é conhecida e é um conhecimento auxiliar à linguística; o que importa são os efeitos dos contrastes produzidos pela matéria fônica, que, no momento em que é discurso (pois se realiza via *parole*), passa a produzir sentido.

A discussão sobre método, então, é essencial para o linguista, visto que, conforme já apontado no primeiro capítulo deste livro, de acordo com

Saussure há apenas um único método racional, que consiste em: “a) estabelecer o sistema de sons tal como é reconhecido pela observação direta; b) observar o sistema de signos que servem para representar – imperfeitamente – os sons” (SAUSSURE, 1977, p. 47). Vejamos, a seguir, como o CLG sistematiza esses princípios.

Os princípios de fonologia para além de um Apêndice

Conforme já lembramos, o apêndice do capítulo “A Fonologia” é a reprodução estenográfica de três conferências sobre a teoria da sílaba ministradas por Saussure no ano de 1897. Nos “Princípios de Fonologia”, sublinha-se a importância de ultrapassar a análise dos atos fonatórios a fim de romper com a fisiologia por ela mesma e de direcionar o olhar do linguista para o que chama de “lado acústico”: “não somente a impressão produzida no ouvido nos é dada tão diretamente quanto a imagem motriz dos órgãos, como também é ela a base de toda teoria” (SAUSSURE, 1977, p. 49). O que seria o “lado acústico”?

Conforme a nota 113 de Tullio De Mauro (SAUSSURE, 2005, p. 435), acústico significa “auditif” (relativo à imagem psíquica do som). Podemos compreender, assim, dado acústico como aquele que repercute na escuta dos sujeitos falantes de uma dada língua³⁰. Lembramos, conforme já salientamos no Capítulo 4, que o fonema é definido como uma unidade complexa, caracterizada pela “soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatorios da unidade ouvida e da unidade falada” (SAUSSURE, 1977, p. 51), uma condicionando a outra. A delimitação da unidade linguística está diretamente ligada à impressão acústica reconhecida pelo sujeito falante.

Saussure ainda destaca que “enumerar esses fatores de produção do som não é ainda determinar os elementos diferenciais dos fonemas. Para classificar estes últimos, importa menos saber em que consistem que saber o que os distingue uns dos outros” (SAUSSURE, 1977, p. 54). O elemento distintivo é crucial para que se compreenda a diferença entre o ponto de vista da realização articulatória e o ponto de vista acústico. Conforme vere-

³⁰ “É na cadeia da fala ouvida que se pode perceber imediatamente se um som permanece ou não igual a si próprio; enquanto se tenha a impressão de um som homogêneo, este som é único” (SAUSSURE, 1977, p. 50).

mos a seguir, é na cadeia falada que a oposição e a distintividade produzem seus efeitos.

O fonema na cadeia falada

No segundo capítulo do “Apêndice” do CLG é importante destacar a preocupação que Saussure demonstra com o estudo dos sons das línguas na cadeia falada – e não isoladamente: “quando se trata de pronunciar dois sons combinados, a questão é menos simples; estamos obrigados a levar em conta a discordância possível entre o efeito procurado e o efeito produzido” (SAUSSURE, 1977, p. 63). Esta forma de estudar o aspecto fônico da *langue* leva o linguista a entrever os encadeamentos, as variações e ajuda a vislumbrar as diferenças entre o que é significativo do que não produz diferença no sistema fonológico das línguas.

Mais do que definir de antemão a caracterização das entidades linguísticas, a preocupação metodológica do genebrino apontava para a necessidade de recortar as unidades com as quais o linguista deve trabalhar. No entanto, esta não é uma questão simples, pois, conforme afirma o mestre, essas unidades são simultaneamente concretas e abstratas: “Foi um grande erro da Fonologia considerar como unidades reais essas abstrações, sem examinar mais de perto a definição de unidade” (SAUSSURE, 1977, p. 66).

Nesse sentido, concordamos com Badir ao afirmar que a tarefa do linguista será constituir uma forma de análise da *langue* a partir dos dados de *parole*:

A criação do objeto linguístico, no entanto, não se faz *ex nihilo*: ela está enraizada na observação de fatos concretos da *parole*. A *langue*, antes de ser histórica ou sociológica, é essencialmente um fenômeno psíquico, e, nisso, ela apresenta uma realidade tangível. Mas esta realidade não pode ser atingida diretamente. Ela só pode ser apreendida conforme um ponto de vista, ponto de vista específico para sua análise, que o linguista exerce sobre os dados concretos da *parole* (BADIR, 2012, p. 19).

O desafio do linguista será resolver esse impasse metodológico, levando em consideração, simultaneamente, a concretude da *parole* e a abstração da *langue*.

Passamos a seguir ao manuscrito *Phonétique*, lembrando que a leitura que empreendemos do CLG foi pautada pela valorização da noção de unidade considerada a partir do aspecto fônico da *langue*. Para isso, essa unidade, o signo linguístico, deverá sempre ser considerada a partir da cadeia falada, ou seja, do discurso.

***Phonétique* e a criação de um ponto de vista**

Marchese, na sua Introdução ao *Phonétique* (SAUSSURE, 1995, p. XVI), afirma que as notas de Saussure, particularmente as dos cadernos 1 e 5, podem ser uma continuidade das reflexões do linguista iniciadas em seu famoso *Mémoire*. É impressionante ler o manuscrito e deparar-se com as inúmeras definições de fonema com as quais Saussure nos presentearia. É possível vislumbrar, nessas definições, a potência da reflexão sobre o aspecto fônico da *langue* a partir de um viés que até então estava longe de ser prática. É importante retomar esta definição a fim de refletirmos sobre a proposta metodológica que podemos apreender da leitura desses escritos.

Para melhor nortear nossa leitura, retomaremos, entre outros excertos, passagens do manuscrito que definem o termo “fonema”. Alguns destes trechos, já apontados no Capítulo 4, resumem a originalidade de Saussure no que se refere à criação de um ponto de vista caro ao linguista: o da sincronia da *langue*. Este ponto de vista está diretamente relacionado a sua concepção sobre o que podemos compreender como “*phonétique*”, visto que nas páginas desse documento encontramos a expressão “fonética semiológica” (SAUSSURE, 1995, p. 120)³¹.

A noção de valor, destacada pelo próprio Saussure, carrega consigo toda uma fundamentação sincrônica que se alia à visão de que a *langue* deve ser analisada a partir da sua materialização no discurso, sem jamais se limitar à definição de unidades isoladas e por si mesmas, ou seja, mantendo “um pé em cada cadeia”³²: a das impressões acústicas e a dos movimentos articulatorios.

Veremos como as seguintes tentativas de definição de fonema contribuem para a compreensão da complexidade do ponto de vista defendido por Saussure:

fonema = sempre possibilidade de um valor semiológico

fonema = Oposições acústicas

fonema = Indivisão do som no tempo – resultante de semelhança relativa

fonema = Totalidade do som percebido de momento a momento (SAUSSURE, 1995, p. 90-91).

³¹ “Fonética semiológica: se ocupa dos sons e das sucessões de sons existentes em cada idioma enquanto possuindo um valor para a ideia (ciclo acústico-fisiológico)” (SAUSSURE, 1995, p. 120).

³² Fonema = seja o jogo simultâneo em sua complexidade

= seja o resultante acústico de todos os fatores necessários para uma espécie fonética, por oposição aos diferentes fatores considerados isoladamente (SAUSSURE, 1995, p. 73).

“Valor semiológico”, “oposições acústicas”, “semelhança relativa”, – estas definições ajudam-nos a vislumbrar a preocupação do linguista em estruturar um olhar para o objeto de estudos que não se limita a fechar-se em si mesmo, mas a considerar que é crucial tomar o aspecto fônico da *langue* por um viés que não fica nem na materialidade, nem na pura abstração: o olhar do linguista estará direcionado para as unidades que produzem o efeito acústico da distinção para o sujeito falante de determinada língua.

Aliás, as noções de identidade, semelhança e diferença aparecem no manuscrito aliadas à própria concepção de sujeito falante, representado metonimicamente pelo termo *oreille*: “O ouvido somente pode, naturalmente, decidir as semelhanças, identidades e diferenças das percepções. Não são as percepções, mas suas causas que estão em uma dependência mútua ou deveriam estar” (SAUSSURE, 1995, p. 99). O que está em jogo, assim, é a distinção entre as unidades da *langue*, que só são percebidas pois constituem valor no sistema linguístico e, portanto, no discurso:

Considerar a totalidade dos elementos acústicos remete a distinguir as unidades acústicas sucessivas: são duas expressões do mesmo ponto de vista. É somente uma única e mesma operação. É a própria operação do ouvido, enquanto percebe o discurso (SAUSSURE, 1995, p. 103).

Vemos, mais uma vez, a associação entre o concreto e o abstrato como uma maneira de olhar para a *langue* que ultrapassa o que, até então, era feito pelos contemporâneos de Saussure. Novamente, o “fonema” é definido a partir de sua complexidade: “Unidade fonética = unidade acústica de sensação do fenômeno físico, considerada conjuntamente com o fato fisiológico que nasce aí” (SAUSSURE, 1995, p. 117). É necessário destacar que a “unidade acústica” está diretamente ligada à percepção da distinção dessas unidades na cadeia falada ou na “cadeia fonética”:

Quando se fala de cadeia fonética, tem-se sempre em vista algo concreto. Quando se fala de um fonema isolado, podemos entendê-lo de uma maneira concreta ou abstrata. Concreta, se for concebido como ocupando um espaço de tempo. Abstrata, se somente se fala dos caracteres distintivos, e se os classificamos (SAUSSURE, 1995, p. 151).

Encontramos no *Phonétique* trechos que ilustram uma concepção de método que pouco a pouco foi esboçado e construído por Saussure. Apesar de esses manuscritos terem sido descobertos anos após a publicação do CLG, é inegável que a maneira de olhar para a *langue* repercute, até hoje, nos estudos da linguagem. As noções de signo e de valor estão enraizadas na

concepção metodológica que, já em *Phonétique*, pudemos encontrar na preocupação de delimitar, afinal, o modo complexo de considerar as unidades na cadeia falada, ultrapassando o limite do som isolado e fora do sistema linguístico.

Da *langue* aos efeitos no discurso

O presente capítulo buscou refletir sobre o estatuto do objeto e do método nos estudos linguísticos considerando o ponto de vista desde o qual Ferdinand de Saussure imprimiu um olhar inovador para a *langue*. Acreditamos que a consideração do aspecto fônico da *langue*, já presente nos manuscritos do então jovem linguista genebrino, foi decisiva para a mudança de paradigma no campo dos estudos da linguagem.

A forte presença da sua preocupação com os sons das línguas registrada no CLG confirma nossa hipótese de que o raciocínio saussuriano passava decisivamente pela consideração simultânea dos aspectos concreto e abstrato das unidades que formam a *langue*.

Igualmente, o manuscrito *Phonétique* apresenta importantes registros a esse respeito, que neste capítulo buscamos destacar. Nesse sentido, as referências aos conceitos de fonema, fonética e fonologia presentes tanto nesse documento autográfico como no próprio CLG serviram-nos de indício de o quanto Saussure, enquanto se esforçava para contribuir metodologicamente para a formalização do campo dos estudos da linguagem, buscava também considerar a produção e percepção das línguas na cadeia falada.

Em nossa opinião, foi justamente ao considerar a dupla vida concreta e abstrata das entidades linguísticas que Saussure percebeu, com brilhantismo, o valor semiológico das unidades que compõem o sistema, e que se atualizam e se renovam sempre, via sujeito falante, no discurso.

Capítulo 6

O SOM COMO TAL E O SOM COMO SIGNO

Neste capítulo, questionamo-nos: a que se refere a dupla essência da linguagem abordada por Saussure? O que é essencial para que de fato exista um sistema linguístico? Qual a importância do dado material para a construção do fato linguístico? Para tentar responder a essas questões, optamos por partir das ocorrências da expressão “figura vocal” no decorrer do manuscrito “Sobre a essência dupla da linguagem”³³.

Uma das questões recorrentes no conjunto de notas manuscritas que se reúnem sob o título “Sobre a essência dupla da linguagem” é a natureza da relação forma-sentido e as suas implicações para a delimitação das unidades da *langue*. Sendo assim, como interessa-nos particularmente a reflexão de Saussure sobre o aspecto material necessário à *langue*, observaremos as passagens em que o linguista lança mão da expressão “figura vocal” ou suas variáveis. Antes de iniciarmos, porém, é necessário destacar algumas questões com relação à diferença entre “som” como tal e “som” como signo. Vejamos a passagem abaixo:

Examinemos se, na seção horizontal, existe alguma ocasião em que o som chegue, *como tal* (abstração feita de todo fragmento de sentido ligado ao som), a manifestar um valor – seja *a*) diante de *fenômenos* de língua próprios da seção horizontal, seja *b*) diante de distinções necessárias ao linguista para a seção horizontal (SAUSSURE, 2004, p. 86).

O que podemos compreender com a expressão “som como tal”? Conforme veremos no decorrer da nossa exposição, Saussure, em diversas pas-

³³ Inicialmente, havíamos lançado mão da edição de René Amacker desses manuscritos saussurianos, intitulados por ele “Da dupla essência da linguagem”. A edição organizada por Amacker (SAUSSURE, 2011) propõe uma nova ordenação dos manuscritos, além de contar com a transcrição de rasuras, acréscimos marginais e comentários às omissões da primeira versão publicada, dispostos em inúmeras notas de rodapé. Nessa edição crítica, Amacker, a fim de facilitar a busca e a comparação com a edição dos *Escritos de linguística geral*, referiu em cada uma das partes da *Dupla essência* a indicação correspondente à edição de Bouquet e Engler (SAUSSURE, 2002). Como as passagens selecionadas neste capítulo não apresentam diferenças ou acréscimos significativos em relação à edição apresentada nos *Escritos*, optamos por utilizar a tradução brasileira (SAUSSURE, 2004).

sagens, aponta a relevância de diferenciar o que seria a “figura vocal” por si só da “forma”, inseparável do sentido: “É errado (e impraticável) opor a *forma* e o *sentido*. O que é certo, em troca, é opor a *figura vocal*, de um lado, e a *forma-sentido* de outro” (SAUSSURE, 2004, p. 21). Partindo desta consideração, entendemos que o “som como tal” refere-se à materialidade linguística (no caso, a materialidade sonora das línguas orais³⁴); em oposição ao “som como tal”, teremos o “som como signo” – ou seja, a unidade linguística, cuja existência depende da associação arbitrária e necessária entre o que, hoje, chamamos significante e significado. Sem tal associação não há signo – e não há *langue*.

Sendo assim, é essencial reiterar: a figura vocal (o “som” como tal) só pode ser colocada em oposição à forma-sentido (o “som” como signo). Só existe linguisticamente a forma associada a um sentido, ou o sentido associado a uma forma:

Existe na língua: 1º Se for considerada em um *momento* dado: não apenas signos, mas também *significações* não separáveis dos signos, visto que estes não mereceriam mais seu nome sem a significação (SAUSSURE, 2004, p. 67).

O que *não* existe na *langue*, conforme as anotações de Saussure, são

a) as significações, as ideias, as categorias gramaticais fora dos signos [...] b) as figuras vocais que servem de signos não existem mais na língua instantânea. Elas existem, então, para o físico, para o fisiologista, não para o linguista e nem para o sujeito falante. Assim como não há significação fora do signo *a*, assim também não há signo fora da significação (SAUSSURE, 2004, p. 67).

Assim, é reforçada mais uma vez a ideia de “figura vocal” como o ponto de vista do som que interessa ao fisiologista, e não ao linguista e tampouco ao sujeito falante; afinal, o que importa a ambos é a potência de significar que a materialidade (sonora ou não) pode carregar. É o que ocorre quando se olha para a *langue* não a partir de um momento dado (ponto de vista sincrônico), mas através do tempo: “2º Se, ao contrário, a língua for considerada *ao longo de um período*: Então, não existe mais signo nem significação, mas apenas *figuras vocais*” (SAUSSURE, 2004, p. 68).

³⁴ No caso das línguas de sinais, por exemplo, a materialidade não seria o “som”, mas o “gesto”. Em Frydrych (2013), discute-se o estatuto das línguas de sinais sob a ótica saussuriana: “o que importa no sinal não é o gesto em si, mas as diferenças quirêmicas, gestuais que permitem distinguir esse sinal de todos os outros, pois são elas que levam a significação” (FRYDRYCH, 2013, p. 76).

Ao abordar a natureza do objeto em linguística, Saussure diferencia o “som” como tal do “som” como signo com recorrência, talvez para afastar-se das considerações que visavam apenas ao aspecto fisiológico, mas também para demarcar a necessidade de não se afastar por completo da materialidade – afinal, é a partir do aspecto concreto que é possível ao linguista (ou aos próprios sujeitos falantes) delimitar as unidades da *langue*. Eis a natureza do objeto em linguística: não há um objeto dado, mas um fato linguístico:

Uma sucessão de sons vocais, por exemplo *mer* (m + e + r) é, talvez, uma entidade que regressa ao domínio da acústica, ou da fisiologia; ela não é, de jeito nenhum, nesse estado, uma entidade linguística. Uma língua existe se, à m + e + r, se vincula uma ideia” (SAUSSURE, 2004, p. 23).

Encarar as unidades linguísticas como “dados” é atribuir à *langue* recortes *a priori*, ignorando o lugar que o sujeito falante ocupa na sistemática da *langue*. Afinal, como já líamos no próprio *CLG*, só existe linguisticamente aquilo que é real para os falantes de determinada língua.

Pensar a natureza da unidade linguística perpassa, assim, a reflexão acerca da dupla essência da linguagem. Afinal, do que se trata esta “dupla essência”? Qual a relevância desta discussão para a linguística? Sigamos o raciocínio do linguista genebrino:

O dualismo profundo que divide a linguagem não reside no dualismo do som e da ideia, do fenômeno vocal e do fenômeno mental; essa é a maneira fácil e perniciosa de concebê-lo. O dualismo reside na dualidade do fenômeno vocal COMO TAL e do fenômeno vocal COMO SIGNO – do fato físico (objetivo) e do fato físico-mental (subjetivo), de maneira alguma do fato “físico” do som por oposição ao fato ‘mental’ da significação. Há um primeiro domínio, interior, psíquico, onde existe o signo assim como a significação, um indissolivelmente ligado ao outro; há um segundo, exterior, onde existe apenas o “signo” mas, nesse momento, o signo se reduz a uma sucessão de ondas sonoras que merece de nós apenas o nome de figura vocal (SAUSSURE, 2004, p. 24).

A passagem acima é fundamental para a nossa compreensão acerca da dupla essência da linguagem. A dupla essência da linguagem reside na dualidade entre o fenômeno vocal como tal (som fora do signo) e do fenômeno vocal como signo. Temos, assim, o aspecto material como necessário à essência da linguagem, aliado ao fato subjetivo que é a associação entre o significado e o significante (a forma-sentido), imprescindível para que possamos falar de signo na sua concepção contemporânea. Em que não consiste esse dualismo? Nem na oposição som X ideia, nem na oposição do vocal X mental.

Quais as implicações de refletirmos sobre a dupla essência da linguagem? Seria uma contradição falarmos do aspecto material em linguística? Afinal, lemos em diversas passagens que a figura vocal por si só não interessa ao linguista, mas ao fisiologista. Acreditamos que sim, cabe a nós, estudiosos da área, refletirmos mais profundamente sobre as implicações metodológicas acarretadas no momento em que vislumbramos que a *langue* não é só abstração. Conforme Milano (2017, p. 92), considerar os aspectos concreto e abstrato “constitui um caminho potente que nos obriga a enfrentar os impasses que o mestre genebrino teve de enfrentar”. Atentar-se ao aspecto material, concreto, do fenômeno da linguagem não significa afastar-se da linguística. Afinal, a existência da *langue* (a sua própria percepção) depende da sua realização na cadeia falada.

Em linguística, tudo é uma questão de ponto de vista – “não há o menor traço de *fato linguístico*, nem a menor possibilidade de perceber ou de determinar um fato linguístico fora da adoção anterior de um ponto de vista” (SAUSSURE, 2004, p. 27). É preciso, assim, sempre estarmos atentos ao método pelo qual pretendemos olhar para a *langue*. Ao refletirmos sobre a figura vocal, é inevitável abordar esta questão. Saussure destaca:

Assim, muitos linguistas pensam ter se situado no terreno psicológico-acústico ao fazer abstração do sentido da palavra para considerar seus elementos vocais, dizendo que a palavra *champ*, do ponto de vista vocal, é idêntico à palavra *chant*, dizendo que a palavra comporta uma parte vocal que se vai considerar, mais uma outra parte, etc. Mas de onde se supõe, antes de tudo, que há uma *palavra*, que deverá ser considerada, depois, de diferentes pontos de vista? Só se obtém essa ideia, ela mesma, de um determinado ponto de vista, porque, para mim, é impossível ver que a palavra, em meio a todos os usos que dela se faz, seja algo dado, que se imponha a mim como a percepção de uma cor (SAUSSURE, 2004, p. 26-27).

Quando dizemos que uma palavra é acusticamente idêntica a outra já saímos do terreno da fisiologia e adentramos no terreno da morfologia – ou seja, no âmbito da consideração da forma em geral. A questão não é simplesmente o aspecto vocal, mas o valor que pode ser atribuído à materialidade. O ponto de vista não é vocal, é linguístico. Sendo assim, tudo que diz respeito à consideração morfológica equipara-se aos pontos de vista sincrônico, semiológico, gramatical e ao ponto de vista dos elementos na cadeia falada (elementos combinados, e não isolados), conforme anotações de Saussure. Do outro lado, teremos o ponto de vista diacrônico, “não difere do ponto de vista *fonético* (ou da *figura vocal* separada da ideia e *separada da função de signo* [...])” (SAUSSURE, 2004, p. 24). Para o linguista,

quem diz *signo* diz *significação*; quem diz *significação* diz *signo*; tomar por base o *signo* (sozinho) não é apenas inexato, mas não quer dizer absolutamente nada porque, no instante em que o *signo* perde a totalidade de suas significações, ele nada mais é do que uma figura vocal (SAUSSURE, 2004, p. 44).

Nesse sentido, Saussure apresenta três domínios no manuscrito: (I) o domínio não linguístico do pensamento puro, ou seja, fora do *signo* vocal e de toda a materialidade possível; (II) o domínio linguístico do *signo* vocal³⁵: “Esse domínio é, ao mesmo tempo, o do *pensamento relativo*, da *figura vocal relativa* e da relação entre os dois” (SAUSSURE, 2004, p. 43); (III) o domínio linguístico do som puro, ou seja, o som por si só “considerado em si mesmo e fora de qualquer relação com o pensamento = FONÉTICA” (SAUSSURE, 2004, p. 43).

O primeiro domínio, por ser considerado não linguístico, é aquele da massa amorfa de pensamento (e por isso não cabe ao linguista falar a partir deste domínio); o segundo domínio diz respeito à concepção de *signo* linguístico *per se*, à forma-sentido que existe apenas como tal na associação de seus elementos; já o terceiro domínio seria aquele da figura vocal pura – ultrapassando a compreensão de que o sistema é puramente abstrato, já que para que o *signo* seja apreendido, para que ele mude, se transforme e se desenvolva, é imprescindível que haja um aspecto material que merece ser apontado.

Eis a distinção fundamental para Saussure com relação à abordagem linguística:

A distinção fundamental e única, em linguística, depende, então, de saber: – se é considerado *um signo ou uma figura vocal como signo* (...); – ou se é considerado *um signo ou figura vocal como figura vocal*; (...) porque, a cada momento de sua existência, só EXISTE linguisticamente o que é percebido pela consciência, ou seja, o que é ou se torna *signo* (SAUSSURE, 2004, p. 44).

A questão de saber sob qual ponto de vista encarar a materialidade é de suma importância para determinar como encaramos a *langue*: o que importará ao linguista será a realização sonora ou os efeitos que esta realização é capaz de produzir na cadeia discursiva? Acreditamos que era imprescindível para Saussure encarar esta questão, sob pena de que os estudos

³⁵ Para nós, a utilização de “*signe vocal*” em detrimento de “*figure vocale*” é distintiva, no sentido de que “*figure vocale*” é a pura materialidade enquanto que “*signe vocal*” pode ser compreendido como a materialidade que possui valor dentro de um sistema. Nossa compreensão baseia-se na própria passagem, que destaca que o “*signe vocale*” seria a “*figure vocal*” relativa, lançando mão, inclusive, da caracterização “*signe vocal (sémiologie)*”.

do linguista ficassem estagnados em uma concepção diacrônica (estudo da mudança do som ao longo do tempo) ou acrônica (estudo da produção sonora do aparelho fonador). Por isso, Saussure ainda diferencia, do terceiro domínio, o que chama de “*Domínio fisiológico-acústico (não linguístico) da figura vocal (que se impõe como igual a si mesma, independentemente de toda língua)*” (SAUSSURE, 2004, p. 28). É o puro som fora de qualquer relação com outros elementos sonoros – o som por ele mesmo e que não possui identidade ou diferença com qualquer outro elemento. É o som sem identidade, que não produz diferença. Para Saussure, esta última forma de abordar o som não interessa ao linguista.

A noção de diferença revela-se, na reflexão de Saussure, como um importante elemento para que se desenvolva uma concepção de sistema linguístico, diretamente ligada à ideia de relação: “todo objeto sobre o qual incide a ciência da linguagem é precipitado numa esfera de relatividade” (SAUSSURE, 2004, p. 62). Por vezes, no entanto, vê-se que os elementos são tomados fora de qualquer relação com outros elementos da *langue*. É o que acontece quando se busca definir uma palavra isoladamente.

Saussure aponta que há, “infelizmente para a linguística” (SAUSSURE, 2004, p. 75), três maneiras diferentes de representar a palavra: (I) a palavra representada totalmente fora de nós, como no caso da palavra que faz parte de um dicionário, sendo esta considerada a sua existência; (II) a palavra entendida como, igualmente, estando fora de nós, havendo duas partes: a física (material) que seria a palavra, e seu sentido (mental, abstrato); (III) a palavra como existente apenas a partir da consciência que temos ou podemos tomar a partir dela, assim como a de seu sentido:

Uma palavra só existe verdadeiramente, de qualquer ponto de vista que se adote, pela sanção que recebe, a cada momento, daqueles que a empregam. É isso que faz com que ela difira de uma sucessão de sons, e que difira de uma outra palavra, mesmo composta da mesma sucessão de sons” (SAUSSURE, 2004, p. 76).

Assim, falar sobre a materialidade demanda a discussão sobre a própria definição de palavra, já que há palavras que são idênticas na sua realização vocal, mas que mesmo assim diferenciam-se em identidade e valor. No centro desta reflexão está a concepção de diferença, essencial para que possamos falar de sistema linguístico. O que importa que *chant* e *champ* sejam idênticos na figura vocal? Ambos são percebidos como duas unidades distintas na percepção da cadeia falada. O que atesta a existência de

duas palavras distintas apesar da sua equivalência sonora não é a sua materialidade, mas a consciência de que existem, linguisticamente, duas unidades distintas.

Quando Ferdinand de Saussure se vale da comparação dos elementos químicos tomados isoladamente ou em combinação, o linguista destaca outra questão bastante importante: a dualidade da palavra representa ou não a dualidade dos domínios físico e psicológico? Temos reiteradamente tentado mostrar que não. Saussure observa que

Os dois elementos do ar estão na ordem material e os dois elementos da palavra estão, reciprocamente, na ordem espiritual; nosso ponto de vista constante será dizer que não apenas a significação, mas também o signo, é um puro fato de consciência (SAUSSURE, 2004, p. 22).

Assim, não se trata de olhar para o aspecto material do signo para resumi-lo à pura substância. O que vale ressaltar é que a materialidade (concretude) do signo é necessária para que possamos compreender a *langue* como um sistema essencialmente abstrato, já que o sistema nada mais é do que o jogo de diferenças de valor entre determinados elementos, diferenças que precisam ser reconhecidas como significativas para o sujeito falante. Em suma, trata-se de atestar a importância da materialidade na medida em que é a partir deste aspecto que vemos ser impossível dissociar *langue* de sujeito falante. Como bem destacou Saussure:

O fato, por exemplo, de *aka* ser pronunciada por uma pessoa, num certo lugar e num certo momento, ou o fato de mil pessoas, em mil lugares e em mil momentos, emitirem a sucessão de sons *aka*, é, absolutamente, o único fato dado: mas não é menos verdade que só o fato ABSTRATO, a *identidade acústica desses aka*, forma sozinho a *entidade acústica aka*: e que não há um objeto primeiro a ser procurado, mais tangível do que esse primeiro objeto abstrato (SAUSSURE, 2004, p. 33).

A identidade (ou não identidade) apreendida pelos falantes de determinada língua reacende o debate sobre a natureza da “existência” da mesma:

Onde é que *existe* uma composição musical? É a mesma questão de saber onde existe *aka*. Na verdade, essa composição só existe quando é executada; mas considerar essa execução como sua existência é falso. Sua existência é a *identidade* dessas execuções (SAUSSURE, 2004, p. 33).

A garantia não está na concretude, na materialidade por si só (o que vincularia a existência da *langue* a sua representação ou reprodução). A existência da *langue* é vislumbrada na identidade, no valor operado pelas unidades na cadeia falada. Afinal, “a porção material vale mais pelas dife-

renças (e oposições) que produz do que pelo que ela carrega de materialidade fônica em si; o significante não é, portanto, o som” (MILANO, 2017, p. 88). A cadeia falada atesta o valor, reconhecido, a cada execução, pelos sujeitos falantes. Esse reconhecimento só ocorrerá quando o que poderia ser meramente uma figura vocal é, na realidade, *forma*:

Uma forma é uma figura vocal que, na consciência dos sujeitos falantes, é *determinada*, ou seja, é ao mesmo tempo existente e delimitada. Ela não é nada mais; assim como não é nada menos. Ela não tem, necessariamente, ‘um sentido’ preciso; mas ela é percebida como coisa que *é*; que, além disso, não seria mais, ou não seria mais a mesma coisa, caso se modifique o que quer que seja em sua exata configuração. (Eu duvido que se possa definir a forma com relação à ‘figura vocal’, é preciso partir do dado semiológico) (SAUSSURE, 2004, p. 37-38).

Na passagem acima, atesta-se claramente a distinção de forma em relação à figura vocal. A forma é a figura vocal que significa para o sujeito falante. Delimitada como significante, a figura vocal ultrapassa o terreno do “som puro” para o terreno da significação:

Uma figura vocal se torna uma forma a partir do instante crucial em que é introduzida no jogo de signos que se chama língua, da mesma maneira que um *pedaço de pano*, jogado no fundo do navio, se torna um *sinal* no instante em que é içado 1º entre outros signos içados no mesmo momento e que contribuem para a sua significação; 2º entre cem outros que *poderiam* ser içados (...) (SAUSSURE, 2004, p. 38).

Eis o significante linguístico: o signo vocal com a potência de significação entre outras formas linguísticas – aquilo que significa ou que pode significar na rede semiológica que é a *langue*: “Quem diz *forma* diz *diferença* com outras formas e nada mais” (SAUSSURE, 2004, p. 47)”. Só vale o que produz diferença na *langue* (ou seja, para o falante) – “Chama-se *forma* uma figura vocal que é determinada *para a consciência dos sujeitos falantes*” (SAUSSURE, 2004, p. 47).

O conceito de forma supera o de figura vocal e ajuda a diluir o que poderia ser compreendido como uma ligação direta entre a materialidade e o que esta representa no jogo dos signos. Saussure reitera: “DIFERENÇA: PLURALIDADE [SISTEMA?]. SIMULTANEIDADE. VALOR SIGNIFICATIVO” (SAUSSURE, 2004, p. 36).

Retomando a definição de figura vocal, o linguista reforça novamente:

para que uma FORMA exista, como forma, e não como figura vocal, há duas condições constantes, embora, em última análise, essas duas condições acabem por formar uma só: 1º que essa forma não seja separada de sua

oposição com outras formas simultâneas; 2º que essa forma não seja separada de seu sentido” (SAUSSURE, 2004, p. 31).

Retornamos à nossa questão inicial: apenas se considera forma o que está vinculado a um sentido e vice-versa. Linguisticamente, estes termos são inseparáveis – são a frente e o verso da folha de papel: forma-sentido. Além de não existirem fora dessa relação, também não existem isoladamente, fora de um sistema, como destaca Saussure em outra passagem: “Todo o estudo de uma língua como sistema, ou seja, de uma morfologia, se resume, como se preferir, no estudo do *emprego das formas* ou no da *representação das ideias*” (SAUSSURE, 2004, p. 32).

Cindir a relação forma-sentido é desfazer a sua própria natureza simbólica:

Admitir a forma fora de seu emprego é cair na *figura vocal* que pertence à fisiologia e à acústica. É, além disso, mais imediatamente, entrar em contradição consigo mesmo porque há muitas *formas* idênticas de som e que nem se sonha em abordar, o que é a melhor prova da perfeita inanidade do ser *forma* fora de seu emprego (SAUSSURE, 2004, p. 33).

É possível vislumbrar, a partir de todas estas considerações, a preciosidade com que Saussure buscava considerar cada definição a qual julgava importante para a delimitação do objeto da linguística, cuja complexidade demandava detalhar pormenores exaustivamente. As inúmeras definições de forma e explanações a respeito da importância de considerar a unidade linguística na cadeia falada (ou seja, na relação com outros elementos do sistema, em presença ou em ausência) são prova da minúcia do genebrino. Na passagem a seguir, Saussure destaca a necessidade de se tomar o signo em relação com os elementos do sistema:

Como o signo primeiro não valeria nada, se não fosse pelos signos ambientes, é inútil se perguntar como os que dele procedem valem isto, não valem aquilo e valem, mesmo, alguma coisa, embora, materialmente, tenham deixado de existir – a menos que se decida considerar os signos ambientes que, sozinhos, determinam, com efeito, o valor e a própria existência de cada signo: considerar apenas esse *entourage* é romper francamente com a fonética, é se submeter a entrar no mundo dos signos como coisas significantes e presentes na consciência; por conseguinte, a ignorar sistematicamente todas as circunstâncias etimológicas e retrospectivas, que estão ausentes da consciência (SAUSSURE, 2004, p. 63-64).

Em suma, o signo isolado nada vale, e considerá-lo no seio do sistema linguístico é passar ao ponto de vista sincrônico – é romper, conforme as próprias palavras do mestre – com a fonética (estudo diacrônico), pas-

sando a importar essencialmente o signo na sua função significante, responsável por produzir efeitos de identidade e valor na consciência dos sujeitos falantes de determinada língua. Resta, assim, deste ponto de vista, deixar por um momento de lado as considerações que fujam à percepção dos sujeitos falantes deste sistema – visto que, como vimos anteriormente, só existe linguisticamente aquilo que é real para os sujeitos falantes de tal sistema sincrônico.

As questões apontadas até aqui visam a salientar a importância da reflexão acerca da natureza material e significante da *langue*, além de indicar uma possível interpretação acerca do que seria a dupla essência da linguagem, entendida aqui como a oposição da figura vocal (som como tal) e da forma-sentido (som como signo). Ademais, buscamos destacar os conceitos de valor e de sistema aliados à percepção e consciência do sujeito falante, tema que será retomado com maior profundidade no Capítulo 9.

Em suma, o som como figura vocal é a materialidade necessária para que a *langue* tenha existência. Como mera figura vocal, ela interessa apenas ao fisiologista, mas, quando ultrapassa o estatuto da materialidade para adentrar a esfera da significação (abstração), estamos já considerando o seu valor em um sistema linguístico – ou seja, em um valor que produz efeitos para o sujeito falante. Sendo assim, a figura vocal representa o aspecto material necessário a todo o sistema semiológico – sem ser posta apenas em oposição com um “sentido” ou “significado”, mas sim, antes, à própria materialidade que é significante.

O ponto de chegada da concepção de “som” como signo parece ser justamente este: o do conceito de significante linguístico, visto que é a partir daí que é possível vislumbrar que, para muito além do aspecto material, há efeitos de identidade, diferença e valor, os quais são percebidos por um sujeito falante de determinada língua. Acreditamos que a dupla essência da linguagem – vista como esta complexa oposição entre o som como tal e o som como signo – tenha ecoado em inúmeras considerações metodológicas e epistemológicas realizadas por Saussure. O resgate desta problematização talvez ainda tenha efeitos a produzir no que concerne não somente aos estudos saussurianos em geral, mas à linguística, convocada a uma perspectiva que realce o papel que o corpo e que a percepção tem a desempenhar no nosso entendimento sobre a linguagem.

Capítulo 7

SOBRE O ARBITRÁRIO DO SIGNO

Os estudos linguísticos saussurianos buscaram inspiração na reflexão de William Whitney, em *A vida da linguagem* (2010), obra na qual a tese do arbitrário é um importante ponto de ancoragem. Assim, o principal conceito que é proposto por Saussure – o valor linguístico – parte igualmente da sustentação da tese do arbitrário como constitutiva do signo e do sistema.

É fato que os signos são abstrações e que não sobrevivem senão na relação com os outros signos dentro de um sistema. E o arbitrário será, inclusive, um conceito fundamental para que se conceba a *langue* como um dos principais sistemas semiológicos. Esse esforço de teorização ao longo dos últimos cem anos repercutiu em uma certa primazia do aspecto abstrato dos signos nas pesquisas semiológicas. No entanto, isso, até os dias de hoje, cobra seu preço.

Afinal, as manifestações da linguagem na vida cotidiana, ou seja, no âmbito da *parole* (ou da *langue* em uso no discurso), mostram, não raras vezes, um afrouxamento (ou uma certa relativização) do laço de união arbitrária que existe entre os dois lados do signo, significante e significado.

Há situações em que a ligação entre o significante (em suas porções articulatória, acústica e representacional) e o significado (em sua porção conceitual) deixa transparecer um indício de abalo desse laço supostamente rígido. A presença do sujeito falante na *langue*, trazendo à tona o estatuto da experiência, produz uma interrogação acerca da relação entre motivação e arbitrariedade do signo linguístico. E, conforme se pode acompanhar a partir de Merleau-Ponty, em *Fenomenologia da percepção* (2011), há algo da ordem da experiência que aparece como causa de uma certa “ilusão”, como se o próprio ato de vivenciar a *langue* com nosso corpo, com nossa voz e com nossa escuta fosse já um mecanismo primeiro a constituir semiologicamente um efeito que se reflete nas relações entre forma e sentido.

Nossa hipótese nessa reflexão é a de que esse efeito, fruto da experiência, seria um registro com forte marca indicial da escuta da *langue*. Dessa forma, haveria, na situação de experiência da *langue* em uso (portanto, *paro-*

le), uma forte marca imaginária/indicial constitutiva da escuta que o sujeito falante tem das línguas.

A presença de um indicador que apontaria para a experiência do sujeito falante demanda uma recontextualização da noção de arbitrário do signo. É justamente sobre esse caráter indicial presente em certas manifestações languageiras, evidenciadas, por exemplo, em expressões artísticas como o cinema, o teatro, a literatura, que nossos interesses de pesquisa começaram a querer desbravar ao rever o estatuto desse conceito de arbitrário do signo linguístico.

Não seria prudente de nossa parte realizar uma pesquisa sobre o conceito de arbitrário sem revisitarmos o *Crátilo*. A discussão presente nesse *Diálogo* registrado por Platão (428 a.C.-347 a.C.)³⁶ problematiza a natureza do objeto que se analisa, quando se trata de uma representação verbal veiculada no discurso. Lê-se, nesse texto fundador, uma discussão sobre a relação entre os nomes e as “coisas” por eles representadas. Enquanto Hermógenes crê na convencionalidade do signo, Crátilo defende que os nomes são naturais. A base da discussão, nesse sentido, diz respeito à distinção entre aquilo que é da ordem da convenção e aquilo que é da ordem da natureza. Ou seja, está-se ali a discutir a relação entre os nomes e a representação deles. Sublinhamos, desse diálogo, duas questões importantes:

1. É de uma condição simbólica que se trata. Portanto, a pertinência da discussão sobre o referente no mundo não deve ser confundida com a referência no discurso;

2. A discussão em jogo é relativa ao arbitrário radical (ou absoluto), condição de existência de qualquer sistema simbólico.

No diálogo do *Crátilo*, o ponto alto do impasse é relativo ao arbitrário radical (ou absoluto), condição de existência de qualquer sistema simbólico. Destacamos, por essa via, que a pertinência da discussão sobre a referência no mundo (ou o “estado de coisas no mundo”) não deve ser confundida com a referência no discurso, variável que também abordaremos nos desdobramentos de nossa reflexão. Por esse motivo, é importante deixarmos claro que nos ocuparemos prioritariamente do caráter arbitrário, e não da relação de (i)motivação do signo linguístico em relação a um estado de

³⁶ Consultamos a tradução do *Crátilo* elaborada por Luciano Ferreira de Souza em sua dissertação de mestrado, de 2010.

coisas no mundo, tema muitas vezes confundido e/ou sobreposto à discussão acerca do arbitrário.

Mas será muitos séculos depois, a partir dos escritos do norte-americano William Whitney (1827-1894), que poderemos entender melhor os desdobramentos que o mal-estar entre arbitrário e (i)motivado evoca no campo dos estudos da linguagem. Whitney, linguista, lexicógrafo e filólogo norte-americano, faz importantes considerações acerca do arbitrário e do valor linguístico em *A vida da linguagem* (2010)³⁷, herdando, poderíamos dizer, o debate inacabado em *Crátilo* a fim de sustentar a ideia de convencionalidade do signo:

[...] pode-se dizer, num sentido exato e preciso, que toda palavra transmitida é um signo arbitrário e convencional: arbitrário, porque qualquer outra palavra, entre as milhares que utilizamos e as dezenas de milhares que poderíamos utilizar, poderia ter sido aplicada à ideia; convencional, porque a razão para empregar esta e não aquela é que a sociedade à qual a criança pertence já a emprega (WHITNEY, 2010, p. 32).

A obra de Whitney, como sabemos, é referenciada por Saussure em suas aulas de linguística geral, e tais referências são encontradas tanto na edição do CLG (SAUSSURE, 2005, p. 18; 26; 110) quanto nos ELG, sendo tema de particular interesse nas “Notas Whitney” (SAUSSURE, 2004, p. 259). A influência do linguista norte-americano é destacada por Marcio Cruz (2010, p. 11) no prefácio da edição brasileira de *A vida da linguagem*, ao apontar que os Capítulos I, II e VIII “parecem ter servido de inspiração para a primeira parte do *Curso* em que Saussure trata dos princípios gerais”.

A reflexão apresentada por Whitney nos faz sublinhar a importância de se estabelecer, conforme destacamos anteriormente, uma diferenciação entre as noções de “motivado” e “arbitrário”. Apontada desde Platão, a (i)motivação do signo linguístico está relacionada a uma questão do campo da filosofia da linguagem, ou seja, trata-se de uma indagação acerca da pertinência do vínculo entre os nomes e as coisas. Já a discussão sobre o arbitrário do signo é uma questão propriamente linguística e diz respeito ao laço que une as porções de som e de sentido em um signo no seio do sistema (e é esse, aliás, o conceito que vai aparecer nas aulas do terceiro curso de linguística geral de Saussure, em maio de 1911). Parece-nos prudente des-

³⁷ O texto original é intitulado *The life and growth of language*, publicado pela primeira vez em 1875. A edição francesa, *La vie du langage*, foi publicada cinco anos depois, em 1880.

tacar essa diferença particular, visto que ensejamos focar a discussão acerca do aspecto arbitrário por meio de um escopo especificamente linguístico.

O arbitrário absoluto é radical mesmo. Choi (2002) aponta que ele é “fora do tempo”, é a não liberdade. É provavelmente por esse motivo que Rudolf Engler (1962) destacava que o arbitrário encontra seu contexto justamente na semiologia e na mutabilidade, ou seja, no seio de um sistema simbólico que, como tal, se expõe à ação do tempo e da massa de falantes.

O radical arbitrário (ou absoluto) não está na ligação em si entre significado e significante, mas na maneira que se dá essa ligação: ela é, ao mesmo tempo, interna ao signo, mas limitada pelo sistema. E é nesse ponto que vem a necessidade de entendermos outra faceta do arbitrário, o arbitrário relativo: o arbitrário relativo nos mostra a força do sistema.

Outro importante pesquisador saussuriano, John Joseph, destaca que Saussure ensinou que o trabalho do linguista consiste quase que inteiramente em limitar o que é arbitrário na linguagem. Para esse autor (JOSEPH, 2015), Saussure não rejeita a iconicidade, mas limita seu campo de aplicação à ligação entre os signos e seus referentes, uma ligação que se situa fora da linguística. Vista assim, a iconicidade não contradiz o arbitrário, já que esse se aplica especificamente à ligação interna do signo linguístico.

Joseph nos lembra que temos o testemunho de Saussure a respeito de suas próprias associações sinestésicas de vogais com cores, texturas e cheiros. Nesse sentido, Joseph nos diz que, independente de um sujeito falante estar ciente ou não das correlações entre som e sentido, os significantes significam. Esse é o ponto que nos interessa enfatizar. A iconicidade do significado sonoro, ou a força de uma “hipótese simbólica do som”, conforme aponta Joseph, não afeta o arbitrário absoluto do signo linguístico, mas talvez tangencie os limites linguísticos do arbitrário.

Joseph diz ainda que o significante é um padrão sonoro, e que ele significa um “conceito”, um conceito inseparavelmente ligado a esse determinado padrão sonoro. No entanto, a soma total dos nossos significados não é igual a nosso “pensamento”. Segundo o autor, somos capazes de pensar em coisas para as quais a nossa língua não encontra um significado, e depois ter de empurrar seus limites. Se nos limitamos a abordar unicamente a ligação entre o padrão mental de um som e o padrão mental de um conceito, temos sim uma resposta linguística sobre a *langue* como da ordem do social. Mas, se desejamos nos ocupar da *parole*, isso não é mais suficiente.

É justamente nesse ponto que damos mais um passo e que convocamos o olhar da fenomenologia da percepção (MERLEAU-PONTY, 2011) para auxiliar em uma interrogação acerca dos limites (ou não) de uma interpretação linguística acerca do arbitrário. E é por isso que propomos pensar o estatuto da experiência do falante-ouvinte, via *parole*, com um abalo nos limites da relação:

1º) entre significante e significado;

2º) entre signo linguístico na instância da *langue* e signo linguístico na instância da *parole* – via experiência (de um corpo que fala e escuta).

A partir daqui, nossa pergunta passa a ser a seguinte: haveria, além do sistema, um outro limite do arbitrário? Obviamente, não estaríamos trazendo essa interrogação se não estivéssemos suspeitando que haja.

Pode-se tangenciar a essas inquietações por duas vias:

A primeira delas é o aspecto social ou cultural no qual se encontra determinado sistema de signos linguísticos. Que populações urbanas ou rurais tenham determinadas práticas comunicativas predominantes, que grupos geracionais utilizem falares peculiares, que haja tendências ou tabus em relação a determinada prática verbal em cada comunidade linguística – todas essas são variáveis que talvez limitem o arbitrário. Seria necessário investigar esses fenômenos que já têm uma tradição no percurso de estudos do campo da sociolinguística, da análise da conversa, dos estudos de variação, focando na interrogação sobre os limites do arbitrário. Ou seja, botando à prova se essas variáveis abalam a forma com que os sujeitos mobilizam o aspecto representacional do signo.

A segunda via que propomos para pensar no abalo (ou nos limites) do arbitrário é a *parole*. A *parole*, ou o sujeito falante (ou ainda, a escuta do sujeito falante) como um dos limites do arbitrário do signo. É à luz dessa hipótese que buscaremos demonstrar a interpretação que fazemos sobre a relação entre as noções de arbitrário e de escuta, no próximo capítulo.

Capítulo 8

O ARBITRÁRIO E A ESCUTA

O presente capítulo parte de uma questão da qual os sujeitos falantes nem sempre têm consciência, mas que há muito tempo é alvo de inquietação para os estudiosos da linguagem: como se recorta em unidades aquilo que é escutado como massa sonora, em uma troca comunicativa? A partir dessa pergunta, surge-nos uma nova: qual é a relação do caráter arbitrário dos signos linguísticos com a *escuta* da *langue* pelo sujeito falante? Mesmo sabendo que essas perguntas não são nada simples, a seguir, propomos uma reflexão partindo de um dos princípios fundantes do signo linguístico: o caráter arbitrário. Será, então, por ele que começaremos.

A questão do arbitrário no *corpus* saussuriano é demasiado complexa. De acordo com Tullio De Mauro, em 1894 Saussure demonstra evitar o uso do termo *convencional* em detrimento de *arbitrário*: “Saussure passou a utilizar *arbitrário* porque o adjetivo expressava bem a inexistência de razões naturais, lógicas, etc., na determinação das *articulações* da substância acústica e semântica” (SAUSSURE, 2005, p. 443, n. 137). Nesse sentido, Saussure cumpre um papel importante no debate estritamente linguístico do caráter arbitrário, e, por esse motivo, parece-nos fundamental esmiuçar esse conceito.

Partiremos do alerta encontrado no manuscrito “Sobre a essência dupla da linguagem”:

[...] se a unidade de cada fato de linguagem resulta, já, de um fato complexo que consiste da união de fatos, ela resulta, além disso, de uma união de um gênero altamente particular: na medida em que não há nada em comum, em essência, entre um signo e aquilo que ele significa (SAUSSURE, 2004, p. 23).

Conforme se pode ler nesse breve trecho, a questão metodológica acerca do estabelecimento e recorte das unidades com as quais o linguista trabalha é uma preocupação basilar para Saussure.

O amparo nessa passagem do manuscrito não deveria fugir do escopo de preocupação dos linguistas contemporâneos, principalmente aqueles que (re)considerarem a complexidade de se lidar simultaneamente com as-

pectos concretos e abstratos da *langue*. Como aponta o genebrino, a abstração é uma operação fundamental no fazer científico do linguista:

Mas há, ANTES DE TUDO, a generalização e nada há além dela: ora, como a generalização supõe um ponto de vista que serve de critério, as primeiras e mais irreduzíveis entidades com que se pode ocupar o linguista já são o produto de uma operação latente do espírito (SAUSSURE, 2004, p. 26, maiúsculas e grifo do autor).

No entanto, como se sabe, a aproximação aos fenômenos passíveis de análise requer o encontro com a concretude do material linguageiro. Afinal, “a *presença de um som*, numa língua, é o que se pode imaginar de mais irreduzível como elemento de sua estrutura” (SAUSSURE, 2004, p. 27, grifo do autor). Nesse contexto, situamos a função basilar do conceito de arbitrário, para que se possa proceder a análises e reflexões linguísticas acerca do signo e do sistema. Com esse amparo teórico-metodológico, que respalda o olhar simultaneamente para o concreto e o abstrato registrado em “Sobre a essência dupla da linguagem” nos voltaremos agora para o conceito de arbitrário presente no CLG.

No sumário da edição de Bally e Sechehaye do CLG, o arbitrário é anunciado em dois momentos diferentes: ao apresentar o signo linguístico e ao explicar o mecanismo da *langue*. Vejamos mais de perto o contexto de cada uma dessas ocorrências.

A primeira e mais conhecida é evocada na primeira parte, no Capítulo 1 – “Natureza do signo linguístico”. Após apresentar o signo em seus componentes significado e significante, o referido capítulo segue com a explicação dos princípios que regem o signo: o arbitrário e o aspecto linear.

Na edição brasileira do CLG (SAUSSURE, 1977, p. 81), a primeira ocorrência da noção de arbitrário é apresentada da seguinte forma: “Primeiro princípio: a arbitrariedade do signo”³⁸. Nesse capítulo, lemos que as duas faces do signo linguístico – significado e significante – são unidas por um laço que é arbitrário, ou seja, não existe uma relação fixa ou predeterminada entre as duas porções que compõem o signo: “a ideia de ‘mar’ não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que

³⁸ Chama nossa atenção a tradução do termo evidenciada na edição brasileira. Enquanto nas edições inglesa (*arbitrary*, cf. SAUSSURE, 1986) e espanhola (*arbitrario*, cf. SAUSSURE, 2018), o termo mantém proximidade com o original *arbitraire* utilizado na edição francesa (SAUSSURE, 2005), a edição italiana (*arbitrarietà*, cf. SAUSSURE, 2017) e a versão brasileira propõem, nessa passagem, o termo “arbitrariedade”.

lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente por outra sequência, não importa qual” (SAUSSURE, 1977, p. 81-82).

É, portanto, uma característica do signo linguístico (e da *langue*, por extensão) estar à mercê das imprevisibilidades geradas pelo fato de porções de som e de sentido poderem se combinar, ponto de vista reiterado na “Primeira Conferência” de Genebra, de 1891: “tudo o que parece *orgânico* na linguagem é, na realidade, *contingente* e completamente acidental” (SAUSSURE, 2004, p. 131)³⁹. Isso, claro, se a massa de falantes assim avalizar. Em nosso ponto de vista, essa parece ser uma forma interessante de interpretar os limites instaurados pelo par *langue-parole*, quando se trata de pensar a “livre escolha do que fala” (SAUSSURE, 1977, p. 83).

Como vimos, é através da explanação desse princípio que entendemos que o laço que une as duas porções do signo é aleatório. Podemos dizer que o arbitrário é um princípio fundante da teoria saussuriana através do qual a abordagem do signo linguístico nos mostra uma pressuposição de ligação entre massas amorfas de som e de sentido que sustenta o estatuto das unidades em questão (os signos). Ou ainda, dito de outra maneira, a forma como significado e significante se atrelam é sempre imprevisível. Obviamente, conforme já apontamos, isso precisa passar pelo crivo de um contrato social, que, em termos linguísticos, é representado pela noção de *langue*.

As interpretações e releituras do princípio do arbitrário no âmbito da linguística saussuriana são muitas. Destacaremos a seguir as que tiveram maior importância em nosso percurso de estudos, o que não quer dizer que seja o único ou o melhor caminho a ser trilhado. No início de nossa reflexão sobre o arbitrário em Saussure, alguns mestres foram inspiradores, entre eles Rudolf Engler e Tullio De Mauro. Por serem, com Godel, as primeiras importantes referências para os pesquisadores do pensamento saussuriano e por terem auxiliado o campo dos Estudos da Linguagem a empreender significativo avanço, começaremos por eles.

Tullio De Mauro, em sua edição crítica do CLG, especialmente nas notas 135 e 136 (SAUSSURE, 2005, p. 442), traz uma importante consideração que merece ser destacada. O linguista italiano aponta que, na explicação acerca do arbitrário, um termo importante acabou sendo suprimido

³⁹ Conforme se pode constatar nos registros reunidos por Godel (1969, p. 38, grifos do autor): “*tout ce qui semble organique dans la langue est en réalité contingent et complètement accidentel*”. Observe que o termo em francês é *langue* (língua), e não *linguagem*, como consta na tradução dos ELG.

por Bally e Sechehaye. O autor lembra que nas anotações dos alunos de Saussure se percebe uma ênfase sustentada pelo advérbio: “o laço que une o significante ao significado é *radicalmente* arbitrário” (SAUSSURE, 2005, p. 442, grifo nosso). Na verdade, em uma investigação mais detalhada, constata-se que esse “radicalmente” acaba migrando e aparece em outras duas passagens do CLG, ao apresentar o conceito de valor linguístico e ao diferenciar os dois tipos de arbitrário (absoluto e relativo).

Na ocorrência ligada ao conceito de valor, ou seja, cinquenta páginas adiante, lemos:

[...] não só os dois domínios ligados pelo fato linguístico são confusos e amorfos, como a escolha que se decide por tal porção acústica para essa ideia é perfeitamente arbitrária. Se esse não fosse o caso, a noção de valor perderia algo de seu caráter, pois conteria um elemento imposto de fora, e eis por que o vínculo entre a ideia e o som é *radicalmente* arbitrário (SAUSSURE, 1977, p. 132, grifo nosso).

O que essa passagem nos mostra, além do reforço enfático do advérbio, é a ligação fundante entre o princípio do arbitrário e o valor linguístico.

Folheando um pouco mais de vinte páginas, encontramos a outra ocorrência do “radicalmente”, na seção intitulada “O arbitrário absoluto e o arbitrário relativo” (SAUSSURE, 1977, p. 152). No entanto, em nossa opinião, nessa segunda ocorrência, a força intensificadora se atenua, visto que o objetivo nessa passagem já está voltado à diferenciação entre os dois tipos de arbitrário.

Rudolf Engler foi um dos maiores estudiosos do *corpus* saussuriano, e seus empreendimentos – desde a edição do CLG até seus artigos – demonstram bem a sua preocupação em compreender o pensamento teórico construído por Saussure. Em *Lexique de la terminologie saussurienne*, Engler (1968) busca justamente fazer um levantamento dos termos utilizados pelo linguista genebrino, levando em consideração a diversidade das fontes manuscritas. No *Lexique*, encontramos duas entradas para o termo *arbitraire*: uma está vinculada à concepção de que arbitrário caracteriza aquilo que é imotivado; a outra, podemos sintetizar como:

arbitraire (adj.) = *conventionnel, libre (-> liberté, nullité, vacuité ; l'arbitraire du signe- s.m.- 1329), dans un sens sémiologique, abstraction faite des facteurs temps et masse sociale, hors de toute idée de choix.*

Quando falamos em arbitrário, nesse sentido, podemos estar fazendo referência a três características de natureza distintas: 1. o significante não guarda nenhuma relação com o significado; 2. o laço entre as massas amor-

fas é radicalmente convencional; e, por extensão, 3. a relação entre o signo (ou seja, a junção entre significante e significado) e os sons propriamente ditos (ou seja, a materialidade) é arbitrária.

Queremos também dar especial destaque ao registro da noção de arbitrário nas anotações dos alunos que acompanharam as aulas do mestre. Por esse motivo, ao conferirmos as anotações dos cadernos dos alunos de Saussure (1989-1990) na edição crítica de Engler, na qual o conceito de arbitrário aparece nas aulas do terceiro curso de linguística geral, percebemos que é de fato possível interpretar, a partir desses registros reunidos e editados por Engler, que o arbitrário absoluto é radical mesmo: segundo Dégallier, “o laço do signo com relação à ideia representada é radicalmente arbitrário” – a mesma frase é registrada por Constantin (III C 299); já Mme Secheyhay registra: “O laço do signo à ideia é arbitrário radicalmente” (SAUSSURE, 1989-1990, p. 297).

Choi (2002), inclusive, aponta que ele é “fora do tempo”, ele é a não liberdade. Ao sublinhar a natureza temporal das porções auditivas das formas linguísticas, o autor sugere que o arbitrário do signo é o contrato desde o qual nasce a (possível) liberdade (CHOI, 2002)⁴⁰. É nesse contexto que Choi (2002) destaca também a presença da expressão “acidente diacrônico” no caderno de Riedlinger⁴¹ como resultante desse impasse entre liberdade e não liberdade que envolve o aspecto arbitrário do signo. E, de nossa parte, acreditamos ser por esse motivo que Rudolf Engler (1962), em detalhado artigo acerca do tema, sublinha que o arbitrário encontra seu contexto justamente na semiologia e na mutabilidade⁴². Para nós, é nessa direção que o arbitrário se diferencia do (i)motivado, visto que pressupõe uma relação interna a um sistema simbólico – *langue* – o qual, como tal, se expõe à ação do tempo e da massa de falantes.

Conforme já anunciamos, há duas entradas explícitas da noção de arbitrário no CLG, de acordo com o sumário da obra. Após ser apresentada como um dos princípios do signo, na segunda parte, a questão do arbitrário retorna, já dessa vez no Capítulo 6 – “Mecanismo da língua” –, no qual é abordada a questão do signo no contexto das relações que estabelece

⁴⁰ “*L’arbitraire du signe, c’est la contrainte d’où naît la liberté*” (CHOI, 2002, p. 82).

⁴¹ Conforme CLG/E, I, 507 I R 3.20.

⁴² “*L’arbitraire du signe y trouve son contexte, en dehors de toute question terminologique: la sémiologie et la mutabilité du signe*” (ENGLER, 1962, p. 5).

dentro do sistema: trata-se da seção 3, que tem como título “O arbitrário absoluto e o arbitrário relativo”. Nessa passagem (SAUSSURE, 1977), podemos diferenciar as duas abordagens do arbitrário:

- o arbitrário absoluto (também conhecido como arbitrário interno ou radical);
- o arbitrário relativo (também conhecido como arbitrário sistêmico).

Veremos a seguir como é possível, e necessário, lidar simultaneamente com essas duas instâncias do arbitrário, mas, por ora, gostaríamos de lembrar que o arbitrário absoluto (ou radical) não está na ligação em si entre significado e significante, mas na maneira como se dá essa ligação: ela é, ao mesmo tempo, interna ao signo, mas limitada pelo sistema. Ou seja, há sempre essa dupla determinação: a determinação interna, que é intrínseca ao signo, e a determinação externa, que mostra a força que o sistema tem sobre o(s) signo(s)⁴³ – conforme lemos no CLG: “Uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam, de minuto a minuto, a relação entre o significado e o significante. É uma das consequências da arbitrariedade do signo” (SAUSSURE, 1977, p. 90).

No que diz respeito ao arbitrário absoluto, aparecem, no próprio CLG, duas possíveis contestações. Uma ligada às onomatopeias e outra, às interjeições. Conforme lemos no CLG, as onomatopeias “não são jamais elementos orgânicos de um sistema linguístico”, e “a qualidade de seus sons atuais [...] é resultado fortuito da evolução fonética” (SAUSSURE, 1977, p. 83). Nesse sentido, uma análise que remonta à forma antiga da palavra *fouet* (chicote), por exemplo, mostra como a sonoridade sugestiva dessa palavra francesa não encontra eco no passado: *fouet* deriva de *fâgus* (SAUSSURE, 1977, p. 83).

Além das palavras cuja sonoridade parece refletir uma realidade que está fora da *langue* (como o som produzido pelo chicote), há as onomatopeias “autênticas”, as quais “não apenas são pouco numerosas, mas sua escolha é já, em certa medida, arbitrária, pois que não passam de imitação aproximativa e já meio convencional de certos ruídos” (SAUSSURE, 1977, p. 83). Como exemplo, comparam-se as onomatopeias “ouaoua” no fran-

⁴³ Essa ideia se aproxima da posição presente no detalhado estudo de Simon Bouquet (2000, p. 233): “É este duplo fato que se conjuga num fenômeno complexo que se pode, desta vez, ser denominado *arbitrário do signo* e que escolhemos denominar aqui *arbitrário da língua*, para não criar equívoco com o *Cours*”.

cês e “wauwau” no alemão, ambas representando o latido de um cão. O CLG deixa claro: “uma vez introduzidas na língua, elas se engrenam mais ou menos na evolução fonética, morfológica” (SAUSSURE, 1977, p. 83) pelas quais passam qualquer signo. Quanto às interjeições (exclamações), conforme lemos no CLG, “basta comparar duas línguas [...] para ver o quanto tais expressões variam de uma para outra língua (por exemplo, ao francês *aie!* corresponde em alemão *au!*)” (SAUSSURE, 1977, p. 84).

Sobre essa discussão, acompanhamos a posição de John Joseph (2014), ao dizer que Saussure não rejeita a iconicidade⁴⁴, mas limita seu campo de aplicação à ligação entre os signos e seus referentes (uma ligação que, aliás, situa-se fora do campo da linguística). Assim, para esse autor, a iconicidade não contradiz o arbitrário, que se aplica especificamente à ligação interna do signo linguístico, e é dependente da escuta do(s) falante(s) – problema sobre o qual nos debruçaremos mais adiante.

Consideremos, então, essa outra faceta do arbitrário, o arbitrário relativo. O arbitrário relativo aponta, como já destacamos, para a força do sistema. Conforme Suenaga (1999), em uma análise pontual do gesto epistemológico de Saussure, o arbitrário relativo vem para substituir as expressões “arbitrário ou não” e “motivado ou imotivado”⁴⁵, sobre o que estamos totalmente de acordo – o arbitrário relativo demonstra a solidariedade do sistema, enquanto o arbitrário absoluto seria a falta dessa solidariedade.

Mas há também, na reflexão de Suenaga (1999), um outro apontamento que nos chama a atenção. O pesquisador lembra que, na última aula do terceiro curso (em 11 de julho de 1911), Saussure abordou a assimetria do signo. Esse apontamento nos é precioso, pelo fato de ligar a ideia de arbitrário à dilatação do aspecto significante do signo linguístico. Sublinha-

⁴⁴ Joseph (2014), em um artigo sobre a iconicidade a partir de Ferdinand de Saussure, demonstra como os conceitos de iconicidade e arbitrário não são excludentes. Afinal, o que seria um signo icônico? Algo que se assemelhe, ou melhor, provoque um efeito de semelhança a um som exterior à *langue*: justamente os efeitos produzidos por uma onomatopeia como “auau”, por exemplo. Para Joseph (2014, p. 94, tradução nossa), entretanto, a questão do arbitrário não é abalada por tais sonoridades sugestivas: “Isso não nega a força potencial da iconicidade na diacronia ou na *parole*. A iconicidade pode muito bem fazer parte do que leva uma comunidade falante a aceitar inovações específicas em vez de outras. E, no entanto, o signo ainda funciona perfeitamente bem como parte da *langue* para um sujeito falante que não o interpreta iconicamente. A iconicidade do som-sentido não afeta a arbitrariedade fundamental do signo linguístico”.

⁴⁵ “Saussure introduit la conception de l’arbitraire relatif en substituant à l’opposition ‘arbitraire ou non’ celle ‘immotivé ou motivé’” (SUENAGA, 1999, p. 191).

mos essa observação, pois voltaremos a ela a seguir, ao tratarmos da questão da escuta.

O arbitrário relativo será, portanto, uma constatação da interdependência que há, para que possamos avançar em direção à compreensão do fenômeno da escuta no âmbito da linguística, entre os conceitos de arbitrário, valor e *langue*. A esse respeito, nossas pesquisas têm demonstrado que é a porção significativa do signo linguístico que, na maioria das vezes, carrega a força do arbitrário relativo e traz uma série de repercussões na abordagem do arbitrário absoluto, conforme aponta brilhantemente John Joseph (2015).

Ao considerarmos, como prevê a teorização linguística saussuriana, de forma abstrata a concepção de signo linguístico, chegamos à ligação entre a representação mental de um som e a representação mental de uma ideia. A grande contribuição de Saussure foi mostrar que, no interior do sistema, os elementos que o compõem produzem uma certa “pressão” arbitrária. Como ironicamente lembra Joseph (2015), conceitos não são longos ou curtos, grandes ou pequenos. Ao que nós agregamos: é justamente por meio da primorosa explicação acerca do recorte de unidades no esquema das massas amorfas (SAUSSURE, 1977, p. 131) que se pode entender mais claramente o quão aleatório pode ser o encontro entre significado e significante. Será justamente no seio do sistema que a tensão dos elementos produzirá efeitos de escuta distintos, como tentaremos explicar a seguir.

À escuta do arbitrário

Evidentemente, sabemos que escuta não é um termo registrado nas anotações de Ferdinand de Saussure. Estamos, portanto, propondo pesquisar e avançar nos estudos sobre a noção de escuta no âmbito dos Estudos da Linguagem a partir do legado do linguista genebrino. Como tentamos demonstrar ao longo deste livro, percebemos, na vasta e heterogênea produção contida em fontes manuscritas e editadas, uma preocupação com o efeito produzido pelo aspecto fônico da *langue*. É por essa via que buscamos dar mais um passo nessa direção, a partir do princípio do arbitrário. O exercício a que nos propomos é pensar especificamente a relação da noção de arbitrário com a escuta, em uma reflexão linguística prospectiva ao pensamento saussuriano.

Temos também a intenção de fazer avançar um pouco mais nossa reflexão sobre objeto e método no âmbito da linguística saussuriana, abordada no Capítulo 5, por acreditarmos na insistente presença da preocupação de Saussure com o aspecto sonoro das línguas via noção de escuta. Conforme visto até aqui, a partir de nossa hipótese, o raciocínio do mestre passava decisivamente pela consideração simultânea dos aspectos concretos e abstratos das unidades que formam o sistema da *langue*. E é por esse motivo que nos debruçamos nos últimos anos sobre uma concepção de escuta⁴⁶.

Em um breve exame, pode-se constatar que há várias passagens no próprio CLG em que se pode perceber a presença de observações acerca da ligação entre os sons das unidades linguísticas e os efeitos por eles produzidos. A título de ilustração, é possível apontar passagens, como a discussão sobre o objeto da linguística (SAUSSURE, 1977, p. 15), sobre o circuito da *parole* (p. 19), sobre as mudanças linguísticas (p. 27) e sobre fonologia (p. 43, 49). Em todos esses excertos, nota-se que o linguista deveria estar atento ao efeito que o som produzido causa no ouvido – efeito esse que temos chamado de escuta.

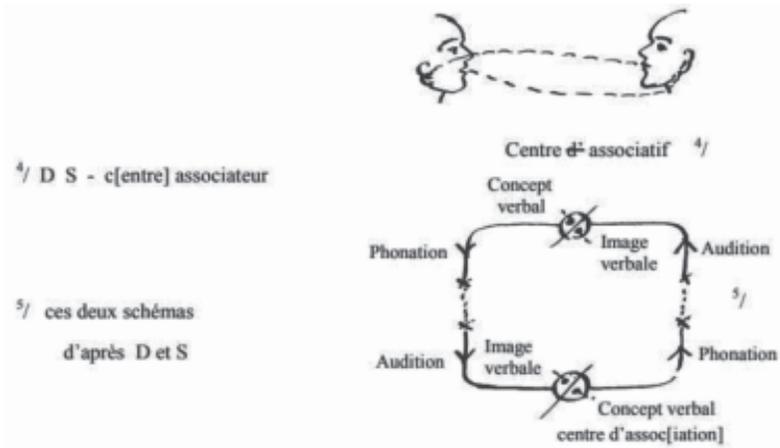
A presença do termo “ouvido” se faz notável especialmente no manuscrito *Phonétique*, em que é utilizado de forma recorrente para explicar o recorte das unidades linguísticas via valor: “O ouvido só pode naturalmente decidir as semelhanças, identidades e diferenças de percepção” (SAUSSURE, 1995, p. 99, seção 3, fólio 10r). Em outra passagem, mais uma amostra da função delimitadora a partir dos efeitos percebidos na cadeia falada:

Considerar a totalidade dos elementos acústicos remete a distinguir as unidades acústicas sucessivas: são duas expressões do mesmo ponto de vista. É somente uma única e mesma operação. É a própria operação do ouvido, enquanto percebe o discurso (SAUSSURE, 1995, p. 103, seção 3, fólio 11r).

Também no conhecido circuito da *parole* são percebidos indícios do lugar da escuta na reflexão de Saussure. Dessa vez, lançamos mão das anotações de Secheyay:

⁴⁶ A problemática da escuta está presente também em trabalhos anteriores de nosso grupo de pesquisa: Surreaux (2006, 2010), Milano, Stawinski e Gomes (2016), Stawinski (2016; 2020), Silveira (2017), Ottaran (2019).

Figura 1: *Collation Sechehaye*



Fonte: Sofia (2015, p. 408).

Conforme a apresentação no CLG, “Para achar, no conjunto da linguagem, a esfera que corresponde à língua, necessário se faz colocarmos diante do ato individual que permite reconstituir o circuito da fala” (SAUSSURE, 1977, p. 19). Tal circuito depende de ao menos duas posições: a de falante e a de ouvinte. Como podemos observar na edição crítica de Engler, assim como na *Collation Sechehaye* reproduzida na Figura 1, o circuito da *parole* representa a troca estabelecida entre a boca e o ouvido – personificando as duas posições – daquele que fala e daquele que escuta. Passa-se, assim, a descrever o circuito a partir de 1. associação psíquica do falante, que supõe um processo fisiológico o qual resulta na fonação; além disso, 2. as ondas sonoras são percebidas pelo ouvinte, que delimita as unidades e reconhece, via *parole*, a *langue*.

No momento em que um fenômeno físico atinge um ouvinte e produz efeito de sentido, não cabe falar em decodificação da *parole*: o recorte das unidades pressupõe interpretá-las linguisticamente. Nesse sentido, a recepção do ouvinte é ativa. O segundo esquema que acompanha essa primeira representação sintetiza o circuito da *parole* a partir de conceitos-chave: a fonação e a audição entram em jogo no mecanismo da *langue*, ultrapassando os aspectos meramente físicos necessários ao diálogo: a noção de centro associativo dá lugar à singularidade do falante-ouvinte na delimitação das unidades linguísticas, e a definição do que é *langue* encontra-se dependente da escuta linguística do que poderiam ser apenas massas amorfas de som.

A percepção – ou escuta – da cadeia falada como uma operação ativa do ouvido é destacada por Tullio De Mauro. Talvez o pesquisador tenha sido um dos primeiros a ter percebido a relevância da noção de ouvido, principalmente em seus comentários acerca do circuito da *parole*, conforme se pode conferir nas notas 61 e 65 de sua edição crítica do CLG (SAUSSURE, 1972), as quais convidam o leitor a atentar para a questão da escuta: na nota 61, De Mauro afirma: “como nós sabemos hoje, a audição está bem longe de poder ser considerada como um simples mecanismo receptivo, um registro inerte” (SAUSSURE, 1972, p. 419). Já na nota 65 (SAUSSURE, 1972, p. 420), por exemplo, lemos que a *langue* vive apenas para governar a *parole*, ou seja, que a escuta recorta na *parole* aquilo que pode e é (ou passar a ser) reconhecido como *langue*: nesse sentido, conforme aponta De Mauro, a distinção estabelecida entre *langue* e *parole* é dialética, e “a *langue* só vive para governar a *parole*” (SAUSSURE, 1972, p. 420).

Na trilha de De Mauro, outro linguista italiano, Giuseppe D’Ottavi, vai ainda mais diretamente ao ponto. Também ao analisar o circuito da *parole*, esse autor contemporâneo nosso (D’OTTAVI, 2010, p. 78-79) investiga a posição ativa do lado receptivo do falante em seu exercício de escuta, ao captar uma massa amorfa, recortá-la em unidades e identificar aquilo que reconhece. E esse processo todo acontece simultaneamente para falantes e ouvintes, ou seja, todos aqueles que compõem a “massa de falantes”. Afinal, como se pode conferir nas “Notas preparatórias para os cursos de linguística geral” presentes nos ELG, o sistema de signos existe para (e pela) a coletividade: “ele é feito para se ouvir entre vários ou muitos e não para se ouvir sozinho” (SAUSSURE, 2004, p. 249).

Quando se analisa o funcionamento da *langue*, é comum que se pense que as porções de significado e significante são simétricas – a representação do signo linguístico no CLG contribui para essa interpretação:

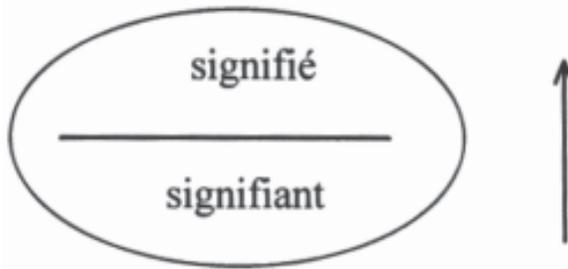
Figura 2: Signo



Fonte: Saussure (1977, p. 158).

No entanto, não é essa a sugestão que encontramos na proposta de Sémir Badir (2017). O pesquisador chama a atenção para o fato de que, enquanto no *CLG* existem duas flechas nas laterais da figura que representa o signo linguístico, anotações dos alunos de Saussure demonstram outra representação: há apenas uma flecha na direção do significante para o significado. Esse argumento indica uma certa preponderância do aspecto significante. Vejamos o esquema conforme Constantin (2005, p. 286):

Figura 3: Signo assimétrico



A mesma representação realizada por Constantin é encontrada nos cadernos de Dégallier e Gautier, conforme edição crítica de Engler (SAUSSURE, 1989-1990, p. 255). A partir dessas observações, Badir (2017) nos diz que muitas vezes encontramos o significado sendo “carregado” pelo significante: o signo linguístico é, portanto, assimétrico, apresentando uma tendência à dilatação da porção significante.

Esse apontamento de Badir (2017) vem acompanhado de uma explicação que nos é muito convincente. Conforme propõe o autor, o arbitrário é um princípio que repercute assimetricamente no signo. Além disso, Badir mostra que o arbitrário relativo indica justamente o quanto a dilatação da porção significante⁴⁷ de um signo pode repercutir nos demais signos que compõem o sistema. A proposta de Badir nos auxilia significativamente na leitura que fazemos da relação entre arbitrário e escuta. Do ponto de vista

⁴⁷ É importante dizer que Badir (2017, p. 14) relativiza a dilatação da porção significante ao resgatar uma passagem do *CLG* na qual há uma preponderância do significado: “*Si l’un des deux côtés du signe linguistique pouvait passer pour une existence en soi, ce serait le côté conceptuel, l’idée comme base du signe* (SAUSSURE, 1967, p. 178F)”. “Se um dos dois lados do signo linguístico pudesse ter uma existência por si só, seria o lado conceitual, a ideia como base do signo” (tradução nossa).

do arbitrário absoluto, deparamo-nos com um princípio teórico que sustenta a *langue* como sistema simbólico, ou seja, a abstração do sistema requer como condição o “radicalmente arbitrário”. Do ponto de vista do arbitrário relativo, percebemos um princípio metodológico que nos permite abordar aquilo que parece escapar ao arbitrário absoluto: a assimetria do signo aponta para a escuta dos efeitos da *parole* na *langue*.

Outra vez recorremos ao linguista sul-coreano Yong-Ho Choi (2002), para atentarmos para o aspecto fônico das unidades linguísticas. Conforme já destacamos, para esse autor, é fundamental considerarmos a natureza temporal das “coisas auditivas” (CHOI, 2002, p. 85). É essa mais uma indicação que encontramos para propor que a delimitação do significante é metodologicamente o que baliza a forma de se fazer análise linguística. E o que seria a ordem linear das unidades? Segundo Choi (2002, p. 87), há uma ordem gramatical que guia o encadeamento fônico, e é a partir dela que se delinea o valor da ideia. Juntamos essa observação do autor às nossas reflexões sobre a noção de escuta.

Retornando também a Joseph (2015), é importante considerar o suposto abalo do arbitrário. Segundo o autor, estando ou não um falante ciente das correlações entre som e sentido, os significantes significam. Esse é o ponto do arbitrário. A iconicidade, a onomatopeia ou a força fônica da interjeição podem muito bem ser parte do que leva os sujeitos falantes a aceitarem inovações particulares, em vez de outras. E, ainda assim, o signo funciona perfeitamente para um sujeito falante que não o interpreta icônica ou sensivelmente (no sentido fônico da “sensação”). O que Joseph (2015, p. 96-97, tradução nossa) nos lembra é que a iconicidade do significado sonoro não chega a afetar o caráter arbitrário absoluto do signo linguístico:

O princípio saussuriano da arbitrariedade sustenta que o signo linguístico opera da mesma maneira, existindo esse vínculo ou não: a palavra *pluit* não é mais “verdadeira” para alguém que ouve a chuva caindo do que para aqueles que como eu não a ouve; nem é mais verdadeira uma palavra como *rain*, na qual qualquer noção de ligação entre som e ideia parece forçada. Pode ser que alguém que ouça a gota de chuva de fato experiencie essa palavra com mais intensidade e vivacidade, mas isso está no nível individual da *parole*.

Concordamos com Joseph (2014, 2015) quando afirma que o arbitrário do signo linguístico, tal como discutido por Saussure, não é uma ponderação sobre a relação entre as palavras e as coisas. O que é arbitrário no signo é muito específico: trata-se do elo entre significante e significado. O significante é um envelope sonoro; ele é o que significa um conceito, especi-

ficamente um conceito inseparavelmente ligado a uma determinada materialidade sonora.

A abordagem de Joseph ajuda-nos a pensar as relações entre o caráter arbitrário e a escuta na medida em que coloca em jogo a experiência da *langue* pelo sujeito falante. Conforme o pesquisador, “raramente foi contemplada a possibilidade de que [o signo] seja icônico para alguns sujeitos falantes ou ouvintes, mas não para outros – que sua iconicidade, em outras palavras, possa ser uma questão de interpretação” (JOSEPH, 2015, p. 93). Assim, longe de ser abalado, o caráter arbitrário, encarado do ponto de vista da escuta da *langue*, mostra que “os signos linguísticos funcionam apesar das associações icônicas” (JOSEPH, 2015, p. 100) – seja pelas onomatopeias ou por outras possíveis associações sonoras entre o significante e o significado.

Para Joseph (2015, p. 96), a iconicidade – e o caráter arbitrário, acrescentamos nós – está nos ouvidos de quem escuta ou “nos olhos de quem vê”⁴⁸, afinal de contas o signo só é signo porque depende do laço arbitrário entre suas duas partes,

[...] independentemente do que a iconicidade possa sobrepor para um, alguns ou muitos falantes. Ou de fato para todos eles, já que amanhã alguma criança pode aprender o signo sem a iconicidade, e quem saberá que esse é o caso, desde que a criança utilize o signo apropriadamente? (JOSEPH, 2015, p. 100).

O caráter arbitrário resta inabalado, e entra em campo a sensação acústica, a partir da posição de ouvinte da *parole* que sofre seus efeitos. A escuta, nessa perspectiva, parece-nos um conceito importante para justificar, de certa maneira, a experiência singular do sujeito falante.

Em um artigo importante no estabelecimento do lugar do sujeito falante na teoria saussuriana, o linguista italiano Raffaele Simone (1995) aponta que o arbitrário age como um princípio que reforça um modelo de linguística centrado no sujeito falante (em contraposição a um modelo centrado na *langue*). Por quê? Especialmente em decorrência da função que o arbitrário relativo tem para o sujeito falante. Enquanto o arbitrário absoluto liberta o sujeito falante das relações externas à *langue*, o arbitrário relativo é o que permite a sua viabilidade: “Saussure justifica a sua introdução do arbitrário relativo precisamente ao mencionar de forma explícita as imposições

⁴⁸ “Iconicity is in the eye or ear of the beholder” (JOSEPH, 2015, p. 96).

do sujeito falante ante a *langue*” (SIMONE, 1995, p. 244), na medida em que o sujeito falante precisa de uma regularidade em função da memória. Além disso, considerando as relações associativas, Simone (1995, p. 243) aproxima-se de Joseph ao apontar que “uma associação pode agir em um sujeito falante e não [agir] em outro”.

Pensar sobre o caráter arbitrário, nesse sentido, encaminha-nos para a escuta: é a partir da posição de ouvintes da *langue* que reforçamos ou diluímos o caráter arbitrário; a experiência da *parole* adentra o cerne de uma das concepções mais complexas da reflexão saussuriana, entrelaçando de uma maneira singular as concepções de *langue* e *parole*, já que, longe de abalar o arbitrário, a experiência singular do falante-ouvinte expõe o aspecto individual e ao mesmo tempo social do fenômeno linguístico.

Finalmente, após já termos trilhado nos últimos tempos a reflexão acerca do lugar que as noções de ouvido, ouvinte ou falante-ouvinte têm nos estudos de Ferdinand de Saussure, nosso percurso nos instigou a dar um passo adiante. Estamos convictas da preocupação do genebrino com o efeito produzido pelo aspecto fônico da *langue* sobre o falante-ouvinte. Acreditamos que o amparo da noção de arbitrário foi fundamental para darmos esse passo. Nesse sentido, identificamo-nos com as propostas dos autores aqui apontados, que, com suas leituras renovadoras, sugerem interpretações que iluminam os estudos contemporâneos do legado saussuriano. Nesse sentido, lembramos Joseph (2015), ao apontar que Saussure ensinou que o trabalho do linguista consiste quase que inteiramente em limitar o que é arbitrário na *langue*. Neste capítulo, procuramos levar a sério esse desafio.

Nossos estudos têm ensinado que a pista, ou o rastro, como temos preferido dizer, do significante é uma importante porta de entrada para os estudos linguísticos. Acreditamos que essa indicação foi-nos dada por Saussure, ao apontar a relevância do conceito de arbitrário para formular sua hipótese teórica de signo e de sistema, mas, também, para implementar uma metodologia de análise de unidades – as unidades concretas da *langue* – que dependem, em nossa interpretação particular da teoria, do suporte de uma noção de escuta.

Ao percebermos as imensas possibilidades que se abrem ao relacionarmos o arbitrário e a escuta no âmbito do pensamento saussuriano, vemo-nos ainda mais desafiadas a seguir no rastro do som em Saussure. Agora, mais do que nunca, sob os efeitos da escuta.

Capítulo 9

O SENTIMENTO DO SUJEITO FALANTE

No presente capítulo, nossa hipótese de trabalho é a de que a questão do “sentimento do falante” traz à tona um problema metodológico. Um olhar direcionado ao objeto e método da linguística sincrônica proposta por Saussure foi já introduzido por nós no Capítulo 5. Naquele capítulo, a questão do aspecto fônico da *langue* a partir do Cursoe do manuscrito *Phonétique* (SAUSSURE, 1995) possibilitou encarar a complexidade do fenômeno linguístico levando em consideração, particularmente, os aspectos concreto e abstrato para a delimitação das unidades linguísticas na cadeia falada (*chaîne parlée*). Tal perspectiva teve como objetivo sublinhar o problema semiológico do signo⁴⁹, assim como o lugar da percepção das unidades pelo falante-ouvinte de uma língua.

Avançando na questão da percepção – ou do recorte das unidades linguísticas, para utilizar uma expressão saussuriana –, no capítulo anterior, interrogamo-nos acerca do conceito de arbitrário e sua relação com a noção de escuta. A escuta, apesar de não ser efetivamente um termo utilizado por Saussure, parece estar implícita em diversas reflexões do linguista, particularmente naquelas relacionadas ao aspecto fônico da *langue*, assim como às discussões sobre o que podemos definir como *langue*. Já a expressão “sentimento” e a presença do sujeito falante no pensamento saussuriano não são novidade. Alessandro Chidichimo (2009), Loïc Depecker (2012) e Emanuele Fadda (2013) apontaram a presença do termo e sua ambiguidade com relação ao sujeito falante ou ao conceito de *langue*. Entretanto, resta ainda explorar a importância de tal reflexão e ampliá-la, assim como verificar suas implicações para a definição de sujeito falante sob um viés linguístico. Nesse sentido, acompanhando as discussões de Castro (2018) e de Sil-

⁴⁹ Nesse sentido, dá-se mais um passo na discussão sobre o estatuto do fônico do signo linguístico, em seu viés simultaneamente concreto e abstrato, amparando assim a reflexão sobre objeto e método no projeto semiológico de Ferdinand de Saussure (MILANO, 2017).

va (2018)⁵⁰, buscamos trazer mais elementos para o diálogo integrativo dos conceitos *langue* e *parole* a partir da noção de sentimento (sentimento da *langue*, sentimento do sujeito falante).

Neste capítulo, portanto, buscamos refletir acerca do sujeito falante e da *langue* a partir da noção de sentimento. Para isso, lançaremos mão do *Lexique de la terminologie saussurienne* de Rudolf Engler (1968)⁵¹ e da obra de Giuseppe Cosenza (2016), intitulada *Dalle parole ai termini – I percorsi di pensiero di F. de Saussure*, na qual o pesquisador realiza um estudo detalhado das terminologias (no plural) pensadas a partir da diversidade que compõe o *corpus* saussuriano. A pesquisa de Cosenza será aliada à leitura de estudiosos contemporâneos cujas discussões dedicam-se precisamente à problemática do sentimento e suas implicações no pensamento elaborado por Ferdinand de Saussure.

Antes de aprofundarmos a discussão e avançarmos em nossa questão específica, cabe contextualizarmos o trabalho empreendido por Cosenza (2016). O livro, prefaciado pelos experientes linguistas italianos Daniele Gambarara e Emanuele Fadda, tem como objetivo refletir acerca da questão terminológica nos textos saussurianos (nos documentos autográficos), empreitada complexa, mas necessária, em decorrência da diversidade da natureza dos manuscritos de Saussure, seja com relação ao gênero mesmo, seja com relação à temática tratada em cada escrito ou à época em que seus textos foram produzidos. Não à toa, fala-se da flutuação terminológica perceptível no *Curso de linguística geral* – resultado não somente da interpretação dos editores, mas da mudança inerente a um pensamento em desenvolvimento. É justamente a característica de um pensamento em construção que Giuseppe Cosenza acaba generosamente fornecendo aos leitores da sua coleção terminológica: o pesquisador divide a coleção em quatorze grupos de fontes manuscritas (cf. sobre as fontes); cada grupo conta com sua própria coleção de termos, definidos por Cosenza com apoio irrestrito nos manuscritos, cujos trechos são transcritos a fim de exemplificar cada con-

⁵⁰ Ambos os trabalhos têm como ponto de partida a discussão da analogia em Saussure. Enquanto o estudo de Castro parte da “consciência da língua” como suporte para a investigação do fenômeno analógico (CASTRO, 2018, p. 832), a reflexão de Silva contribui para o questionamento acerca das noções de “psicológico” e “psíquico”, ao se perguntar sobre a natureza do sentimento do falante nas construções analógicas (SILVA, 2018, p. 932).

⁵¹ Doravante *Lexique* ou LTS (ENGLER, 1968).

cepção – conforme veremos em detalhe ao nos debruçarmos sobre as entradas terminológicas.

É a partir dessas obras dedicadas ao léxico e às terminologias saussurianas que buscaremos olhar para o termo sentimento, tendo como horizonte a compreensão do sujeito falante e de sua relação indissociável com a *langue*. Os desdobramentos teóricos possíveis a partir do estudo dos termos, assim como dos estudos de leitores da obra saussuriana, mostram-nos que há caminhos de abertura para a interpretação dessas noções. Propomo-nos, portanto, a abordar o conceito de sujeito falante a partir de Ferdinand de Saussure desde uma perspectiva epistemológica, relacionando o termo à noção de sentimento linguístico presente nas fontes manuscritas selecionadas de acordo com as indicações de Cosenza (2016), conforme veremos a seguir.

O sujeito falante a partir de Saussure

Afinal, podemos sustentar que Saussure levou em conta o sujeito falante nas suas considerações linguísticas? O leitor não especializado no conjunto de fontes que forma aquilo que hoje denominamos o corpus saussuriano pode ser levado ainda a pensar que não, afinal, a *langue*, caracterizada como um sistema de valores relativos, opositivos e negativos é enfatizada como (único) objeto da linguística. A oposição exposta no *CLG* entre linguística da *langue* e linguística da *parole* (SAUSSURE, 1977, p. 26) pode reforçar tal compreensão, levando a crer que o sujeito falante, em última instância, faria parte de uma linguística da *parole* – excluído, portanto, da linguística da *langue*. Reelaboramos, assim, a pergunta: afinal, o que se entende por sujeito falante na reflexão saussuriana, e como este conceito está relacionado com os conceitos de *langue* e *parole*? Para que possamos refletir sobre essas considerações, lançamos mão das entradas terminológicas referentes a *sujet parlant* presentes no levantamento de Giuseppe Cosenza (2016). Adiante, em Depecker (2012), estabelecemos uma aproximação entre os termos “consciência” e “sentimento”.

A coleção terminológica de Cosenza (2016) mostra-nos, no manuscrito *Phonétique*, que o sujeito falante é identificado como a pessoa que fala:

Sujet parlant: [hapax. a pagina 109 nota 390, il termine è stato sostituito con *la personne qui parle*]; Il n'y a jamais de nécessité matérielle que dans les limites où celle nécessité découle de cette subordination arbitraire du sujet parlant, ou du phonétiste lorsqu'il réduit le problème concret qui se pose à

un problème abstrait (p. 172). Cfr. *langue, parole* {ED; Notes Item; LG; I corso; II corso; III corso} (COSENZA, 2016, p. 307).

Em *De la double essence du langage* (1891-1892)⁵², o sujeito falante, novamente, é caracterizado pela pessoa que fala uma língua – sendo que esta definição associa o sujeito falante à consciência de um estado de língua:

Sujet parlant: [individuo che parla una lingua, la cui coscienza linguistica costituisce il punto di riferimento per lo studio degli stati di lingua (Cfr. *conscience, état de langue*)]; La première expression de la réalité serait de dire que la langue (c'est-à-dire le sujet parlant) n'aperçoit ni l'idée *a*, ni la forme *A*, mais seulement le rapport *a/A*; cette expression serait encore tout à fait grossière. Il n'aperçoit vraiment que le rapport entre les deux rapports *a/AHZ* et *abc/A*, ou *b/ARS* et *blr/B* etc. (p. 156 § 79); Cfr. *conscience, esprit, état de langue, langue, mental, modification, opération, opposition, pensée, psychique, sentiment*. {Ph; Notes Item; LG; I corso; II corso; III corso} (COSENZA, 2016, p. 360).

Como lemos acima, *langue* chega a ser definida como uma espécie de sinônimo de sujeito falante – “a *langue* (ou seja, o sujeito falante)” –, visto que é precisamente a posição de falante (e ouvinte) de determinada língua o que permite delimitar, na cadeia falada, o que é (ou não) *langue*, o que pertence (ou não) à determinada língua. A noção de que o sujeito falante só tem consciência do signo a partir da relação indissociável entre forma e sentido também está presente em outros manuscritos⁵³.

Na entrada referente ao *Primeiro curso* (1907), Cosenza sintetiza bem as questões trazidas pelas definições anteriores:

Sujet Parlant: [individuo che parla una lingua e produce atti di *parole*, ha coscienza dei soli stati di lingua in un momento dato, in questo senso costituisce il punto di riferimento della linguistica sincronica (Cfr. *analyse*)]; Le groupement des formes tel qu'il resulterait du passé, ce groupement est ignoré complètement du sujet parlant et force le grammairien à établir deux sphères distinctes (p. 67) Cfr. *analyse1, conscience, grammairien, inconscient, instinct, intention, interne, linguistique, réservoir, sentiment, subconsciente, trésor, valeur, volonté* {Ph; ED; Notes Item; LG; II corso; III corso} (COSENZA, 2016, p. 485-466)..

⁵² Mantivemos os títulos, quando em língua francesa, conforme o apêndice terminológico em Cosenza (2016), o qual encontra-se dividido conforme as diferentes fontes manuscritas.

⁵³ Em outro documento, o *Notes Item* (1899-1903), a definição reaparece: “**Sujet parlant** : [celui che parla una lingua]; Les sujets parlants n'ont aucune conscience des aposèmes qu'ils prononcent, pas plus que de l'idée pure d'autre part. Ils n'ont conscience que du sème. C'est là ce qui assure la transformation parfaitement mécanique de l'aposème à travers les siècles. (p. 109); Cfr. *discours, discursif, langage, langue, langue discursive, parole, transmission, trésor* {Ph; ED; LG; I corso; II corso; III corso}” (COSENZA, 2016, p. 424).

O sujeito falante é o “indivíduo que fala uma língua”, tendo “consciência” do estado de língua no qual encontra-se imerso; esta posição de sujeito falante funciona como uma referência para a linguística sincrônica, conforme é possível verificar em diversos exemplos de Saussure, presentes de maneira reiterada nos diferentes documentos dos ELG. Adiante retornaremos à discussão sobre sujeito falante e consciência a partir da leitura de Loïc Depecker (2012).

Quanto às notas do *Segundo curso* (1908-1909), percebe-se que seguem na mesma direção da definição de *sujet parlant*, reforçando a relação do sujeito falante com a noção de sentimento e sublinhando o lugar destes conceitos no método proposto por Saussure, o qual é fundamentado no ponto de vista da sincronia:

Sujet parlant: [soggetto che parla una lingua. I soggetti parlanti costituiscono il punto di riferimento della linguistica sincronica (Cfr. *sentiment*)]; Cette perspective du grammairien, du linguiste à pour étalon la perspective des sujets parlants, et il n'y a <pas d'autre méthode> que de se demander quelle est l'impression des sujets parlants. Pour savoir dans quelle mesure une chose est, il faudra rechercher dans quelle mesure elle est dans la conscience des sujets parlants, [dans quelle mesure] elle signifie. <Donc, une seule perspective, méthode: observer ce qui est ressenti par les sujets parlants.> (p. 49) Duale *masse parlante*; Cfr. *analogie, casier, cerveau, conscience, création analogique, faculté du langage, formation analogique, individu, langage/langue, magasin, novation analogique, sentiment, parole, volonté* {Ph; ED; Notes Item; LG; I corso; III corso} (COSENZA, 2016, p. 521).

Por fim, no *Terceiro curso* (1910-1911), nota-se o acréscimo de uma referência à faculdade de linguagem relativa à aquisição de uma língua, ressaltando tanto a produção da *parole* quanto a consciência/percepção daquilo que é reconhecido como *langue* de um ponto de vista sincrônico:

Sujet parlant: [individuo dotato della *faculté de langage* che ha acquisito una *langue* e che produce atti di *parole* e ha coscienza della sola sincronia. In questo senso costituisce il punto di riferimento della linguistica (statica o sincronica). Produce atti di *parole* con un certo grado di coscienza che hanno un ruolo primario nei cambiamenti linguistici anche se isolatamente presi non possono modificare la lingua]; En se plaçant au point de vue du sujet parlant: la suite des faits dans le temps est une chose inexistante. Le sujet parlant est devant un état. De même, le linguiste doit faire table rase <de> ce que est diachronique, de ce qui a produit un état dans le temps, pour comprendre cet état immense. Il ne peut entrer dans la conscience des sujets parlants qu'en adoptant le point de vue d'ignorance des sources (p. 107). Duale *masse parlante*; cf. *abstraction, conscience, dépôt, faculté, individu, insc-tique, intelligence collective, langue, mécanisme1, parole, réalité, sensation psychique* {Ph; ED; Notes Item; LG; I corso; II corso} (COSENZA, 2016, p. 561-2).

A partir desses recortes, pode-se dizer que o sujeito falante, nas considerações de Saussure, claramente aparece como um ponto de referência da linguística sincrônica; diríamos que se trata de uma testemunha, ainda que nem sempre consciente, da *langue*.

Quem se debruça sobre o sujeito falante e sua relação com a *langue* saussuriana é Loïc Depecker (2012) – o estudioso dedica o quarto capítulo de seu livro à “língua e a consciência dos sujeitos falantes”. Apesar de sua atenção voltar-se particularmente à presença da consciência nos manuscritos de Saussure, as considerações de Depecker aproximam-se do sentimento linguístico que buscamos compreender. A noção de consciência, segundo o autor, aproxima o linguista do sujeito falante: “Para se guiar, o linguista tem, no sujeito falante, um correspondente da consciência: o sentimento que o sujeito falante se faz ou se poderia fazer da língua” (DEPECKER, 2012, p. 110).

A visada do ponto de vista sincrônico como aquele que tem como referência o sujeito falante – observação que ressoa em outros pesquisadores, conforme apontaremos a seguir – é crucial para atribuir ao sujeito falante um papel capital para a linguística de base saussuriana. Destacamos a observação de Depecker:

Para Saussure, o papel da consciência na língua não é um simples postulado. É um princípio fundamental. Pois como reconhecer um signo se a consciência não está implicada nessa ação? Pouco a pouco, a análise se aprofunda, dando lugar não apenas ao “espírito”, à “consciência”, mas ao “sujeito falante”, que surge nos manuscritos dos anos 1894-1895 (DEPECKER, 2012, p. 112-3).

É preciso que se observe que a noção de consciência (do falante, da *langue*) aqui mobilizada sinaliza uma aproximação com a ideia de percepção que o sujeito falante tem do fato de que, ao mobilizar formas simbólicas, produz efeito sobre outros sujeitos falantes. Prova disso é que a *langue* é definida como aquilo que é compartilhado pelos sujeitos falantes de uma dada comunidade linguística.

Para Saussure, o linguista que analisa determinado estado de língua não poderia renunciar ao sujeito falante; “O recurso ao ‘sentimento’ (...) é uma das ferramentas do linguista. De fato, seu trabalho deve se guiar pelo sentimento do sujeito falante, caso contrário ele corre o risco de se perder em abstrações” (DEPECKER, 2012, p. 117). A seguir, voltamos nosso olhar ao termo sentimento a fim de melhor explorar a relação do sujeito falante com a dupla conceitual *langue* e *parole*, afinal “o ‘sentimento da língua’ não

apenas abarca a maneira pela qual os sujeitos falantes percebem a língua, mas também é um princípio metodológico, o principal guia do linguista” (DEPECKER, 2012, p. 118).

Obviamente, as considerações aqui não pretendem excluir o ponto de vista diacrônico, que, como sabemos hoje, não foi descartado ou menos-prezado por Saussure, mas justamente ressaltar que o conceito de sujeito falante opera na linguística sincrônica – constatação importante do linguista suíço. A partir dessas passagens, já foi possível vislumbrar, ainda que de forma introdutória, a noção de sentimento, discussão a qual nos dedicamos com maior detalhamento a seguir.

O sentimento da *langue* (ou seja, do sujeito falante)

Após nos voltarmos a algumas das definições de *sujet parlant*, vejamos como o termo *sentiment* está presente nos escritos saussurianos a partir das análises de Engler (1968) e de Cosenza (2016). Em uma exploração inicial, detectamos uma definição no precioso *Lexique* de Rudolf Engler: “**sentiment** du sujet parlant ’! concret, conscience, réalité” (ENGLER, 1968, p. 45). Sentimento, como se pode ler, está associado diretamente com a noção de *sujet parlant*, que identifica aquilo que é concreto e que pressupõe uma consciência linguística (ou seja, uma percepção de valor), conforme salientamos com Depecker (2012); tal percepção indica aquilo que é real (o que existe = é reconhecido) em uma dada língua. Vejamos, por exemplo, a ocorrência de *concret* no *Lexique*:

concret : a) réel, répondant au sentiment des sujets parlants 3353, 3-4, cf. ‘le concret réel [...] = ce qui est ressenti, ce qui à son tour [égale] ce qui est significatif à un degré quelconque’ 1737; ‘dans la langue est concret tout ce qui est présent à la conscience du sujet parlant’ 2195 ≠ b) délimité : ‘concret, ici, signifie que l’idée a son unité dans le support sonore’ 2195, cf. → élément concret ≠ matériel 1805. → abstraction, mot, sens, unité Godel 257 (ENGLER, 1968, p. 17).

O objeto da linguística – a *langue* – é indissociável do sentimento dos sujeitos falantes, pois é a partir do ponto de vista daqueles que falam (escrevem, escutam, leem...) que apreendemos, mesmo que efemeramente, aquilo que é real linguisticamente falando. A realidade da *langue*, nesse sentido, é possível apenas enquanto *parole*, pois é na cadeia falada (*chaîne parlée*) que os sujeitos falantes operam a delimitação das unidades linguísticas. Acerca do que é real, lemos no *Lexique*:

réalité: a) 'fait présent à la conscience des sujets parlants' 2769 (3293, 14) ≠ abstraction : 'Il est faux que les distinctions comme' → racine, → thème, → suffixe soient des abstractions. Avant tout, et avant de venir parler d'abstraction, il faut avoir un critère fixe touchant ce qu'on peut appeler *réel* en morphologie. Criterium : ce qui est réel, c'est ce dont les sujets parlants ont conscience à un degré quelconque; (...) (ENGLER, 1968, p. 43).

Retornemos a Cosenza (2016) a fim de resgatarmos algumas das ocorrências de *sentiment* em sua coleção terminológica. Em *De la double essence du langage* (1891-1892), Cosenza aponta uma aproximação entre as noções de sentimento e consciência:

Sentiment: [hapax; v. conscience]; car a) le sens peut varier sans que le sentiment de l'unité du signe soit même vaguement atteint par ces variations (...) Cfr. conscience, esprit, état de langue, mental, opération, pensée, psychique, sujet parlant. {LG; I corso; II corso} (COSENZA, 2016, p. 358).

Nas lendas germânicas (1903-1910), vemos, guiadas por Cosenza, que o termo aparece como o saber próprio de uma comunidade, refletindo acerca da transmissão dessas lendas ao longo do tempo:

Sentiment: [il sentire, il sapere condiviso proprio di una comunità. In particolare S. discute il suo ruolo nella costituzione e trasmissione di una leggenda]; (...) Cfr. *état de langue, état de légende, fixe, langue, légende, massa sociale, mot, sémiologie, signe vocal, sujet parlant, symbole, transmission, unité, valeur, volonté*. {ED; I corso; II corso} (COSENZA, 2016, p. 444).

Quanto às notas do *Primeiro curso* (1907), vemos claramente a associação entre sentimento e o ponto de vista sincrônico, dependente dos sujeitos falantes:

Sentiment: a) [il sentire cosciente, subcosciente o incosciente dei soggetti parlanti rispetto alle unità della lingua, tale sentimento si riferisce solo alla langue nel senso sincronico e costituisce il punto di riferimento di tale ambito di studio]; La régularité <de structure quelle qu'elle soit> aide les sujets parlants <à reconnaître l'unité radicale en développant chez eux un certain sentiment linguistique.> (p. 79) b) [il sentire della langue in quanto entità sociale posseduta dai soggetti parlanti (Cfr. langue)]; (...). <Ainsi> la langue peut avoir le sentiment de l'existence de ces préfixes à un degré très divers, <et c'est dans la mesure de ce sentiment qu'>ils sont une réalité pour la langue (p. 73). Cfr. *conscience, inconscient, subconsciente; instict, intention, intérieur, interne, langue, sujet parlant, volonté* {ED; LG; II corso} (COSENZA, 2016, p. 483).

Além disso, Cosenza lança mão da expressão “o sentir da *langue*”, tomada “enquanto entidade social possuída por sujeitos falantes”, observação respaldada pela exaustiva amostra que o autor realiza. Na passagem

acima, a *langue*, personificação daqueles que falam, pode ter/proporcionar o sentimento da existência de uma unidade linguística.

Nas anotações referentes ao *Segundo curso* (1908-1909), sentimento é associado a um conhecimento “prático”/empírico do sujeito falante, que geralmente é implícito. Tal saber serve de critério para a análise linguística:

Sentiment: [conoscenza pratica, in genere non esplicita, che il soggetto parlante ha della propria lingua e che si mostra negli atti linguistici, punto di riferimento della linguistica sincronica in quanto determina la langue. In questo senso è da intendersi socialmente dei soggetti parlanti]; (...) Ce qui est significatif se traduit par une délimitation d'unité, c'est la signification qui la crée, elle n'existe pas avant: <ce ne sont pas les unités qui sont là pour recevoir une signification.> (p. 24) Cfr. *conscience, langage/langue, langue, parole, sujet parlant, volonté* {ED; LG; I corso} (COSENZA, 2016, p. 519).

Conforme a passagem acima, o sentimento delimita aquilo que é significativo em termos de *langue*. Eis o ponto de partida que une o “sentimento do sujeito falante” à tarefa (ou método) do linguista.

Apesar da ampla presença de sentimento nos manuscritos saussurianos, são escassos os trabalhos encontrados que lidam especificamente com uma problematização acerca do termo. Para além de Loïc Depecker (2012), cujo debate abordou a consciência dos sujeitos falantes, Alessandro Chidichimo (2009) e Emanuele Fadda (2013) são dois pesquisadores que se debruçam sobre a questão. Vejamos como esses estudiosos contribuem para a reflexão acerca do sentimento enquanto termo linguístico.

Em “Saussure e o sentimento: a forma do sentimento linguístico”, Alessandro Chidichimo (2009) lança aos leitores dois questionamentos: primeiro interroga “[p]or que os falantes sentem que as palavras que eles utilizam para falar são adequadas para aquilo que eles dizem?”; em seguida, pergunta sobre “[o]nde está pautada sua certeza?” (CHIDICHIMO, 2009, p. 109). A nós, interessa sublinhar aqui que o sentimento, para Chidichimo, ancora-se no sujeito falante, visto que é a partir da *parole* que acessamos concretamente a *langue*. Vale ressaltar também que, conforme observado pelo autor, “sentimento” pode ser tomado em Saussure como termo ou como palavra de uso comum. Apesar de nem sempre figurar em seu valor epistemológico, “a maior parte do tempo parece explicar a dinâmica do sujeito falante individual com a língua, que permanece sempre coletiva, mas que é submissa às mudanças introduzidas pela fala, que é ao contrário sempre individual” (CHIDICHIMO, 2009, p. 110-111). Os recortes e definições operados por Giuseppe Cosenza (2016) acerca do termo sentimento, con-

forme apontado acima, parecem estar de acordo com a perspectiva de Chidichimo, para quem “[o] ponto de encontro entre o sujeito e a *lingua* em relação ao sentimento se verifica quando Saussure fala da realidade da *lingua*” (CHIDICHIMO, 2009, p. 113, grifos do autor).

Emanuele Fadda é outro pesquisador que investiga a fundo a questão do sentimento a partir de Saussure, visto como “única base possível para toda classificação linguística” (FADDA, 2013, p. 49). Fadda, no artigo “‘*Sentiment*’: *entre mot et terme. Quelques notes sur le travail et la langue de Ferdinand de Saussure*” (FADDA, 2013), problematiza o uso da expressão “sentiment” no corpus saussuriano, buscando investigar seu sentido epistemológico. Em interlocução com o artigo de Chidichimo (2009), Fadda alarga a noção de sentimento a fim de pensar o termo para além de sua relação com a posição do sujeito falante como indivíduo. O ponto crucial abordado por Fadda é que sentimento não estaria atrelado essencialmente à sincronia (nem à diacronia), mas à morfologia. A tese do estudioso é a seguinte:

o sentimento, em Saussure, *enquanto termo* é um meio (para o sujeito falante) e o critério (para o linguista) de toda análise morfológica. Enquanto tal, ele *funda* e define a morfologia, e é seu verdadeiro *objeto* (FADDA, 2013, p. 54).

Ou seja, o sentimento é o meio que o sujeito falante possui para a análise morfológica; quanto ao linguista, o sentimento nada mais é que seu próprio critério de análise.

Fadda fundamenta sua reflexão nas notas do curso de gramática comparada greco-latina ministrado por Saussure entre 1909 e 1910⁵⁴; a partir da leitura do material, o pesquisador destaca quatro pontos importantes para a discussão acerca do sentimento tendo como base a morfologia⁵⁵:

- (1) a morfologia é responsável pelo “recorte” das unidades linguísticas;
- (2) o critério para que o “recorte” seja delimitado é a coincidência com aquilo que é feito pelos sujeitos falantes da língua em questão;
- (3) tal “recorte” é operado com base no sentimento desses sujeitos falantes;

⁵⁴ O pesquisador sublinha que o material é pouco trabalhado entre os estudiosos do *corpus* saussuriano: “Le cours de grammaire comparée gréco-latine de 1909-1910 est divisé en deux parties, de longueurs inégales: phonétique (bien plus longue) et morphologie. (...) Les notes sur la morphologie – dans la version de Riedlinger – ont été employées dans la rédaction du *CLG*, et ont été mentionnées par Godel et Engler, mais elle n’ont pas été publiées jusqu’à présent (du moins pas intégralement)” (FADDA, 2013, p. 54-55).

⁵⁵ O termo morfologia faz referência ao estudo das formas em geral, e não à morfologia como um dos níveis de análise linguística, tal como se concebe atualmente no terreno da linguística.

(4) o sentimento pode ser entendido como uma espécie de “consciência fraca”, “instinto”.

A partir daí, como podemos pensar o sentimento? Podemos sintetizá-lo em um reconhecimento da unidade – ou seja, do signo.

A tradução dos ELG foi responsável por trazer em primeira mão algumas dessas reflexões para a língua portuguesa. Em uma das passagens pertencentes aos “Antigos documentos” de Engler, originalmente intitulada “Morfologia” (cf. SAUSSURE, 2004, p. 155), encontramos passagens interessantes as quais retomam as definições encontradas tanto no *Lexique* de Engler (1968) quanto em Cosenza (2016): “Não esqueçamos que tudo o que existe no *sentimento dos sujeitos falantes é fenômeno real*” (SAUSSURE, 2004, p. 160, grifo nosso); “no nono século, *verdade é o que sentem os alemães do nono século, absolutamente mais nada*” (SAUSSURE, 2004, p. 160, grifo nosso); quanto ao valor de unidades morfológicas, especificamente do prefixo *en-*, Saussure sublinha: “no francês de nossos dias, *enfant, entier* não comportam, no sentimento dos franceses, nenhuma espécie de análise, não mais do que comportaria a palavra *pour* ou a palavra *moi*” (SAUSSURE, 2004, p. 161, grifo nosso). Na mesma direção do sentimento dos sujeitos falantes, encontramos o sentimento da *langue*:

Se digo que *chanteur*, no século XIX, se decompõe em *chant* + *eur*, eu estou de acordo com o sentimento da língua, que se traduz por formações novas e, se eu dissesse que ela se decompõe em *chan* = *teur*, minha análise não corresponderia a nada (SAUSSURE, 2004, p. 166, grifo nosso).

Se a *langue* é o objeto da linguística, em companhia de Fadda, podemos afirmar que o sentimento é o objeto da morfologia, tendo em vista que o sentimento orienta a delimitação das unidades linguísticas:

o *objeto* da morfologia, assim como a *langue* é o objeto da linguística, exatamente no sentido esclarecido por De Mauro: não é a *coisa* sobre a qual trabalhar, mas sim o resultado, o *τέλος* [fim] da atividade do morfologista, o que ele obterá ao final de seu trabalho. Se o objeto da linguística é a *langue*, o objeto da morfologia é o *sentimento* dos falantes que o orienta em suas análises morfológicas (FADDA, 2013a, p. 57, tradução nossa).

Para além da associação entre sentimento e morfologia, Emanuele Fadda estabelece um paralelo com a relação dos termos sensação e fonética. Essa perspectiva reforça o que temos apontado sobre o papel do ouvido (*oreille*) na reflexão linguística saussuriana, que opera como metonímia de sujeito falante. No CLG, lemos, por exemplo, que “é na cadeia da fala ouvida que se pode perceber imediatamente se um som permanece ou não igual

a si próprio; enquanto se tenha a impressão de um som homogêneo, este som é único” (SAUSSURE, 1977, p. 50). A impressão ou sensação de unidade está atrelada ao fenômeno físico (seja através de uma materialidade sonora ou visual), mas não se limita a um reconhecimento de ordem fisiológica. Como bem observa Fadda,

Uma leitura mesmo apressada deste texto mostra que o elemento central das operações em questão na fonética (e que o foneticista deve reconstruir – assim como o morfologista reconstrói as análises ditadas pelo sentimento do falante) é o *ouvido*. Saussure sempre emprega essa palavra (também ausente nos léxicos de Godel e Engler) para designar o *agente* dessas operações (FADDA, 2013a, p. 57, tradução nossa).

O “morfologista” necessita ir em busca do sentimento do sujeito falante; o “foneticista” (e/ou o fonólogo, acrescentamos) depende da sensação percebida pelo ouvido. Fadda, nessa direção, situa sentimento e sensação como os meios através dos quais as unidades linguísticas são construídas, equiparando, poderíamos dizer, sujeito falante e ouvinte na medida em que

O ouvido é soberano em sua esfera de competência: ele julga (cf. PH, II, 4v, 17r, III, 6v) e até decide (PH III, 10r) – e seus julgamentos serão lei restritivas para o linguista; obrigatórias para o seu trabalho; mas ele não sente nada (pelo menos no ato de fala). Ele captura, sim, de acordo com Parret (1995-6: 100 ssq), que a chama de “a ‘faculdade’ em nós que capta a físico-acústica e sua temporalidade” (*ibid.*: 105) (FADDA, 2013a, p. 58, tradução nossa).

Apesar de aproximar sujeito falante e ouvido, sentimento e sensação, Fadda compreende que há uma diferença importante de salientar: enquanto podemos individualizar a sensação reconhecida pelo ouvido, o sentimento do sujeito falante não diz respeito apenas a uma percepção individual, mas social, da ordem do coletivo. Essa interpretação faz sentido, na medida em que em mais de uma ocorrência o termo sentimento vem acompanhado de “falantes” no plural (falantes de alemão, francês etc.) ou mesmo do termo *langue*. O que podemos depreender do debate acerca do sentimento é que, de fato, tal termo parece enfatizar o caráter indissociável entre *langue* e *parole*, visto que a *langue* é definida e delimitada a partir daqueles que falam e escutam⁵⁶.

⁵⁶ Sublinhamos que os verbos “falar” e “escutar” aqui podem ser compreendidos através das funções exercidas pela *parole* e pelo *ouvido* em um sentido *lato sensu*: posso falar línguas orais ou línguas de sinais, assim como escutá-las no sentido de atividade linguística de interpretação.

O levantamento das definições selecionadas em Cosenza (2016) permitiu-nos vislumbrar o estatuto do sujeito falante não apenas identificado como aquele que fala; para além da constatação de indivíduo falante de determinada língua, o sujeito falante opera como alicerce do ponto de vista sincrônico e, portanto, é um meio para a análise linguística. Nesse sentido, este é um princípio basilar para o estudo da *langue*; ao sujeito falante, estão atreladas as noções de consciência e sentimento. Aqui, buscamos explorar a definição de sentimento em decorrência do papel que tal concepção parece desempenhar na delimitação do signo linguístico.

O sentimento está atrelado às noções de concretude e realidade da *langue*: ambas reforçam o laço entre *langue* e *parole*, na medida que não é possível abstrairmos o sistema linguístico, relegando aqueles que falam a um simples fator externo. Quando abordamos o sentimento do(s) sujeito(s) falante(s) ou da *langue*, estabelecemos um laço entre empiria e teoria; entre *parole* e *langue*. Cremos que a noção de sentimento pode ser encarada como um princípio epistemológico: tal princípio fundamenta o recorte das unidades linguísticas na cadeia falada (*chaîne parlée*). Nesse sentido, o rastro do aspecto fônico da *langue* parece ser uma instigante pista do sentimento que o(s) sujeito(s) falante(s) têm em comum, ao compartilharem formas e sentidos.

Levando isso em consideração, acreditamos ser possível antever a hipótese de uma relação do termo sentimento com a posição de análise linguística, encarnada pelo(s) sujeito(s) falante(s), pelo ouvido ou pela própria *langue*. A análise linguística, dessa perspectiva, parece demandar um lugar de alteridade, considerando aquilo que é sentido, ouvido e delimitado sob efeito da escuta da cadeia discursiva.

Capítulo 10

A ESCUTA LINGUÍSTICA E O OUVIDO SAUSSURIANO

Este capítulo tem como intuito explorar uma concepção de escuta a partir da fundamentação teórica de base saussuriana. A reflexão empreendida aqui é fruto da trajetória dos últimos dez anos em nosso grupo de pesquisa que tem constantemente se deparado com o lugar da escuta nos estudos da linguagem – seja de forma mais direta, no diálogo com a clínica de linguagem; seja de forma mais indireta, a partir da reflexão sobre a intersubjetividade na linguagem. Como, porém, a escuta ressoa nos estudos saussurianos?

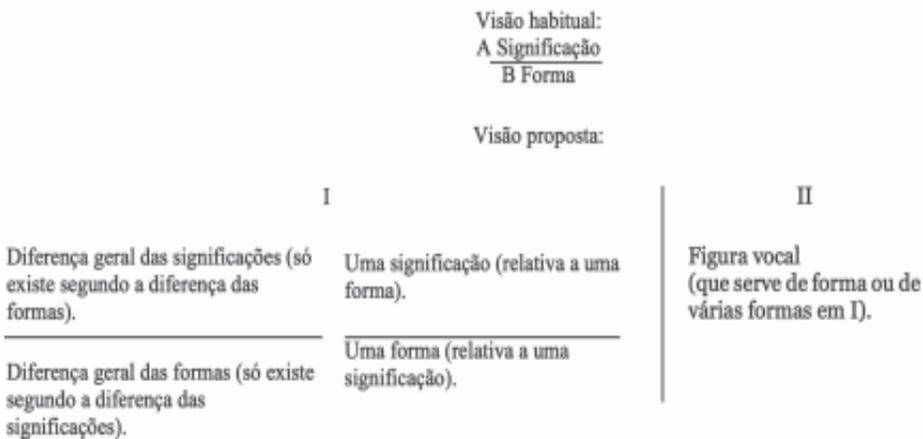
Na tentativa de responder a essa pergunta, este capítulo final elabora uma síntese de problemas de pesquisa por nós investigados partindo particularmente de dois trabalhos: o primeiro intitulado *O aspecto fônico da língua: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta saussuriana* (STAWINSKI, 2016); e o segundo, *À escuta da langue-parole: considerações a partir da teoria saussuriana* (STAWINSKI, 2020). Esses trabalhos são representativos daquilo que consideramos hoje, n' *O rastro do som em Saussure*, uma noção de escuta linguística, na perspectiva saussuriana. Nesse sentido, nosso foco aqui é o “lado B” do circuito da *parole*, para utilizar uma expressão de nosso colega Giuseppe D'Ottavi (2010)⁵⁷.

⁵⁷ Não por acaso, a reflexão aqui proposta foi influenciada pelos trabalhos de diversos pesquisadores italianos contemporâneos, com quem encontramos diálogo frutífero nos últimos anos. Para além de Giuseppe D'Ottavi e das referências recorrentes no campo como Tullio De Mauro e Gabriele Gambarara, foram especialmente importantes para a reflexão presente neste capítulo os estudos de Giuseppe Cosenza (2016), Emanuele Fadda (2013a; 2013b; 2017), Alessandro Chidichimo (2009), Federico Albano Leoni (2009), Maria Pia Marchese (in SAUSSURE, 1995) e Marina De Palo (2016).

Do som ao signo

Dentre os conceitos fundamentais associados ao pensamento saussuriano está, sem dúvidas, a tríade signo, significante e significado. Uma leitura apressada do CLG corre o risco de reduzir significante e significado a uma oposição entre “som” e “sentido”. Dessa perspectiva, a contraparte significante acaba sendo tomada apenas enquanto envelope material do significado, descartando seu aspecto abstrato e, portanto, linguístico. O conjunto de escritos reunidos em “Sobre a essência dupla da linguagem” (SAUSSURE, 2004) auxilia a desautomatizar tal oposição, visto que tanto o significante quanto o significado são considerados a partir da união forma-sentido. Vejamos a seguir uma reprodução do esquema apresentado nos ELG, que contribui para elucidar a questão.

Quadro 1: *Duplessência* da linguagem



Fonte: Saussure (2004, p. 42).

O esquema compara duas visões sobre o signo: uma “habitual”, apresentada ao topo, e outra não habitual, encaminhada enquanto “proposta” – visada responsável por conferir maior complexidade à unidade linguística. Na sequência do esquema nos ELG, lemos: “expressões como *A* forma, *A* ideia; *A* forma e *A* ideia; *O* signo e *A* significação, são, para nós, sinais de uma concepção diretamente falsa da língua” (SAUSSURE, 2004, p. 42). Tudo isso nos leva ao problema da *duplessência*⁵⁸ da linguagem que, ao mes-

⁵⁸ Neologismo utilizado inicialmente na tese de Stawinski (2020) e depois discutido por Milano em *A duplessência da linguagem: afinal, de que duplo se trata?* (2022).

mo tempo que resgata o papel da materialidade do signo, reforça a impossibilidade na oposição forma x sentido (pois complementam-se). Ademais, o esquema demonstra o equívoco de definir o signo isoladamente, o que atesta a importância de considerar as relações de valor interior do sistema.

Essa reflexão, aliada à releitura do circuito da *parole*, foi um dos gatilhos para refletirmos acerca do aspecto fônico da *langue* com maior profundidade. O que está em jogo quando opomos “figura vocal” e “forma-sentido”? Vejamos a célebre passagem do manuscrito sobre a *duplessência*, mencionada no Capítulo 6 e que retomamos parcialmente aqui:

O dualismo profundo que divide a linguagem não reside no dualismo do som e da ideia, do fenômeno vocal e do fenômeno mental; essa é a maneira fácil e perniciosa de concebê-lo. O dualismo reside na dualidade do fenômeno vocal COMO TAL e do fenômeno vocal COMO SIGNO – do fato físico (objetivo) e do fato físico-mental (subjetivo), de maneira alguma do fato “físico” do som por oposição ao fato “mental” da significação (SAUSSURE, 2004, p. 24).

Primeiramente, destacam-se dois aspectos do “som”: como tal e como signo. O “som” como tal diz respeito à materialidade da qual se serve a *langue* – o aspecto físico, concreto, imprescindível para que a *parole* ganhe vida. O “som” como signo depende de sua manifestação material, mas já pertence à esfera da *langue* – ou seja, da representação. Nesse sentido, a oposição estabelecida por Saussure coloca em cena a natureza material de toda manifestação linguística (sons, mas não somente⁵⁹), ressaltando o fato primordial de que o signo possui um caráter duplo: físico-mental, portanto, subjetivo.

A *duplessência* da linguagem, assim, trata da oposição entre substância (matéria) e forma (forma-sentido⁶⁰). O aspecto material é aquilo que fornece concretude à *parole*; o aspecto formal é aquilo que tem o poder de representar. Assim, conforme é possível encontrar logo no início do manuscrito, “É errado (e impraticável) opor a forma e o sentido. O que é certo, em troca, é opor a figura vocal, de um lado, e a forma-sentido de outro” (SAUSSURE, 2004, p. 21). Assim sendo, a figura vocal (ou “som como

⁵⁹ Cabe lembrar novamente que a materialidade linguística não é exclusiva da manifestação sonora. Estudos de viés saussuriano que se atentam à gestualidade, como em Frydrych (2013, 2020), são um importante lembrete de que as línguas não se restringem ao aspecto sonoro, vide as línguas de sinais, como a Libras.

⁶⁰ Em termos saussurianos, quando falamos em “forma”, é sempre na relação indissociável com o sentido.

tal”) diz respeito ao envelope material do signo; já a forma-sentido refere-se à união entre significante-significado (“som” como signo). Em suma, “[u]ma figura vocal se torna forma a partir do instante crucial em que é introduzida no jogo de signos que se chama língua (...)” (SAUSSURE, 2004, p. 38) – eis a “passagem” do “som” ao “signo”.

Visto que temos refletido acerca da escuta por um viés linguístico saussuriano, essa aparente “digressão” é necessária; afinal, como pensaríamos a escuta sem levar em conta também o aspecto material do signo? Ao olharmos mais atentamente para o circuito da *parole*, pretendemos observar que a escuta linguística ultrapassa o “som como tal”, que seria “objetivo”, para adentrar na esfera da significação, a qual depende, ainda que não exclusivamente, da concretude.

Marina De Palo, em publicação que trata sobre Saussure e o sujeito falante, ajuda a compreender o que buscamos demonstrar até aqui, lançando mão do que a autora chama de “a concretude do sentido”:

Concreto representa a ligação entre significante e significado, e se opõe a **abstrato**, que designa um conceito sem suporte sonoro ou vice-versa (objetos respectivamente da psicologia pura ou da fonética, mas não da linguística): “**concreto**, aqui, significa que a ideia tem a sua unidade no suporte sonoro” (CLG/E, 2195 IIIS, em Saussure 1967-1974) portanto “a palavra material é para nós uma abstração” (ivi, 1693). Consequentemente, “existem coisas abstratas que não são de todo linguísticas. Assim, temos dito que se quisermos buscar significações em si mesmas, separando-as radicalmente do suporte sonoro, do suporte material, não se está mais na linguística, mas na psicologia” (ivi, 2195 IIIC). Para tornar concretas as unidades de sentido não se trata somente de ligá-las de modo indissolúvel às formas que as exprimem, mas sim de reconduzi-las às relações que elas estabelecem em um sistema linguístico baseado em oposições (ivi, 1750 IIR). Esse ponto de partida nos levará à noção de *jeux di signes* (DE PALO, 2022, p. 219, grifos da autora).

Essa observação é importante, pois é preciso encarar a complexidade das relações de sentido que estão em jogo na cadeia falada, muito além de uma perspectiva do signo isolado. Além disso, refletir sobre o aspecto fônico da *langue* é aceitar estar sob o efeito da escuta. Isso implica também reconhecer o papel do corpo e da subjetividade na linguagem. O “som” percebido “palavra” é a matéria que ganha vida na *parole*. Para tratar dessa percepção, é preciso voltarmos ao famoso circuito apresentado no CLG.

O ouvido no circuito da *parole*

Conforme descrito no *CLG*, para que seja possível delimitar, na linguagem, aquilo que corresponde à *langue*, “se faz necessário nos colocarmos diante do ato individual que permite reconstituir o circuito da *parole*. Este ato supõe ao menos dois indivíduos; é o mínimo exigível para que o circuito seja completo”⁶¹ (SAUSSURE, 2005, p. 27). Vejamos o esquema conforme o *CLG*:

Figura 1: Falante e ouvinte no circuito da *parole*



Fonte: Saussure (2005, p. 27).

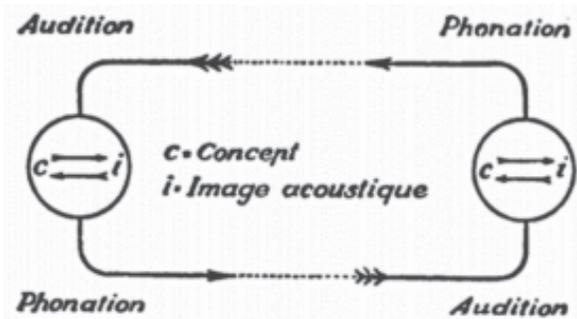
Na imagem, vemos dois perfis (nomeados A e B) que conversam; a ação é representada pelo tracejado que liga, pela boca e pelo ouvido⁶², as duas extremidades do circuito da *parole*. Cada uma dessas partes do corpo acaba por sintetizar dois papéis fundadores do circuito: o de falante e o de ouvinte. Quando lido atentamente, o circuito da *parole*, esquema aparentemente simples, faz emergir questões importantes sobre o objeto da linguística e sobre a natureza do signo linguístico. Isto porque refletir sobre a troca entre falante e ouvinte mobiliza três fenômenos distintos que estão em jogo na cadeia falada, cuja representação aparece mais claramente na segunda

⁶¹ Não são necessários, de fato, dois indivíduos, mas ao menos dois papéis discursivos: de locução e interlocução.

⁶² Diferente das fontes manuscritas, o esquema no *CLG* acrescenta uma indicação ao cérebro, ligado por um ponto à boca e ao ouvido do sujeito falante e do ouvinte. Além disso, há setas que indicam o fluxo da *parole*, ambas apontando para o centro da linha que liga os interlocutores, também ausentes nos manuscritos. Além disso, conforme cadernos dos alunos presentes na edição crítica de Engler (cf. SAUSSURE, 1989, p. 37), o perfil dos sujeitos falantes (fig. 1) e os circuitos da fonação e audição são apresentados em conjunto (cf. fig. 3). No *CLG*, as ilustrações são separadas por um parágrafo explicativo e pertencem ao terceiro capítulo da Introdução (“Objeto da linguística”), seção 2 (“Lugar da língua nos fatos da linguagem”).

parte do circuito: o fenômeno psíquico (o “som” percebido palavra ou o “som” como signo), o fisiológico (fonação e audição) e o físico (o “som” como tal). No encontro entre fonação e audição está o signo linguístico:

Figura 2: O signo entre a fonação e a audição



Fonte: Saussure (2005, p. 28).

A leitura do circuito da *parole* foi renovada por pesquisadores como Herman Parret (2014), Jacques Coursil (2000) e Giuseppe D’Ottavi (2010). Cada um a seu modo, os três pesquisadores compartilham um gesto teórico comum: o de se colocar sob efeito da escuta. Também Giuseppe Cosenza (2016), a partir de um amplo estudo terminológico, oferece suporte para compreendermos o valor do ouvido nos estudos saussurianos. A seguir, apresentaremos brevemente as reflexões propiciadas pela leitura desses estudiosos, com o intuito destacar o papel do ouvido na reflexão linguística saussuriana.

De maneira precursora, Herman Parret (1993) foi responsável por uma leitura singular dos manuscritos de Harvard, material que descreveu e estudou. Tal leitura dos manuscritos harvardianos, especialmente do dossiê 8⁶³, exerceu grande influência sobre a produção do pesquisador, que resultou, por exemplo, na publicação do livro *Le son et l’oreille* (PARRET, 2014). Nesse livro, o estudioso é enfático ao afirmar a influência da leitura dos manuscritos:

Minha concepção de linguística saussuriana foi totalmente abalada pelo apuramento e estudo desses milhares de páginas manuscritas. Esse aprofundamento da epistemologia subjacente do *corpus* saussuriano foi confirmado

⁶³ Conforme já apontamos, o dossiê 8 se refere ao conjunto de escritos sob o título *Phonétique*.

em 2002 pela publicação dos *Escritos*. Meu interesse pelos manuscritos de Harvard está focado no conjunto sobre o estatuto linguístico do som e sobre a quase ausência de uma concepção elaborada da voz, do corpo, do sujeito falante e da temporalidade (PARRET, 2014, p. 4).

Certamente não seria imprescindível ler os manuscritos ou a obra de Parret para verificar, ao menos, certa importância atribuída ao ouvido. É o que buscamos fazer a cada releitura do CLG. Apesar disso, é inegável que a leitura de Parret é de suma importância para resgatar, nas fontes saussurianas, o lugar do corpo, da voz e da materialidade nos estudos linguísticos, interesse declarado pelo próprio pesquisador. Em suas reflexões, Parret (2014) traz à tona o lugar do ouvinte na determinação das unidades linguísticas, o que justifica a expressão “ouvido-analista” (*L’Oreille-analyste*) cunhada por Parret, conforme veremos adiante.

Outro estudioso que exerceu influência significativa para esta perspectiva foi Jacques Coursil⁶⁴. No campo da linguística, Coursil interessou-se particularmente pelos estudos saussurianos, tratando de questões relacionadas à fonologia, à delimitação do signo linguístico e ao aspecto dialógico da linguagem. No livro intitulado *La fonction muette du langage* (COURSIL, 2000), o autor apresenta três análises introdutórias ao conceito que dá título à obra (a “função muda da linguagem”, em tradução livre). O título demonstra seu interesse pelo aspecto receptivo da linguagem, que atrelamos à escuta. Para ele, a atividade da linguagem pode ser encarada a partir de dois papéis dialógicos: da fala e da escuta. Após uma retomada do circuito saussuriano, voltaremos a essa discussão.

Quanto a Giuseppe D’Ottavi, é um pesquisador que também se interessou pelos manuscritos à disposição na biblioteca de Harvard. Tocado pela questão do ouvido, D’Ottavi escreve um artigo especialmente dedicado ao “*Monsieur B*”, o ouvinte no circuito da *parole* (D’OTTAVI, 2010). Tal artigo, publicado originalmente há pouco mais de uma década⁶⁵, apresenta a importância do sujeito falante a partir da teoria saussuriana como “componente inalienável da visão linguística saussuriana como um todo” (D’OTTAVI, 2022, p. 81). Garantido o lugar do sujeito falante para a linguis-

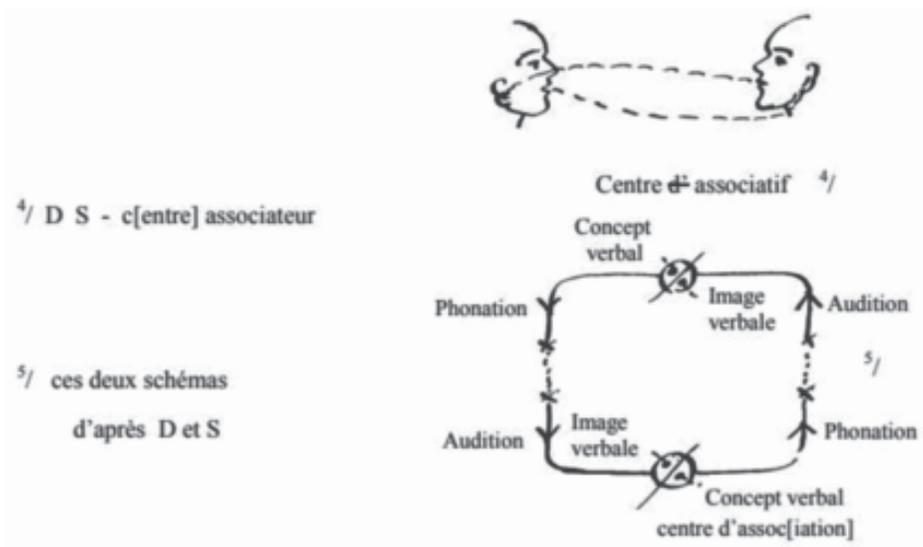
⁶⁴ Coursil (1938-2020) foi doutor em Letras, professor emérito em Ciências da Linguagem e também músico. Para saber mais sobre a sua produção, recomendamos conferir o site: www.coursil.com.

⁶⁵ Este artigo recebeu tradução para o português em edição especial da ReVEL (D’OTTAVI, 2022). As citações que faremos dele serão, portanto, oriundas da versão traduzida.

tica saussuriana, sua contraparte, o ouvinte, é objeto de estudo que demanda maior atenção. A reflexão empreendida por D'Ottavi cumpre o papel de apresentar e aprofundar tal ponto de vista.

Com uma breve introdução desses estudos como plano de fundo, vejamos, novamente, o esquema que representa o circuito saussuriano – desta vez, com suporte de Sofia (2015)⁶⁶:

Figura 3: O circuito da *parole*



Fonte: Sofia (2015, p. 408).

O primeiro ponto que gostaríamos de destacar diz respeito a uma observação realizada por D'Ottavi: no circuito da *parole*, as figuras que representam falante e ouvinte são simétricas e espelhadas:

O esquema do circuito da *parole* é construído, de fato, segundo uma simetria evidente: *Monsieur A* e *Monsieur B* são especularmente idênticos e dividem de maneira uniforme o espaço; do mesmo modo os atos comunicativos dos quais são responsáveis, são entendidos como ligados por uma lógica simétrica e não descontínua que vê o momento produtivo e o receptivo participa-

⁶⁶ A edição organizada por Estanislao Sofia, referente à *Collation Sechehaye* (Sofia 2015), reúne uma espécie de “pré-texto” ao CLG, elaborada por Albert Sechehaye (com revisão de Charles Bally). O trabalho de Sofia apresentava os leitores com o *fac-simile* dos manuscritos, lado a lado a transcrição correspondente. As siglas D e S fazem referência a George Dégallier e Marguerite Sechehaye, alunos que frequentaram os cursos de Saussure, cujos cadernos (dentre outros) foram apresentados na edição crítica de Rudolf Engler (CLG/E, SAUSSURE, 1989).

rem do mesmíssimo mecanismo, diferenciando-se somente pela alternância de destino e centro de produção: a recepção da *parole*, em particular, parece um retorno, um caminho para trás, quase uma decodificação. Na homologia essencial dos mecanismos produtivo e receptivo, por conseguinte, a recepção é determinada como o reflexo, passivo e devido, da produção (D’OTTAVI, 2022, p. 86-87).

Ainda segundo D’Ottavi, tal simetria entre falante e ouvinte estabelece “(...) uma substancial homologia operacional liga os momentos produtivo e receptivo” (D’OTTAVI, 2022, p. 88). A aparente simetria entre produção e recepção não impede que o circuito seja, tradicionalmente, abordado quase exclusivamente pela perspectiva da *parole*, movimento subvertido por D’Ottavi:

O pressuposto do modelo linear de interação linguística, e o conseqüente papel simplificado do receptor, são postos em crise por uma série de observações genuinamente saussurianas frente a uma disposição ativa do lado receptivo do falante em seu trabalho de interpretação dos atos de *parole* (D’OTTAVI, 2022, p. 88).

O segundo ponto a destacar é que a disposição ativa do lado receptivo do circuito pode ser associada ao conceito de “ouvido-analista”, expressão utilizada por Herman Parret (2014) no intuito de resgatar a reflexão sobre a materialidade e seus efeitos na cadeia falada. Sob efeito do aspecto fônico da *langue*, Parret destaca:

Para Saussure, o corpo, no sentido figurado, é apenas uma Boca em movimento fisiológico e um enorme Ouvido. O corpo está na voz entre a boca e o ouvido; é essencialmente a voz que “impressiona”, solicita o ouvido, ao limite estético (PARRET, 2014, p. 14).

Para o estudioso, é a partir do ouvido que as unidades linguísticas são delimitadas na cadeia falada; ou seja, ao ouvido é atribuída a função de análise linguística, que depende da materialidade, mas não se restringe a ela⁶⁷. Giuseppe Cosenza (2016), a partir das entradas terminológicas que definem “*oreille*” (ouvido), auxilia a desvelar o vínculo conceitual entre ouvido e análise linguística via percepção dos sujeitos falantes.

Em excerto de *Phonétique*, por exemplo, ouvido é definido a partir do papel que exerce na determinação dos sons linguísticos, sendo responsável por “decidir as semelhanças, identidades e diferenças de percepções” na cadeia falada:

⁶⁷ Em artigo sobre a noção de sentimento linguístico, Emanuelle Fadda afirma: “O linguista não pode negligenciar este lado empírico, ligado à sua própria experiência como sujeito falante” (FADDA, 2013b, p. 2).

Oreille : [v. area A ; soprattutto per il ruolo che ha nella determinazione dei suoni linguistici, in questo senso inteso come organo dell’udito nel suo complesso] ; L’oreille ne peut naturellement décider que les ressemblances, identités et différences des perceptions. Ce ne sont pas les perceptions, mais leurs causes qui sont dans une dépendance mutuelle ou peut être supposée y être (p. 99). Cfr. *acoustique, phonème, sensation* (COSENZA, 2016, p. 298).

Vale ressaltar que o ouvido, nesse sentido, acaba funcionando como uma representação metonímica do falante-ouvinte. Além disso, a função de determinação e identificação dos signos acaba fortemente atrelada a uma noção de escuta. Em outra entrada terminológica verificada em Cosenza, essa interpretação é reforçada. Conforme notas do *Primeiro curso* ministrado por Saussure:

Oreille : [v. area A ; importanza dell’orecchio nel distinguere gli elementi della catena parlata] ; Il faut insister toujours sur ce point que nous ne pouvons faire des coupures, distinguer des unités dans la chaîne parlée, que grâce à l’oreille, à la donnée acoustique ; c’est elle qui nous avertit qu’à tel endroit est une voyelle, qu’on passe d’une voyelle à une consonne, d’une syllabe à une autre syllabe (p. 24). Cfr. *acoustique, chaîne parlée, phonème*{Ph ; III corso} (COSENZA, 2016, p. 476).

“Graças ao ouvido”, as unidades linguísticas são delimitadas na cadeia falada; cabe ao ouvido, portanto, distinguir o “som como tal” do “som como signo”, movimento que realizamos no Capítulo 6. Essa perspectiva atribui à escuta um papel que ultrapassa a ideia de decodificação ou passividade frente à *langue*. Excertos como esses são pequenas amostras que anunciam o lugar ocupado pela escuta na reflexão linguística saussuriana. Coursil certamente é um dos estudiosos que levou os efeitos do ouvido às últimas consequências a partir da noção de “função muda da linguagem”.

A concepção de função muda tem origem em uma releitura do circuito da *parole*. Na introdução de seu livro, Coursil vislumbra a troca entre falante e ouvinte de uma perspectiva até então inusitada:

No diálogo, falar é um acontecimento, e ouvir, uma constante. A atividade de linguagem se divide então em dois papéis dialógicos: aquele do ouvinte que fala e aquele do ouvinte que não fala; em outros termos, há, em um diálogo, tantos ouvintes quanto participantes (COURSIL, 2000, p. 13).

Nesse sentido, para Coursil, o circuito pode ser representado por duas figuras, A e B, que escutam. Isso porque, segundo o autor, “falar” é um acontecimento; “escutar” é uma constante, visto que tanto aquele que está com a palavra (falante) quanto aquele que permanece em silêncio (o ouvinte) estão sob efeito da escuta da cadeia falada. Essa lógica coloca em evi-

dência não o circuito da *parole*, mas o “circuito do ouvido”. Portanto, ao invés dos termos “falante” e “ouvinte”, poderíamos contrapô-los às expressões “ouvinte que fala” e “ouvinte que escuta”.

O intuito de pôr o ouvido em evidência não é, entretanto, substituir a preocupação teórica sobre o “ouvinte” em detrimento do “falante”, mas apontar um espaço possível para refletir teoricamente acerca de um conceito de escuta linguística. O “som percebido palavra” – a concepção de uma escuta linguística – busca resgatar a materialidade pelo viés do sentido. Para além da audição, que pode ser reduzida a um processo de decodificação passivo, busca-se encarar a escuta enquanto atividade de linguagem.

A escuta linguística

Do som ao signo e do circuito da *parole* ao circuito do ouvido, o caminho percorrido até aqui pretende sintetizar aspectos cruciais que fundamentam um conceito de escuta linguística sob efeito do ouvido saussuriano. Isso implica em pensar a escuta tanto no que se refere a seu caráter sensível-perceptível (audição) quanto no que diz respeito a seu caráter semiológico (a escuta da *parole*). A fim de sublinhar a complexidade desse conceito, buscamos o verbete “escuta” em elaborado por Roland Barthes e Roland Havas para a Enciclopédia Einaudi⁶⁸:

Ouvir é um fenômeno fisiológico; escutar é um ato psicológico. As condições físicas da audição (os seus mecanismos) podem descrever-se recorrendo à acústica e à fisiologia do ouvido; mas a escuta só se pode definir a partir do seu objeto, ou, se preferirmos, do seu objetivo (BARTHES; HAVAS, 1987, p. 137).

De início, os autores preocupam-se em distinguir “ouvir” de “escutar”. Chamamos a atenção para uma observação importante: a audição é um fenômeno fisiológico e, portanto, não é objeto de estudos do linguista. A escuta, por outro lado, possibilita abordagens distintas a depender dos objetivos. Nesse sentido, Barthes e Havas caracterizam três tipos de escuta, que podem ser interpretadas como (1) escuta indicial; (2) escuta linguística; (3) escuta psicanalítica.

A escuta indicial diz respeito a um dispositivo natural compartilhado entre animais e humanos: “a matéria-prima da escuta é o índice, quer assi-

⁶⁸ Verbetes publicados originalmente no 11º volume da *Enciclopédia Einaudi* em 1976 em língua italiana.

nale o perigo, quer permita a satisfação da necessidade” (BARTHES; HAVAS, 1987, p. 138). Esse tipo de escuta já não é compatível com a ideia de “passividade” da apreensão fisiológica de “ouvir”, visto que o “índice” precisa ser percebido e interpretado pelo agente da escuta:

Morfologicamente, ou seja, em termos de espécie biológica, a orelha parece ser feita para esta captura do índice que passa: é imóvel, fixa, ereta como um animal à espreita. Como um funil orientado do exterior para o interior, recebe o maior número possível de impressões e canaliza-as para um centro de vigilância, de seleção e de decisão (BARTHES; HAVAS, 1987, p. 138).

A seleção das impressões, captadas pela audição, possibilita que “o confuso e indiferenciado se torne distinto e pertinente” (p. 138). Tal é a natureza da escuta: distinguir, delimitar, interpretar. Estamos já a um passo da escuta linguística propriamente dita que, no lugar de basear-se em índices, é responsável pela metamorfose dos “sons” em “sentidos”.

A escuta linguística, que interpretamos a partir da proposta do verbe-⁶⁹te, está relacionada ao ato de “decifrar”: “são *signos* que se tentam captar através do ouvido, e isto é, certamente o próprio do homem: escuto como leio, ou seja, segundo determinados códigos” (BARTHES; HAVAS, 1987, p. 137, grifos dos autores). Nesse tipo de escuta, que poderíamos chamar de escuta do signo,

aquilo que é escutado (...) é o segredo, ou seja, aquilo que, oculto pela realidade, só pode aceder à consciência humana através de um código que serve, simultaneamente, para cifrar e decifrar essa realidade (BARTHES; HAVAS, 1987, p. 139).

O “código” a que fazem referência seria a *langue*, sistema de valores compartilhados socialmente por determinado grupo de sujeitos falantes e cuja manifestação concreta ocorre na cadeia falada (seja por meio da fonação, seja por meio da escrita). Sendo a *langue* um fato social, a escuta linguística coloca em cena a alteridade, já que “a ordem de escutar é o apelo total de um sujeito a outro” (BARTHES; HAVAS, 1987, p. 140). Como sugerem os autores, “a interpelação leva a uma interlocução, na qual o silêncio do ouvinte será tão ativo como a palavra do locutor: poder-se-ia dizer que a escuta fala” (BARTHES; HAVAS, 1987, p. 141). Aqui entram em cena dois aspectos fundamentais: a alteridade instaurada pela escuta e a compreensão de que a escuta é uma função muda, mas ativa, da linguagem.

⁶⁹ O atributo “linguística”, ressaltamos, não é utilizado pelos autores, sendo fruto de nossa interpretação.

Quanto à escuta psicanalítica, esta ultrapassa o âmbito linguístico e deixa-se guiar livremente pelo significante. Não sendo este nosso foco neste momento, sublinhamos apenas que aquilo que os autores chamam de noção moderna de escuta encontra-se ancorada na psicanálise e contribui para o entendimento de que “os papéis implícitos no ato de escutar já não têm a fixidez de antigamente; já não existe, por um lado, aquele que fala, se entrega, confessa e, pelo outro, o que ouve, cala, julga e sanciona; (...) sua escuta é ativa” (BARTHES; HAVAS, 1987, p. 144).

Essa breve síntese interpretativa fundamentada em Barthes e Havas busca contextualizar as diferentes concepções de escuta que reverberam em nossas pesquisas. A diferença entre “ouvir” e “escutar”, por exemplo, pode ser associada ao debate acerca do “som como tal” e do “som como signo” pelo viés da *duplessência* da linguagem, ressaltando a interdependência entre os aspectos fisiológico, acústico e psíquico (abstrato). Quanto às definições de escuta, percebe-se que os três tipos descritos pelos autores pressupõem uma posição ativa operada pelo ouvido, o que demonstramos na retomada do circuito da *parole*.

Ponderações de Arild Utaker igualmente ajudam a desvelar as implicações do ouvido na reflexão linguística saussuriana. Em um dos capítulos de sua obra *Philosophie du langage: une archéologie saussurienne* (2016), o pesquisador trata especificamente da relação entre corpo, ouvido e tempo⁷⁰, estimulado pelo problema da *duplessência* da linguagem. Destacaremos, então, considerações pontuais de Utaker que contribuem para aquilo que entendemos como uma definição de escuta linguística por um viés saussuriano.

Um dos pontos primordiais relacionados à escuta consiste na dualidade do fenômeno sonoro, tendo em vista que “a dualidade sonora explica como o corpo humano se torna um corpo de linguagem”:

Porque o som – articulado e ouvido – remete, por um lado, a um órgão – o aparelho vocal –, por outro, à função linguística exercida pela audição. A função depende de um órgão, mas não pode ser explicada a partir dele (UTAKER, 2016, p. 215).

Nesse sentido, distinguir audição de escuta parece fundamental. Se por um lado a audição diz respeito ao aspecto corporal, fisiológico, a escuta diz respeito a uma função semiológica, que depende da audição, mas

⁷⁰ Cf. Capítulo 9 – *Corps: oreille et temps* (Corpo: ouvido e tempo).

que não se reduz a ela. Levando isso em consideração, diferentemente de Utaker, reservamos o termo escuta justamente para afunção linguística exercida pela audição, estabelecendo um paralelo entre as definições de “ouvir” e “escutar” vislumbradas acima (cf. BARTHES; HAVAS, 1987). Desse ponto de vista, a audição capta o som por ele mesmo; a escuta percebe o som como signo.

Pensar a escuta em sua complexidade demanda uma atenção especial ao aspecto receptivo da linguagem, à ideia de *langue* enquanto aquilo que é percebido pelos sujeitos falantes. Lembramos, mais uma vez, que, ao evocarmos o termo sujeito falante, estamos mobilizando uma categoria que engloba sujeitos que escutam, que leem (através da escrita) ou que percebem a *langue* a partir da gestualidade (através da sinalização das línguas de sinais). “Escuta” é compreendida aqui como uma disposição ao sentido, não dependente exclusivamente da materialidade auditiva, e pode ser pensada a partir de outras materialidades das quais os sujeitos falantes lançam mão.

Este é outro aspecto primordial abordado por Utaker e que apontamos também na leitura que fazemos de Coursil, Parret e D’Ottavi. Utaker reforça: “Esquecemos que as palavras só existem quando percebidas” (UTAKER, 2016, p. 225). A função desempenhada pelo lado B do circuito da *parole*, para utilizar a expressão de D’Ottavi (2022), revela justamente a importância do ouvido na determinação das unidades linguísticas, tema também abordado a partir da discussão teórica acerca do sentimento linguístico (conforme Capítulo 9).

Isso nos leva uma vez mais a retomar a operação de delimitação das unidades linguísticas na cadeia falada. Tomando como exemplo apenas uma pequena amostra a partir do manuscrito *Phonétique*, como já apontado em Stawinski (2016) e detalhado no estudo terminológico de Cosenza em outras fontes autográficas (2016), o termo ouvido (*oreille* no original) aparece diversas vezes associado à percepção linguística como função ativa. Ao longo de *Phonétique* (SAUSSURE, 1995), o ouvido é agente dos verbos “julgar” (p. 90), “compor” (p. 88), “decidir” (p. 99), “distinguir” (p. 229) – todas ocorrências relacionadas ao papel de delimitação dos signos. Ademais, são utilizadas expressões como “julgamento do ouvido” (p. 30, 62); “sentimento do ouvido” (p. 153), o que nos leva a reforçar a interpretação do termo enquanto representação metonímica do sujeito falante.

Como Coursil buscou demonstrar a partir da ideia de função muda da linguagem, o sujeito falante, ressaltamos, está sempre implicado pela

escuta; o circuito do ouvido pressupõe que falante e ouvinte sofrem os efeitos da cadeia falada. Utaker, também nessa direção, vai além e situa o ouvido no cerne da própria definição de *langue* saussuriana: “Saussure aborda a linguagem no nível de sua recepção: eu falo porque eu recebi uma língua, e o que eu digo só se torna *langue* se for ouvido” (UTAKER, 2016, p. 227). A alteridade, posta em jogo no circuito da *parole* na relação eu-tu, é um dos pilares da *langue*.

Ressalta-se, uma vez mais, que falante e ouvinte não dizem respeito necessariamente a dois indivíduos, mas a duas posições linguísticas que operam duas funções interdependentes: a da *parole* e a da escuta. Na leitura, mesmo a silenciosa, estamos sob efeito da escuta linguística. No monólogo igualmente, pois a alteridade não está restrita ao diálogo *stricto sensu*. Utaker (2016) lembra, nesse sentido, que enquanto sujeitos falantes também somos influenciados pelo próprio ouvido. Tal é a condição da *parole*: influenciar a si própria pela escuta.

A trajetória percorrida até aqui buscou sintetizar algumas das questões teóricas que consideramos basilares para uma definição de escuta linguística a partir da teoria saussuriana. Em suma, partimos da ideia sustentada em Stawinski (2020) de que a escuta linguística é uma função ativa da linguagem operada pelo ouvido. Tal definição ancora-se na consideração de três fundamentos: (1) a *duplessência* da linguagem, a qual lembra que a escuta depende do aspecto material, mas que não se restringe a ele (para o linguista, o que importa é a união promovida entre forma e sentido); (2) o circuito do ouvido, que opera a delimitação das unidades linguísticas sob efeito da escuta da *parole*; (3) a alteridade, pois é somente na relação com o outro que a *langue* tem existência.

Certamente, ainda há muito espaço para investigar os temas que trilhamos até aqui. Considerar o aspecto fônico da *langue* parece-nos ser terreno fértil, tanto quando se pretende investigar fontes manuscritas de e sobre Ferdinand de Saussure como ao se operar deslocamentos a partir de seus princípios teóricos, tal como se pode acompanhar em estudos saussurianos contemporâneos. Certas de que ainda resta bastante a aprofundar, encerramos este livro em um gesto de convite à exploração da *langue-parole* que esteja impelida pelo ouvido. Assim seguimos, no rastro do som em Saussure, sob efeito da escuta.

REFERÊNCIAS

- ALBANO LEONI, Federico. Saussure, la syllabe et le phonème. *Histoire Epistémologie Langage*, 29.1, p. 115-136, 2007.
- BADIR, S. Is the arbitrary symmetrical? *Semiotica*, v. 2017, n. 217, p. 97-115, 2017.
- BADIR, S. Le concret et l'abstrait dans la phonologie et dans la phonétique de Saussure. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 65, p. 13-23, 2012.
- BARTHES, R.; HAVAS, R. Escuta. In: *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional Casa Moeda, 1987. v. 11, p. 137-145.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Tradução: Maria da Gloria Novak e Maria Luiza Neri. Campinas: Pontes, 1991.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Tradução: Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1989.
- BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. Tradução: Carlos Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2000.
- CASTRO, M. F. P. Sobre a analogia na reflexão saussuriana. *DELTA – Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 815-834, jul./set. 2018.
- CHIDICHIMO, A. Saussure e o sentimento: a forma do sentimento linguístico. *RUA*, Campinas, v. 15, n. 1, p. 109-122, 2015. DOI: 10.20396/rua.v15i1.8638875.
- CHOI, Yong-Ho. *Le problème du temps chez Ferdinand de Saussure*. Paris: L'Harmattan, 2002.
- CONSTANTIN, E. Linguistique générale. Cours de M. Le Professeur de Saussure. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 58, p. 79-288, 2005.
- COSENZA, G. *Dalle parole ai termini: i percorsi di pensiero di F. de Saussure*. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2016.
- COURSIL, Jacques. *La fonction muette du langage: essai de linguistique générale contemporaine*. Petit-Bourg: Ibis Rouges Éditions, 2000.
- CRUZ, M. Prefácio à edição brasileira. In: WHITNEY, W. *A vida da linguagem*. Tradução de Marcio Alexandre Cruz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- D'OTTAVI, Giuseppe. Nine Easy Pieces: Os Manuscritos de Ferdinand de Saussure em Harvard. In: *Cadernos de Historiografia Linguística do CEDOCH 2*. São Paulo: FFLCH-USP, 2017.

- D'OTTAVI, G. Ferdinand de Saussure e Monsieur B. *Bollettino di Italianistica*, v. VII, n. 1, p. 71-91, 2010.
- D'OTTAVI, Giuseppe. Ferdinand de Saussure e Monsieur B. *ReVEL*, edição especial, v. 20, n. 19, 2022. Tradução: Elisa Devit Ottaran e Luiza Milano [www.revel.inf.br].
- D'OTTAVI, G. Nine Easy Pieces: Les manuscrits de Ferdinand de Saussure à Harvard. In: CHEPIGA, V.; SOFIA, E. (orgs.). *Archives et manuscrits des linguistes*. Louvain, L'Harmattan, 2014.
- DE JORGE, Bianca. *A tradução como um fenômeno de linguagem: uma abordagem saussuriana*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- DE MAURO, T. *Édition critique du 'Cours de linguistique générale' de F. de Saussure*. Traduit par Louis-Jean Calvet. Paris: Payot, 2005.
- DE PALO, Marina. *Saussure: il soggetto parlante e gli strutturalismi. Il soggetto parlante nel pensiero linguistico del Novecento*. Roma: Carocci, 2016.
- DE PALO, Marina. Saussure: o sujeito falante. *ReVEL*, edição especial, v. 20, n. 19, 2022. Tradução: Beatriz Giacomelli, Henrique Orige e Cláudia Mendonc'a Scheeren [www.revel.inf.br].
- DELEUZE, Gilles. Em que se pode reconhecer o estruturalismo? Tradução: Hilton F. Japiassú. In: *A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras, 2010.
- DEPECKER, L. *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*. Tradução: Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- DUFOUR, Dany-Robert. *Os mistérios da trindade*. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- ENGLER, R. *Lexique de la terminologie saussurienne*, Utrecht-Anvers, Spectrum, Comité international permanent des linguistes. Publication de la commission de terminologie, 1968.
- ENGLER, R. Théorie et critique d'un principe saussurien: l'arbitraire du signe. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 19, 1962.
- FADDA, E. "'Sentiment' entre mot et terme. Quelques notes sur la langue et le travail de Ferdinand de Saussure". *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 66, p. 49-65, 2013a.
- FADDA, Emanuele. La notion de 'sentiment', la morphologie et la cognition langagière (in)consciente. Travaux du 19ème CIL | 19th ICL papers. *Congrès International des Linguistes*, Genève 20-27 Juillet 2013b.
- FADDA, Emanuele. *Sentimento della lingua: per un' antropologia linguistica saussuriana*. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2017.
- FARIA, N. R. B. Entre a leitura da fala e a escrita da língua: o fonema em Saussure. *DELTA: Documentação E Estudos Em Linguística Teórica E Aplicada*, v. 34, n. 3, 2019.

FRYDRYCH, L. *O estatuto linguístico das línguas de sinais: a libras sob a ótica saussuriana*. Dissertação (Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, RS, 2013.

FRYDRYCH, Laura A. K. Gestualidade nas línguas de sinais à luz do princípio saussuriano da dupla essência da linguagem. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, v. 1, p. 169-184, 2019.

FRYDRYCH, Laura A. K. *A essência dupla da linguagem: materialidade gestual em questão*. Tese (Doutorado) – Porto Alegre, UFRGS, 2020.

GADET, Françoise. *Saussure, une science de la langue*. Paris, PUF, 1987.

GARAY, R. G. *O Fonema: linguística e história*. Dissertação (Mestrado) – Porto Alegre, IL/UFRGS, 2016.

GODEL, R. *Les Sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. 282 S. 4°. Vol. 61. Université de Genève, 1957. Genève: Droz, 1957.

GODEL, R. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Genève: Droz, 1969.

GOMES, Janaína Nazzari. *Quando falar e ouvir é apropriar-se uma reflexão sobre apropriação de línguas estrangeiras à luz da teoria saussuriana*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

JAKOBSON, R. Saussure's unpublished reflections on phonemes. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 26, p. 5-14, 1969.

JAKOBSON, R. *Seis lições sobre o som e o sentido*. Lisboa: Moraes Editores, 1977.

JOSEPH, J. Iconicity in Saussure's Linguistic Work, and why it does not contradict the arbitrariness of the sign. *Historiographia Linguistica*, Amsterdam, v. 42, p. 85-105, 2015.

JOSEPH, J. *Saussure's sound symbolism*. History and Philosophy of the Language Sciences, 2014. Disponível em: <https://hiphilangsci.net/2014/08/06/saussures-sound-symbolism>. Acesso em: 21 jul. 2020.

MARCHESE, M. P. Introduzione. In: SAUSSURE, F. *Phonétique: Il manoscritto di Harvard*. Houghton Library, edizione a cura de Maria Pia Marchese, Università degli studi di Firenze. Padoue: Unipress, 1995.

MARCHESE, M. P. Les manuscrits saussuriens sur la phonétique, du Mémoire au Cours de linguistique générale, *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 62, p. 47-61, 2009.

MARCHESE, M. P. Linguistique indo-européenne et linguistique générale chez Saussure: un parcours de continuité à travers les manuscrits. *Langages*, 185, p. 65-73, 2012.

- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- MILANO, L.; STAWINSKI, A. “O arbitrário e/é a escuta”. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2020.
- MILANO, L. “Le statut du phonique dans le CLG”. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 70, p. 85-100. Genève: Droz, 2017.
- MILANO, L. Jakobson, a fonologia e a herança saussureana. In: REBELLO, L. S.; FLORES, V. N. *Caminhos da letras: uma experiência de integração*. Porto Alegre: Ed. Instituto de Letras/UFRGS, 2015.
- MILANO, L.; STAWINSKI, A.; GOMES, J. Por uma noção de escuta a partir do legado saussuriano. *Eutomia*, Recife, v. 17, n. 1, p. 92-104, jul. 2016.
- MILANO, Luiza; FLORES, Valdir do Nascimento. Os sentidos da voz e a definição do humano. *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, p. 8C, 12 abr. 2014.
- MILANO, Luiza. Fonético e fonológico em Saussure: o lugar do fônico no Curso de linguística geral. *Eutomia*, v. 16, n. 1, p. 245-258, 2015.
- MILANO, Luiza. O fônico em Saussure: um apêndice do Curso de linguística geral? In: FARACO, Carlos Alberto (ed.). *O efeito Saussure*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- MILANO, Luiza. *A duplessência da linguagem: afinal, de que duplo se trata?*. Saussure: manuscritos, aulas e publicações. *Coleção Linguística In Focus*, Uberlândia, n. 14, EDUFU, 2022.
- MILANO, Luiza. Leitura em voz alta compartilhada: a alteridade como espaço de escuta. In: FISCHER, Luís Augusto; OROFINO, Marta (orgs.). *Literatura na vida: experiências de ler e escrever na educação e na saúde*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020.
- MILANO, Luiza. O sertão em voz alta. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 74, p. 76-83, 2017.
- MILANO, Luiza. A noção de estrutura em linguística: uma impactante (e decisiva) repercussão. *Revista Desenredo*, Passo Fundo, v. 14, n. 3, p. 457-468, 2018.
- NANCY, J. *À escuta*. Belo Horizonte: Edições Chão de Fábrica, 2014.
- NORMAND, C. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- PARRET, Herman. *Le son et l'oreille: six essais sur les manuscritos saussureins de Harvard*. Paris: Lambert-Lucas, 2014.
- PARRET, Herman. Les manuscrits saussuriens de Harvard. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 47, p. 179-234, 1993.
- PARRET, Herman. *La voix et son temps*. Bruxelas, Bélgica: De Boeck & Larcier, 2002.

PLATÃO. Crátilo (ou da correção dos nomes). In: *Diálogos*. Tradução: Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2010.

RIBEIRO, Joana. “A língua é um traje coberto de remendos feitos de seu próprio tecido”: uma reflexão sobre os neologismos a partir da teoria saussuriana. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras. Porto Alegre, 2019.

SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale*. Col. Bibliothèque scientifique Payot. Paris: Éditions Payot, 2005. 520 p. (Établie par Tullio de Mauro).

SAUSSURE, F. de. *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique par Rudolf Engler. Wiesbaden: O. Harrassowitz, 1989-1990. 4 v.

SAUSSURE, F. de. *Course in General Linguistics*. Translation R. Harris. Chicago: Open Court, 1986.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística general*. Buenos Aires: Losada, 2018.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. Organização: Charles Bally e Albert Sechehaye. Colaboração: Albert Riedlinger. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1977.

SAUSSURE, F. de. *Escritos de linguística geral*. Organização e edição: Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução: Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

SAUSSURE, F. de. *Phonétique*. Il manoscritto di Harvard. Houghton Library, edizione a cura de Maria Pia Marchese, Università degli studi di Firenze. Padoue: Unipress, 1995.

SAUSSURE, F. de. *Science du langage: de la double essence du langage*. Édition établie par René Amacker. Genève: Librairie Droz, 2011.

SAUSSURE, F. de. *Escrips de linguistique générale*. établis et édités par Simon Bouquet et Rudolf Engler avec la collaboration d’Antoinette Weil. Paris: Gallimard, 2002.

SAUSSURE, F. de. *Théorie des sonantes*. Il manoscritto di Ginevra. Bibliothèque Publique de Genève, edizione a cura de Maria Pia Marchese. BPU: Genève, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand d. *Recueil des publications scientifiques*. Genebra: Slaktine, 1984.

SAUSSURE, Ferdinand de. Notes sur l’accentuation lituanienne. In: BOUQUET, S. (org.). *Cahiers de l’Herne*. Saussure. Paris: Éditions de l’Herne, 2003.

SILVA, K. A. “A analogia e o sentimento do sujeito falante em Saussure”. In: *DELTA – Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 919-940, jul./set. 2018.

SILVEIRA, Mélaney Dias da. *Entre linguística e poesia: dos anagramas de Ferdinand de Saussure à função poética da linguagem*. Dissertação (Mestrado) – Programa de

Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande d Sul, Porto Alegre, 2020.

SIMONE, R. The language-user in Saussure (and after). In: FORMIGARI, L.; GAMBARARA, D. (ed.). *Historical roots of linguistic theories*. Amsterdam: Benjamins, 1995. p. 233-250.

SOFIA, E. *La collation Sechehaye du 'cours linguistique générale' de Ferdinand de Saussure (1913)*. Édition, introduction et notes par E. Sofia. Leuven: Peeters, 2015.

SOFIA, E. *O estudo da obra de Ferdinand de Saussure: problemas teóricos, filológicos e editoriais*. 123º Seminário de Estudos Avançados. UFSM, Silveira Martins, 2019. (Comunicação Oral).

SORTICA, Mauricio. *A constituição do campo dos estudos do fônico no curso de linguística geral: notas para o ensino do programa linguístico saussuriano*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SOUZA, L. F. de. Platão. *Crátilo*. Estudo e tradução. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SOUZA, Marcen de Oliveira. *Os anagramas de Saussure: um percurso pelo lado pitoresco das línguas*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

STAROBINSKI, J. *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.

STAROBINSKI, J. *Les mots sous les mots*. Paris: Gallimard, 1971.

STAWINSKI, Aline. *À escuta da langue-parole: considerações a partir da teoria saussuriana*. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

STAWINSKI, A.; MILANO, L. Sobre objeto e método: do CLG ao manuscrito Phonétique. *Gragoatá*, Niterói, v. 22, n. 44, p. 1172-1183, set./dez. 2017.

STAWINSKI, Aline; MILANO, Luiza. O sentimento do falante nos manuscritos saussurianos. *Prolíngua*, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 259, 2021.

STAWINSKI, Aline. *À escuta da langue-parole: considerações a partir da teoria saussuriana*. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

STAWINSKI, Aline. A heterogeneidade na transcrição de fala sintomática: marcas subjetivas. *XXIV Salão de Iniciação Científica*. Anais. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

STAWINSKI, Aline. *A subjetividade na linguagem: aspectos linguísticos*. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

STAWINSKI, Aline. *O aspecto fônico da língua: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta saussuriana*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SUENAGA, A. Des deux arbitraires, absolu et relatif, à un arbitraire “primaire” – le fait linguistique et le devenir du signe chez Saussure. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 52, 1999.

SURREAUX, L. *Linguagem, sintoma e clínica em Clínica de Linguagem*. Tese (Doutorado em Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SURREAUX, L. O “efeito de transcrição” na escuta de falas desviantes: Uma leitura enunciativa. *Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso*, 2010, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: Núcleo de Estudos do Discurso, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

SURREAUX, Luiza Milano. O rastro do som em Saussure. *Nonada*, v. 20, n. 1, p. 285-295, 2013.

TESTENOIRE, Pierre-Yves. Poétique saussurienne, poétique jakobsonienne: Quels rapports? *Selected papers from the 13th International Conference on the History of the Language Sciences*, Portugal, agosto, 2014.

TESTENOIRE, Pierre-Yves. Saussure e a poética comparada. *Eutomia*, Recife, v. 16, n. 1, dez. 2015.

TOLEDO, Dionísio. *Círculo Linguístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre: Globo, 1978.

UTAKER, Arild. *La philosophie du langage: une archeologie saussurienne*. Limoges: Lambert-Lucas, 2016.

WHITNEY, William. *A vida da linguagem*. Tradução: Marcio Alexandre Cruz. Petrópolis: Vozes, 2010.

NOTA BIBLIOGRÁFICA

As ideias presentes nos capítulos que compõem este livro são baseadas em artigos reunidos pela mesma temática – Saussure e o aspecto fônico da *langue* – publicados pelas autoras individualmente ou em coautoria entre os anos de 2013 e 2022. Tais textos podem ser conferidos nas respectivas revistas, conforme apontado a seguir, e foram organizados por colegas pesquisadores do campo. No entanto, todos os textos foram revisados, ampliados e atualizados conjuntamente para publicação no presente livro. Também, na maioria dos capítulos, foram suprimidos os trechos longos de citações em idiomas estrangeiros e substituídos pela tradução por nós realizada especificamente para a presente publicação.

SURREAUX, L. M. O rastro do som em Saussure. *Nonada: letras em revista*, v. 20, p. 102, 2013.

MILANO, L. Fonético e fonológico em Saussure: o lugar do fônico no Curso de Linguística Geral. *Eutomia*, Recife, v. 1, p. 245, 2015.

MILANO, L. O Que Cabe em um Signo Linguístico: O caso do fonema. *Eutomia*, Recife, v. 1, p. 67-78, 2016.

STAWINSKI, A. V.; MILANO, L. Sobre objeto e método: do CLG ao manuscrito Phonétique. *Gragoatá*, v. 22, n. 44, p. 1.172-1.183, 2017.

STAWINSKI, A. V. O “som” como figura vocal e o “som” como signo: considerações a partir da dupla essência da linguagem. *Leitura*, [S. l.], v. 1, n. 62, p. 69-85, 2018.

MILANO, L. Saussure e o aspecto fônico da língua. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 34(3), 2019.

MILANO, L. “As coisas significam alguma coisa?”: sobre as limitações do arbitrário do signo. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 23, n. 3, p. 828-837, jul./set. 2020.

MILANO, L.; STAWINSKI, A. V. O arbitrário e/é a escuta. *Revista Todas as Letras* (MACKENZIE – on-line), v. 22, p. 1-17, 2020.

STAWINSKI, A. V.; MILANO, L. O sentimento do falante nos manuscritos saussurianos. In: *Prolíngua*, João Pessoa, v. 16, p. 259-270, 2021.

STAWINSKI, A. V. O som percebido palavra: a escuta linguística e o “ouvido” saussuriano. *ReVEL*, edição especial, v. 20, n. 19, 2022.

A partir de sua pesquisa, as autoras lançam luz nova sobre tópicos saussurianos muitas vezes negligenciados ou lidos muito superficialmente como as noções de fonética, fonologia e fonema; exploram a questão do concreto e do abstrato no estudo do fônico; retomam o tema da unidade linguística, tão fulcral no pensamento de Saussure; revisitam o princípio do caráter arbitrário do signo; releem o conceito de significante; dissertam sobre a dupla essência da linguagem; e, alimentadas pelo universo conceitual saussuriano, avançam por sendas como a questão da escuta nos estudos da linguagem e o tema do sujeito falante em Saussure. Há, pois, nesta obra, uma ampla costura conceitual que nasce de uma leitura extensiva e modelar dos textos e que dialoga com um conjunto expressivo de estudiosos contemporâneos do legado saussuriano. Dessa forma, o livro abre novas e instigantes perspectivas não só para os que se dedicam aos estudos saussurianos, mas para os linguistas em geral.

Carlos Alberto Faraco

